

FACULDADE DE LETRAS / UFRJ

ALEXANDRA MOUZINHO DE OLIVEIRA

**INSERÇÃO E APAGAMENTO DE [w] EM POSIÇÃO DE CODA:
Uma análise pela Geometria de Traços**

**Rio de Janeiro
2006**

Alexandra Mouzinho de Oliveira

**INSERÇÃO E APAGAMENTO DE [w] EM POSIÇÃO DE CODA:
Uma análise pela Geometria de Traços**

Volume Único

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves

**Rio de Janeiro
2006**

S237 Oliveira, Alexandra Mouzinho de.

Inserção e apagamento de [w] em posição de coda: Uma análise pela Geometria de Traços / Alexandra Mouzinho de Oliveira. Rio de Janeiro, 2006.

xi, 147 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Orientador: Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

1. Fonologia. 2. Geometria de Traços 3. Letras – Teses.
I. Gonçalves, Carlos Alexandre Victorio (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa
de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Inserção e apagamento de [w].

CDD: 658.4

Alexandra Mouzinho de Oliveira

INSERÇÃO E APAGAMENTO DE [w] EM POSIÇÃO DE CODA:
Uma análise pela Geometria de Traços

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2006.

Professor Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, UFRJ
(orientador)

Professora Doutora Sílvia Figueiredo Brandão, UFRJ

Professora Doutora Christina Abreu Gomes, UFRJ

Professora Doutora Carmen Teresa Dorigo, UFRRJ
(suplente)

Professora Doutora Maria Lúcia Leitão, UFRJ
(suplente)

SINOPSE

Estudo sobre a inserção e o apagamento da semivogal [w] após a vogal [o]. Verificação da frequência de dados na fala da cidade do Rio de Janeiro e de Itajubá, MG. Análise no âmbito da Geometria de Traços. Investigação das restrições envolvidas nos fenômenos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de sabedoria, pela inspiração.

Ao orientador Carlos Alexandre Gonçalves, pela paciência inenarrável e pela prestimosa contribuição na execução deste trabalho.

À professora Sílvia Rodrigues, pela prontidão em auxiliar com o uso do Goldvarb.

Ao companheiro de todas as horas, Abel Ewen, pela incansável dedicação na escolha dos informantes cariocas, nas viagens até Minas Gerais e por todo o incentivo durante a elaboração do trabalho.

Aos amigos itajubenses, Rosilene Santos e Julivaldo Santos, pela presteza na escolha dos informantes mineiros, nas entrevistas e pela hospedagem.

Ao publicitário Robson Araújo, pelas ilustrações gentilmente cedidas para a confecção do terceiro *corpus*.

Ao corpo docente da Escola Municipal Fernando Maximiliano, pela notável cooperação na coleta de dados escritos.

Aos informantes itajubenses e cariocas, pelos vários minutos dispensados para a composição dos dois primeiros *corpora*.

*"Há pessoas que desejam saber
só por saber, e isso é curiosidade;
outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade;
outras, para enriquecerem com a sua ciência,
e isso é um negócio torpe;
outras, para serem edificadas, e isso é prudência;
outras, para edificarem os outros, e isso é amor."
(S. Tomás de Aquino)*

RESUMO

OLIVEIRA, Alexandra Mouzinho de. *Inserção e apagamento de [w] em posição de coda: uma análise pela Geometria de Traços*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Este trabalho objetiva investigar, no português do Brasil, o papel dos contextos fonológicos 1) na redução do ditongo decrescente [ow], como em /'pow.kU/ – ['po.ku], e 2) na inserção da semivogal [w] após a vogal labial [o], como em /pe 'so.a/ – [pe 'sow.a] e /boN 'boN/ – [bõw^m'bõw^m]. Os corpora usados são a leitura e a fala espontânea de doze informantes, sendo seis do Rio de Janeiro e seis de Minas Gerais. Além disso, redações de alunos das séries iniciais são utilizadas a fim de observar a influência desses fenômenos na escrita. A investigação segue o modelo da Geometria de Traços (Clements & Hume, 1995), que assume uma organização interna dos sons da fala em camadas, permitindo a manipulação de seus traços individualmente ou em grupo. A análise de dados mostrou que a semivogal recuada [w] é suprimida devido ao Princípio do Contorno Obrigatório, o qual estipula que dois segmentos orais labiais adjacentes não podem ocorrer na mesma camada autosegmental. Por outro lado, o *glide* labial surge a) em hiato final, a fim de respeitar uma restrição que exige onset e outra que proíbe hiatos; e b) em contexto nasal pela assimilação de traços da vogal nasal.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Alexandra Mouzinho de. *Inserção e apagamento de [w] em posição de coda: uma análise pela Geometria de Traços*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

This study aims to research, in Brazilian Portuguese, the role of the phonological contexts 1) on the decreasing diphthong [ow] reduction, as in /¹pow.kU/ – [¹po.kU], and 2) on the insertion of the semivowel [w] after the labial vowel [o], as in /pe¹so.a/ – [pe¹sow.a] and /boN¹boN/ – [bõw^mbõw^m]. The corpora used are the reading and the spontaneous speech of twelve informants, six from Rio de Janeiro and six from Minas Gerais. Besides, some composition of initial grade students are utilized to observe the influence of these phenomena in writing. The investigation follows the Feature Geometry Model (Clements & Hume, 1995), which assumes an internal organisation of speech sounds in tiers, allowing the manipulation of their features individually or in group. Data analysis showed that the back semivowel [w] is suppressed due to the Obligatory Contour Principle, which stipulates that no two adjacent labial oral segments may occur on the same autosegmental tier. On the other hand, the labial glide arises a) on final hiatus, in order to respect a constraint that exiges onset and another which forbids hiatus; and b) on nasal context by assimilation of the nasal vowel's features.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OS DITONGOS DO PORTUGUÊS	16
2.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS	16
2.2 OS DITONGOS DO PORTUGUÊS NA LITERATURA	22
2.2.1 Visão das gramáticas tradicionais	22
2.2.2 Propostas estruturalistas	24
2.2.3 Os ditongos em uma perspectiva métrica	25
2.2.4 Análise alternativa de Gonçalves e Costa	25
2.3 ABORDAGENS SOBRE O APAGAMENTO DA SEMIVOGAL [w]	28
2.4 ABORDAGENS SOBRE A INSERÇÃO DA SEMIVOGAL [w]	32
3 A GEOMETRIA DE TRAÇOS	39
3.1 UM MODELO AUTOSSEGMENTAL	39
3.2 ELEMENTOS DA ESTRUTURA ARBÓREA	46
3.2.1 Nó de raiz	46
3.2.2 Nó laríngeo	48
3.2.3 Nó cavidade oral	48
3.2.4 Nó ponto de consoante	49
3.2.5 Nó vocálico	50
3.2.6 Nó pontos de vogal	51
3.2.7 Nó abertura	52
3.3 TIPOS DE SEGMENTO	53
3.4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA TEORIA AUTOSSEGMENTAL	55
3.4.1 Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação	55
3.4.2 Princípio do Contorno Obrigatório	56
4 METODOLOGIA	59
4.1 ETAPAS DO TRABALHO	59
4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	63
4.3 PERFIL DOS INFORMANTES	67
5 AS VARIÁVEIS	70
5.1 DITONGO GRÁFICO	70
5.1.1 A variável dependente	70
5.1.2 As variáveis lingüísticas	71
5.1.2.1 Classe morfológica	71
5.1.2.2 Contexto precedente	71
5.1.2.3 Contexto seguinte	72
5.1.3 As variáveis extralingüísticas	72
5.2 CONTEXTO NASAL	73
5.2.1 A variável dependente	73
5.2.2 As variáveis lingüísticas	73
5.2.2.1 Tonicidade	74
5.2.2.2 Posição na palavra	74
5.2.2.3 Contexto seguinte	74

5.2.2.4 Vogal da sílaba seguinte	75
5.2.2.5 Contexto precedente	75
5.2.2.6 Estilo discursivo	76
5.2.3 As Variáveis extralingüísticas	76
5.3 HIATO FINAL	77
5.3.1 A variável dependente	77
5.3.2 As variáveis lingüísticas	77
5.3.2.1 Número de sílaba	78
5.3.2.2 Vogal final	78
5.3.2.3 Contexto precedente	79
5.3.2.4 Ênfase	79
5.3.2.5 Estilo discursivo	79
5.3.3 As Variáveis extralingüísticas	80
6 RESULTADOS	81
6.1 A REDUÇÃO DE [ow]	81
6.1.1 Supressão da semivogal labial na fala	81
6.1.2 Supressão da semivogal labial na escrita	83
6.1.2.1 A primeira etapa de análise	84
6.1.2.2 A segunda etapa de análise	87
6.1.2.3 A terceira etapa de análise	88
6.1.2.4 Os nomes próprios	90
6.1.3 O apagamento de [w]: formalização	91
6.2 A DITONGAÇÃO EM CONTEXTO NASAL	95
6.2.1 Na escrita	95
6.2.2 Em Minas Gerais	96
6.2.3 No Rio de Janeiro	98
6.2.4 Formalização da ditongação em contexto nasal	104
6.3 A DITONGAÇÃO EM HIATOS FINAIS	112
6.3.1 Os hiatos na escrita	113
6.3.2 Os hiatos na fala de Minas Gerais	114
6.3.3 Os hiatos na fala do Rio de Janeiro	116
6.3.4 Formalizando a inserção de [w] em hiatos finais	119
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	131

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

FIGURAS

01	Matriz do segmento [s]	39
02	Associação permitida (a) e associações proibidas (b, c, d, e) pela Fonologia Clássica	40
03	Árvore geométrica dos traços organizados em camadas	42
04	Estrutura dos segmentos consonantais e vocálicos	43
05	Representação da seqüência [ta]	44
06	Representação do processo de espraçamento	45
07	Compartilhamento de um mesmo traço	45
08	Escala de sonoridade dos segmentos	47
09	Representação dos traços do nó de raiz	47
10	Espraçamento do nó da Cavidade Oral	49
11	Espraçamento do nó de Ponto de C	50
13	Espraçamento do nó vocálico através de uma consoante simples	51
14	Graus de abertura das vogais contrastivas do português	52
15	Segmento simples	53
16	Segmentos complexos	54
17	Segmento de contorno	54
18	Associação proibida (a) e associações permitidas (b, c, d) pela Fonologia Não-Linear	55
19	Espraçamento do nó de Ponto de C	56
20	Representação de segmentos idênticos adjacentes	57
21	Fusão de elementos idênticos adjacentes	57
07	Representação das vogais coronais e dorsais	92
08	Representação das vogais coronais, dorsais e labiais	92
09	Representação da fusão do nó abertura	93
10	Fusão de vogais idênticas	94
11	Apagamento do elemento idêntico	94
24	Efeito de borda na seqüência /oN/	105
25	Epêntese da semivogal labial nasal por espraçamento do Ponto de V	107
27	Espraçamento do Ponto de V e do Ponto de C	109
28	Ausência de espraçamento devido à presença de segmento coronal adjacente	109
35	Inserção da semivogal labial por espraçamento do Ponto de V	119
36	Ressilabificação da vogal final coronal	120
37	Inserção da semivogal [w] na posição de coda silábica	121
38	Ambissilabicidade da semivogal labial epentética	121
39	Ressilabificação da vogal final labial	122

GRÁFICOS

01	Redução do índice de monotongação conforme o avanço das séries	85
02	Decréscimo no índice de monotongação conforme a idade	90

QUADROS

14	Classificação do ditongo decrescente segundo alguns autores	22
15	Ditongos decrescentes a considerar	26
16	Ditongos decrescentes legítimos do português	27
01	/oN/ tônico não-final seguido de variados contextos	64
02	/oN/ pretônico seguido de variados contextos	65
03	Hiatos <oa>, <oe> e <ôo> em posição final e não-final, de acordo com o acento ...	66

TABELAS

01	Influência da variável série na supressão do <i>glide</i>	84
02	Influência da variável classe morfológica na supressão do <i>glide</i>	86
03	Influência da variável status morfológico na supressão do <i>glide</i>	87
04	Fatores lingüísticos eliminados	88
05	Influência da variável gênero na supressão do <i>glide</i>	89
06	Influência da variável idade na supressão do <i>glide</i>	89
12	Influência da variável vogal seguinte na inserção da semivogal em MG	97
13	Influência da variável contexto seguinte na inserção da semivogal em MG	98
14	Influência da variável vogal seguinte na inserção da semivogal – RJ	99
15	Influência da variável faixa etária na inserção da semivogal – RJ	100
16	Influência da variável contexto seguinte na inserção da semivogal – RJ	100
17	Influência da variável gênero na inserção da semivogal – RJ	101
18	Influência da variável tonicidade na inserção da semivogal – RJ	101
19	Influência da variável estilo discursivo na inserção da semivogal – RJ	102
20	Influência da variável vogal seguinte na inserção da semivogal – RJ	103
21	Influência da variável contexto seguinte na inserção da semivogal – RJ	103
22	Influência da variável contexto precedente na inserção da semivogal – RJ	104
23	Favorecedores e desfavorecedores da ditongação em Minas Gerais e no Rio de Janeiro	105
29	Ditongação do hiato finais na escrita	113
30	Influência da variável vogal final na epêntese de [w] – MG	115
31	Influência da variável contexto precedente na epêntese de [w] – MG	115
32	Influência das variáveis gênero e faixa etária na epêntese de [w] – RJ	116
33	Influência da variável vogal final na epêntese de [w] – RJ	117
34	Grupos eliminados no Rio de Janeiro	118

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva investigar, no português do Brasil, os contextos favorecedores da inserção da semivogal [w] após a vogal média labial, como ocorre em /pe¹so.a/ – [pe¹sow.a], /boN¹boN/ – [bõw^m¹bõw^m]¹, e do seu apagamento, como em /¹pow.kU/ – [¹po.kU], para, em seguida, examiná-los sob a visão da Geometria de Traços (Clements & Hume 1995).

A escolha do tema deve-se à inconstância no uso da semivogal recuada pelos falantes brasileiros, visto que há uma tendência generalizada ao seu apagamento em palavras grafadas com <ou> (Gonçalves e Costa, 1995), ocorrendo, contudo, o seu surgimento em contexto nasal ou em hiatos, sem se tornar categórico.

A investigação dos motivadores da supressão de [w] no ditongo decrescente [ow] atém-se à escrita, visto que há vários trabalhos referentes ao fenômeno na fala, cujos resultados são aqui considerados. O objetivo é verificar se a escola consegue recuperar, na escrita, um ditongo que, na língua oral, ocorre apenas em situações muito formais e em nomes próprios (cf. Gonçalves, 1997).

Os *corpora* utilizados são 1) a leitura, por parte de doze informantes, de textos contendo formas passíveis de ditongação (como ‘pessoa’ e ‘bomba’); 2) o relato de leitura desses mesmos doze informantes, distribuídos por gênero e três faixas de idade, sendo seis da cidade do Rio de Janeiro e seis do interior de Itajubá, Minas Gerais; além de 3) textos escritos por alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, matriculados em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro.

A leitura é utilizada, uma vez que é possível concentrar, em apenas alguns textos, um grande número de vocábulos com os contextos em estudo, fato difícil de controlar em um

¹ Não são tratados, aqui, os casos de hipercorreção, como em ‘douze’.

acervo de fala espontânea. Esta, no entanto, livre da formalidade da leitura, revela a forma utilizada pelos falantes no cotidiano, permitindo verificar a ocorrência do fenômeno em situação mais natural de uso da língua. Já a utilização dos textos produzidos pelos alunos iniciantes tem o objetivo de verificar se há, na escrita de falantes em fase de alfabetização, influência da fala, no que se refere ao comportamento dos fenômenos em exame.

Estipulam-se quatro hipóteses gerais: 1) não há contexto específico que favoreça a redução de [ow] na escrita, assim como na fala; 2) em contextos nasais, a adjacência de coronais desfavorece a ditongação; 3) no Rio de Janeiro, a ditongação em contexto nasal é categórica em final de palavra; e 4) ocorre inserção não-categórica de [w] em hiatos finais.

A frequência e o peso relativo dos dados recolhidos são obtidos com o uso do pacote Goldvarb, 2001. Em seguida, a análise é feita a partir da Geometria de Traços (Clements & Hume, 1995), modelo que permite segmentar os sons das línguas em partes independentes, agrupando seus traços em nós de classe e os hierarquizando em uma estrutura arbórea, de modo a permitir que essas propriedades sejam manipuladas isoladamente ou em conjunto.

A Fonologia Autossegmental propõe que os traços sejam segmentados de maneira independente e suprime, assim, o Princípio da Bijetividade entre o segmento e o seu conjunto de traços, possibilitando a correspondência não-linear. Essa visão permite, por exemplo, que uma determinada raiz seja compartilhada por dois segmentos, o que explica alguns fenômenos existentes na língua, dentre eles o compartilhamento da semivogal na ditongação dos hiatos finais.

2 OS DITONGOS DO PORTUGUÊS

Este capítulo visa à apresentação (a) de um breve histórico dos ditongos decrescentes orais do latim ao português do Brasil (seção 2.1), (b) de uma visão geral sobre a literatura atual acerca dos ditongos da língua (seção 2.2) e (c) da abordagem de alguns trabalhos sobre a redução do ditongo [ow] (seção 2.3) e sobre a inserção da semivogal [w] em contexto nasal e em hiato (seção 2.4).

Na segunda seção, são apresentadas a visão das gramáticas tradicionais e as propostas estruturalistas de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1953) e de Eunice Pontes (1965); em seguida, resenha-se a proposta métrica de Leda Bisol (1992), que classifica os ditongos em verdadeiros e falsos. Logo após, é mostrada a visão de Gonçalves e Costa (1995), que classificam os ditongos em legítimos e ilegítimos. Na terceira seção, são abordados os trabalhos sobre a supressão da semivogal posterior na fala do Rio de Janeiro (PAIVA, 1996, GONÇALVES & COSTA, 1997), de Belo Horizonte (ASSIS VEADO, 1983), de João Pessoa (SILVA, 2004) e no âmbito da Teoria da Otimalidade (DAMULAKIS, 2005). Finaliza-se o capítulo, na quarta seção, com uma breve descrição dos poucos estudos sobre ditongação a que se teve acesso: Gean Damulakis (2005) e Leda Bisol (2002).

2.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS

O Latim Clássico possuía uma grande variedade de ditongos crescentes, como em *iam*, *Iesus*, *uacca*, e apenas quatro ditongos decrescentes (cf. TARALLO, 1989). No âmbito destes últimos, havia dois ditongos com semivogal anterior (/ae/ e /oe/) e dois outros com semivogal posterior (/aw/ e /ew/), como é mostrado nos exemplos em (01).

(1)

Segundo estudos de Palladino Neto (1995), o ditongo raro /ew/ já é encontrado em textos de 300 a.C. em alternância com /ow/ (neuem ~ nouem), demonstrando, assim, que a vogal assimila da semivogal que a segue o traço labial. Ainda em época pré-literária, esse ditongo /ow/ evolui para /u/. Na linguagem popular, no entanto, [ew] simplifica-se para /o/, de modo que é encontrado no latim clássico apenas em vocábulos emprestados, nos quais esse ditongo alterna com a forma monotongada /o/, como se vê nos seguintes exemplos:

- (5) /ew/ > /o/
 Eusebiu > Osébio
 Eulalia > Olália ~ Olalha
 Eugeniu > Ogênio

Ainda de acordo com Palladino Neto (1995), na evolução da língua, o ditongo /ew/ retorna após alterações vocálicas nas palavras, como, por exemplo, em seiue > seue > seu. No ditongo /aw/, a vogal associa o traço labial de /w/ e varia para /o/, formando, mais uma vez, o então extinto ditongo /ow/. Os exemplos aparecem em (6), a seguir:

- (6) /aw/ > /ow/
 paucu > pouco
 pausare > pousar
 auru > ouro

Além dessa mudança, Coutinho (1979:109) afirma que o ditongo decrescente /aw/ alterna desde o Império com a vogal média posterior “na língua da plebe”:

- (7) paupere > *popere > pobre
 auricula > oric(u)la > orelha

Em sílaba átona, no entanto, ocorre a síncope do /w/ quando há, na sílaba seguinte, vogal alta posterior, como se vê nos dados em (8), retirados de Coutinho (1979):

- (8) *augustu* > agosto
 auguriu > **aguriu* > agoiro > agoro

É interessante notar que o ditongo /ow/, surgido em época remota como variação do ditongo /ew/, e na era cristã como estágio de /aw/, não se mantém na língua, sendo constantemente reduzido à vogal alta /u/ ou à média /o/. Pode-se afirmar, portanto, que a monotongação de /ow/ vem de longa data e, sempre que esse ditongo “retorna” à língua, acaba se simplificando.

Como uma consequência da evolução da língua, alguns ditongos ressurgem no português e outros são formados a partir de diversos processos, tais como os que seguem.

a) Ocorre a supressão de consoante medial, unindo duas vogais, que passam a formar um ditongo.

- (9) *malum* >> mau *lege* >> lei
 animales>> animais *papeles* >> papéis

b) Há ajuste dos vocábulos latinos ao molde silábico do português, que aceita somente o fonema lateral e os arquifonemas nasal, sibilante e vibrante (além de semivogais) em posição pós-vocálica (cf. MATTOSO CÂMARA, 1953, e CHRISTÓFARO SILVA, 2000, entre outros). Ocorre, assim, a vocalização das oclusivas pós-vocálicas que passam a se realizar como semivogal alta anterior.

- (10) *regnu* >> reino *factu* >> **faitu* >> feito
 conceptu >> conceito *absentia* >> ausência

c) Em algumas formas da língua, consoantes laterais se vocalizam em posição de margem de sílaba, fenômeno hoje recorrente no português falado no Brasil (cf. CHRISTÓFARO SILVA, 2000). Observem-se os exemplos em (11):

- (11) alt(e)ru > * outro > outro
 calce > *cauce > couce > coice

d) Em tempos mais remotos (cf. TARALLO, 1989), a metátase leva ao ditongo /ay/, que passa a /ey/ (12a), enquanto o mesmo fenômeno, em tempos mais recentes, leva à manutenção do ditongo (12b).

- | | |
|---------------------------------|-------------------------------|
| (12) a) | b) |
| primariu > *primairo > primeiro | rabie > rabia > ravia > raiva |
| librariu > *livrairo > livreiro | apiu > aipo |

e) Por fim, um último processo fonológico que explica a grande variedade de ditongos decrescentes em português é a inserção de semivogal em hiato, de modo a desfazê-lo. Os exemplos a seguir mostram que uma semivogal epentética aparece entre as vogais adjacentes, criando um hiato separado por ditongo decrescente:

- (13) credo > creo > creio
 frenu > frêo (arc.) > freo > freio
 tela > tea > teia

Vale observar a rejeição, desde o latim, a hiatos, que são desfeitos não somente pela ditongação, conforme visto acima, mas também: 1) pela crase (teer >> ter , seer >> ser, escaecer >> esquecer , maestre >> mestre); 2) pela associação de traços entre consoante e vogal (angeo >> anjo, rigeo >> rijo), ou 3) pelo desenvolvimento de som palatal nasal (mãia >> minha, ṽio >> vinho).

Curioso é o fato de se encontrar, ao longo da evolução da língua, apenas a semivogal anterior desfazendo hiatos, mas não a posterior. Essa ausência de dados sugere que o *glide* labial passa a realizar essa função nos dias atuais, pois o fenômeno não é registrado em nenhuma gramática histórica consultada (COUTINHO, 1979, SILVA NETO, 1976, WILLIAMS, 1975), nem em estudos diacrônicos da língua (PALLADINO NETO, 1995).

2.2 OS DITONGOS NA LITERATURA DO PORTUGUÊS

No quadro abaixo, observa-se a classificação dos ditongos segundo alguns autores, cujas propostas são apresentadas nas seções seguintes.

Autores	Pontes (1965)	Câmara Jr. (1953)	Bisol (1992)	Gonçalves & Costa (1995)
Classificação dos Ditongos	vogal + <i>glide</i> fonêmico / ' õmẽỹ/	ditongo propriamente dito / ' fawna/ / ' peyxi/	verdadeiro ditongo / ' fawna/ / ' heynu/	legítimo / ' fawna/ / ' peyxi/
	vogal + <i>glide</i> fonêmico / ' bowa/	semiditongo / ' boa/ [' bowa] / ' omeN/ [' õmẽỹ]	falso ditongo / ' pexI/ [' pexi]~[' peyxi] / ' õmI/ [' õmi]~[' õmẽỹ]	ilegítimo / ' bowa/
Status fonêmico de [y,w]	consoante	semivogal	semivogal	semivogal

(14) – Classificação do ditongo decrescente segundo alguns autores

2.2.1 Visão das Gramáticas Tradicionais

Com o objetivo de verificar como são estudados em escolas e universidades os ditongos decrescentes [ow, õw] e o hiato final [' o.V], revisam-se algumas gramáticas

tradicionais de ensino médio (CEGALLA, 2005) e superior (BECHARA, 2001, CUNHA & CINTRA, 2001).

Nas gramáticas de Evanildo Bechara (2001) e de Cegalla (2005), o ditongo [ow] faz parte dos 13 ditongos decrescentes orais da língua portuguesa. Celso Cunha e Lindley Cintra (2001:47), no entanto, afirmam que há a redução de [ow] a [o] na pronúncia corrente de Portugal e do Brasil e consideram que o ditongo somente “*se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego*”. Essa redução, conforme os autores, leva ao desaparecimento de distinção em formas como ‘poupa/popa’, ‘bouba/boba’. Cunha e Cintra observam, ainda, que, devido à vocalização da lateral em posição de coda em alguns dialetos do Brasil, “*ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como gol [‘gow], soltar [sow’tax]; sol [‘s w], molde [‘m wdi].*” (CUNHA & CINTRA, 2001:47).

Por outro lado, as três gramáticas concordam com a existência de apenas cinco ditongos decrescentes nasais: [ãỹ], [ãw̃], [ẽỹ], [õỹ] e [ũỹ], como em **mãe**, **mão**, **bem**, **põe** e **muíto**, respectivamente. Como se nota, embora admitam a presença de um ditongo na seqüência final /eN/, nenhuma gramática consultada prevê a ocorrência do ditongo [õw̃] em palavras como ‘**bom**’, ‘**som**’, ‘**pomba**’ ou ‘**concha**’. Ao contrário, elas entendem a seqüência /oN/, ao menos no interior da palavra, como a representação de um dígrafo (cf. CEGALLA, 2005:31, BECHARA, 2001:73, CUNHA & CINTRA, 2001:52), ou seja, de dois segmentos pronunciados como vogal nasal: **sondo** [‘sõ.du], **pombo** [‘põ.bu], **ombro** [‘õ.brɔ] e **onda** [‘õ.da]².

No que se refere a hiatos, há uma divergência entre a gramática de Cegalla e a de Cunha & Cintra. Para estes, “*quando átonos finais, os encontros escritos –ia, –ie, –io, –oa, –ua, –ue e –uo são normalmente DITONGOS CRESCENTES*” (grifo do autor), principalmente na

² Foram utilizados no terceiro *corpus* os vocábulos ‘sonda’, ‘pomba’, ‘ombro’ e ‘onda’.

escrita, que exige a união dos dois segmentos na mesma sílaba, como *má-goa*, *tê-nue* e *ár-duo*, por exemplo, podendo, no entanto, ser emitidos como hiatos.

Cegalla, por sua vez, discute a existência de ditongo crescente em ‘área’ e ‘róseo’, visto que, segundo o autor, na pronúncia brasileira “*o primeiro fonema do encontro vocálico de tais vocábulos é proferido com intensidade bastante sensível, aproximando-se mais de vogal do que de semivogal*” (CEGALLA, 2005:26).

Dentre as gramáticas mencionadas, somente a de Cegalla prevê a ambissilabidade quando já existe uma semivogal gráfica, como em ‘saia’ (sai-ia), ‘teia’ (tei-ia), ‘tuxuaua’ (tuxuau-ua) e ‘correio’ (correi-io) (cf. CEGALLA, 2005:27).

Como se nota, os autores não tratam da ditongação na seqüência /oN/, que é compreendida como uma vogal nasal, tampouco fazem referência à possibilidade de inserção da semivogal posterior em hiatos. Convém lembrar que a semivogal gráfica em ‘teia’, por exemplo, citada por Cegalla como ambissilábica, surgiu no processo evolutivo da língua justamente para que o hiato fosse desfeito, conforme exemplos em (13) deste capítulo.

2.2.2 Propostas estruturalistas

Mattoso Câmara Jr. (1953) trata as semivogais como vogais assilábicas, por ocuparem, na sílaba, posição de consoante. Dessa forma, o autor admite a possibilidade de núcleo complexo, ou seja, com duas vogais. Pontes (1965), no entanto, agrupa as vogais assilábicas no quadro das consoantes, visto que elas ocorrem em periferia de sílaba; jamais como núcleos. Procedendo assim, Pontes evita núcleo complexo e a criação de nova classe de sons.

Câmara Jr. pauta-se nas oposições distintivas entre ditongos (*sei* / *sou*), entre ditongos e vogais simples (*feira* / *fera*), e entre ditongos e hiatos (*vou* / *vôo*). Pontes, por sua vez, não

observa tais oposições entre ditongos e hiatos, uma vez que, de acordo com a autora, elas são raras na variedade coloquial não-tensa.

Pontes interpreta a ocorrência da semivogal como fonêmica em casos como [bowa] e [tuwa], visto que há oposição entre /y/ e /w/, como nos pares análogos /a¹ pɔyu/-/¹ bɔya/; /¹ tuya/-/¹ tuwa/. Para Câmara Jr., nesses casos não há contraste entre semivogais, mas entre ditongo e vogal simples, dado que a semivogal não é homorgânica à vogal precedente em ‘apoio’ e ‘tuia’. Para o autor, /y/ e /w/ surgem para desfazer hiatos.

Câmara Jr. considera a ausência da semivogal como fonêmica e sua presença com subfonêmica, uma vez que ela não tem valor distintivo. Dessa forma, Câmara Jr. dá conta dos fatos em termos funcionais, ao contrário de Pontes que não capta a diferença entre semivogal fonêmica (‘pai’/ ‘pá’) e não-fonêmica (‘boa’-[bowa]).

2.2.3 Os ditongos em uma perspectiva métrica

Bisol (1992) considera a existência de dois tipos de ditongos: os verdadeiros e os falsos. Segundo a autora, ditongos verdadeiros são duas vogais ligadas à mesma rima, formando, assim, um núcleo complexo, como em ‘reino’ e ‘fauna’. Ditongo falso é, nas palavras da autora, “*apenas uma vogal que se bifurca em nível mais próximo à superfície, originando o ditongo alternante de uma só vogal*” (p.285), como em ‘peixe’ e ‘roubo’. Nesse caso, a sílaba é considerada leve por ter rima apenas com o núcleo, estando o *glide*, isto é, o elemento pós-vocálico, na estrutura de superfície: [‘pe^yʃ ɫ] e [‘xo^wb ω].

2.2.4 Análise alternativa de Gonçalves e Costa

Gonçalves e Costa (1995) dividem os ditongos em legítimos e ilegítimos. Os legítimos são os ditongos invariáveis (considerados por Bisol como verdadeiros) e os ilegítimos são os variáveis (chamados por Bisol de falsos). Os autores apóiam-se em quatro argumentos:

- (a) há diversidade de contexto para inserção de *glide* nos falsos ditongos, tornando difícil a formulação de uma regra;
- (b) é mais consistente considerar o ditongo como elemento subjacente;
- (c) são poucos os ditongos variáveis; apenas /ay/, /aw/, /ey/ e /ow/; e
- (d) mesmo com os ditongos variáveis, há contextos em que o *glide* se mantém.

Observam-se, no quadro em (15) a seguir, todos os tipos de ditongos que podem ser tomados para análise, de acordo com Gonçalves e Costa (1995):

I. Ditongos invariáveis	baita peito céu viu lençol azul colcha	[ˈbaytɐ] [ˈpeytʊ] [ˈsɛw] [ˈviw] [lɛˈsɔw] [ɐˈzuw] [ˈkɔwʃɐ]
II. Desenvolvimento de <i>glide</i> epentético diante de fricativa em fim de palavra	dez arroz pus três	[ˈdɛyʃ] [ɐˈhoyʃ] [ˈpuyʃ] [ˈtrejʃ]
III. Desenvolvimento de <i>glide</i> em vocábulos terminados em nasal	homem também bombom falam	[ˈõmẽỹ] [tãˈbẽỹ] [bõw̃ˈbõw̃] [ˈfalãw]
IV. Desenvolvimento de <i>glide</i> em vocábulos terminados em hiato	boa côa	[ˈbowɐ] [ˈkowɐ]

	Lea	[ˈleɐ̃]
	Idéia	[iˈdeɐ̃]
V. Ditongos variáveis	roubo	[ˈhobu ~ ˈhowbʊ]
	feira	[ˈfere ~ ˈfeyrɐ]
	peixe	[ˈpeʃi ~ ˈpeyʃɪ]
	baixo	[ˈbaʃu ~ ˈbayʃʊ]
	restaurant e	[heʃtoˈrɛ̃tʃɪ ~ heʃtawˈrɛ̃tʃɪ]

(15) – Ditongos decrescentes a considerar

Segundo os autores, ditongos legítimos possuem rima ramificada (tornando a sílaba pesada), podendo haver omissão da coda na estrutura superficial. Alguns exemplos são ‘touro’, ‘caixa’ e ‘céu’, entre outros. Os ditongos que aparecem em contextos específicos, através de regras fonológicas de inserção de *glide*, são denominados ilegítimos, os quais Mattoso Câmara Jr. chama de semiditongos. Alguns exemplos são ‘boa’, ‘tua’ e ‘homem’, entre outros.

Os contextos em que há inserção dos *glides* /y/ e /w/ são: (a) entre vogais, a fim de se desfazerem hiatos em final de palavras, como em ‘boa’; (b) entre vogal e consoante fricativa palatal, como em ‘três’; e (c) entre vogal e soante nasal, como em ‘bombom’. Nota-se que em (a) e (c) é inserida uma vogal assilábica da mesma natureza articulatória que a vogal precedente. Já em (b), a inserção do *glide* /y/ é motivada pelo segmento seguinte – uma fricativa que se realiza como álveo-palatal na fala carioca. No quadro abaixo, é possível visualizar os 13 ditongos do português considerados legítimos, os quais podem ter ou não o *glide* apagado.

Ditongo com semivogal [- recuada]	Exemplos	Ditongo com semivogal [+ recuada]	Exemplos
[ay]	‘baixo’	[aw]	‘flauta’

[ɛy]	‘platéia’	[ɛw]	‘chapéu’
[ey]	‘feira’	[ew]	‘comeu’
---	---	[iw]	‘viu’
[ɔy]	‘lençóis’	[ɔw]	‘sol’
[oy]	‘boi’	[ow]	‘louça’
[uy]	‘flui’	[uw]	‘último’

(16) – Ditongos decrescentes legítimos do português

No presente trabalho, adota-se a classificação de Gonçalves e Costa, observando-se apenas o ditongo [ow], seja ele legítimo ou ilegítimo, a fim de verificar os condicionamentos para a variação em cada um deles.

2.3 ABORDAGENS SOBRE O APAGAMENTO DA SEMIVOGAL [w]

Trabalhos anteriores atestam a ausência de um contexto específico que impeça a redução do ditongo [ow]. Eles oferecem, contudo, contextos mais favorecedores ou menos favorecedores ao fenômeno.

Observando dados de situações variadas de fala na região metropolitana de Belo Horizonte, Assis Veado (1983) verifica que em todas as ocorrências o ditongo [ow] é passível de redução, não podendo ser explicado por regras estruturais categóricas (cf. ASSIS VEADO, 1983, p.209). Observa a autora que tal redução ocorre independentemente de classe social, idade e gênero do falante. Porém, a redução, em posição final e quando há outro ditongo na palavra, como em ‘toureiro’ e ‘deixou’, é mais influenciada por uma situação de fala mais coloquial e mais casual (99% dos casos), não sendo possível identificar um contexto que bloqueie a redução do ditongo [ow]. Por outro lado, a manutenção não-categórica do ditongo aparece em registros muito formais.

Na fala de informantes distribuídos por classe (média e alta), idade (jovem, adulto, idoso) e gênero, Assis Veado verificou uma prevalência de redução do ditongo em 99% dos 442 dados, notando apenas 4 manutenções. Em noticiários locais, a autora constatou 63.9% de supressão de [w]; em testes de leitura, ela percebeu a monotongação em 54.6% (59/108) das leituras de texto e em 23.8% (30/126) das leituras de palavras isoladas. Esses resultados levam a crer que o elevado nível de formalidade favorece menos a supressão da semivogal posterior, fenômeno que, em princípio, marca um estilo casual, cotidiano e/ou solidário (cf. ASSIS VEADO, 1983, p.215), expandindo, contudo, para estilos mais formais, como os noticiários (p. 225).

O fator nível de formalidade, no entanto, não parece influenciar o ditongo em posição final, uma vez que houve um alto índice de supressão de [w] nesse contexto, independentemente da modalidade de leitura ou de fala (cf. ASSIS VEADO, 1983, p.215).

Para a autora, não é possível afirmar que a mudança está em progresso, visto que (1) não se verifica aumento da redução na fala dos jovens em relação à dos idosos e (2) trata-se de um fenômeno bastante antigo na língua, sendo observado em textos arcaicos, segundo Amadeu Amaral (1976 [1920]:50), Leite de Vasconcelos (1928:280) e Gonçalves Viana (1892:56), os quais apresentam o fenômeno como existente na fala da época (final do século XIX e início do século XX).

Segundo Silva (2004), que se baseia em dados de falantes de João Pessoa, a redução é quase categórica, visto que ocorre em 99% das pretônicas, 98% das sílabas seguidas de oclusivas, 96% das seguidas de contexto zero, e 92% das fricativas. Nos dados de falantes do Rio de Janeiro, Paiva (1996, 2003) chega à conclusão semelhante, visto que não encontra um contexto específico que favoreça o fenômeno.

Paiva (1996) nota que não há condicionamentos de caráter fonético operando na supressão da semivogal posterior, sendo tal queda vista como uma mudança completamente

concluída. Para ela, há restrições lexicais apenas, ou seja, alguns vocábulos ainda resistem à regra, em geral, aqueles menos difundidos, como ‘outrora’ e ‘arcabouço’. Logo, Paiva (p.232) postula que a adjacência de vogal média posterior estimula a redução do ditongo, podendo a regra ser formulada nos seguintes termos:

$$(17) \quad \left[\begin{array}{l} - \text{ vocálico} \\ - \text{ consonantal} \\ - \text{ anterior} \end{array} \right] \Rightarrow \emptyset \quad / \quad \left[\begin{array}{l} - \text{ anterior} \\ - \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \end{array} \right]$$

Constata-se que o apagamento da semivogal em questão “*constitui a norma no português falado no Rio de Janeiro*” (PAIVA, 1996, p. 233), podendo-se falar em uma mudança implementada no sistema (conforme NARO, 1973, p. 69), visto que o falante não observa diferença entre as pronúncias de um vocábulo com o ditongo ou sem ele.

Sobre o *glide* posterior, Gonçalves e Costa (1995, p. 148) afirmam que ele:

“pode ser deletado diante de qualquer consoante, mantendo-se apenas nas formas em que a lateral alveolar se vocaliza, como em ‘gol’. O cancelamento de [w] pode ocorrer, ainda, em final de palavras (o que não acontece com /ay/ e /ey/).”

Os autores concordam com a ausência de um contexto específico para a supressão da semivogal em questão. Gonçalves (1997) considera muito freqüente a supressão da semivogal recuada na oralidade e afirma que ela é mantida em situações muito formais e em nomes próprios, como Douglas, Moura e Couto, entre outros, o que justifica uma análise do fenômeno no âmbito da Difusão Lexical.

O fenômeno da supressão de [w] é analisado por Gean Damulakis (2005) no paradigma da Teoria da Otimalidade (OT), que estabelece uma escala hierárquica de restrições a fim de

escolher uma forma considerada ótima pelo usuário da língua. O autor apresenta como atuantes no fenômeno da monotongação de [ow] as seguintes restrições: a) IDENT-IO (-alto), que proíbe a identidade do traço [-alto] entre segmentos correspondentes, b) OCP[dorsal], que rejeita a adjacência de segmentos na mesma camada com o traço dorsal; e c) MAX-IO, restrição de fidelidade que proíbe apagamento.

Numa hierarquia em que IDENT-IO (-alto) dominasse OCP [dorsal], que, por sua vez, dominasse MAX-IO, apenas o monotongo [o] seria o candidato ótimo, visto que ele viola apenas a restrição menos elevada, MAX-IO, ao apagar a semivogal. A escolha do candidato ótimo do item ‘pouco’ é demonstrada no quadro a seguir, onde o asterisco marca as violações, o ponto de exclamação indica o momento da exclusão do candidato, o sombreamento mostra que o elemento já está fora da avaliação, por ter sido excluído por uma restrição antecedente, e o dedo apontando na borda esquerda revela o candidato escolhido como ótimo: ‘poco’.

(18)

Input:	IDENT-IO(-alto)	OCP[dorsal]	MAX-IO
 /powku/ (a) ' p[o].k u			*
(b) ' p[ow].ku		*!	
(c) ' p[u].k u	*!		*
(d) ' p[uw].ku	*!	*	

A última restrição, MAX-IO, passaria a mais alta na hierarquia em uma variante que utilizasse apenas o ditongo [ow]. Por conseguinte, formas como ‘p[o]k’ e ‘p[u]k’ seriam eliminadas por apagarem um segmento do *input*, violando MAX-IO. Igualmente rejeitada seria a forma ‘p[uw]k’, ao violar IDENT-IO(-alto). O quadro em (19) demonstra como seria a escolha do candidato ótimo ‘p[ow]k’.

(19)

Input: /powkʉ/	MAX-IO	IDENT-IO(-alto)	OCP[dorsal]
(a) ' p[o].k ʉ	*!		
☞ (b) ' p[ow].kʉ			*
(c) ' p[u].k ʉ	*!	*	
(d) ' p[uw].kʉ		*!	*

Contudo, para o falante que produz ora o ditongo [ow] ora a forma reduzida [o], as restrições MAX-IO e OCP [dorsal] estariam em um mesmo nível na hierarquia, promovendo a oscilação. Nesse caso, a hierarquia de restrições seria IDENT-IO (-alto) domina OCP [dorsal] e MAX-IO, conforme o quadro a seguir.

(20)

Input: /powkʉ/	IDENT-IO(-alto)	OCP[dorsal]	MAX-IO
☞ (a) ' p[o].k ʉ			*
☞ (b) ' p[ow].kʉ		*	
(c) ' p[u].k	*!		*

u			
(d) ' p[uw].kU	*!	*	

Com essa hierarquia, somente os candidatos (c) e (d) seriam eliminados ao violarem IDENT-IO(-alto), enquanto os candidatos (a) e (b) seriam escolhidos como ótimos, uma vez que violam apenas as restrições que estão no último nível na escala hierárquica.

2.4 ABORDAGENS SOBRE A INSERÇÃO DA SEMIVOGAL [w]

Conforme visto em 2.1, desde o latim clássico há vários exemplos de desenvolvimento de semivogal para desfazer hiatos, como em *tela* > *tea* > *teia*, mostrando que há, na língua, uma restrição que rejeita hiatos, *HIATO, a qual não parece estar em uma posição hierárquica elevada, uma vez que pode ser violada, por exemplo, em ‘ciúmes’ ou em ‘saúde’.

Admitindo a ambissilabidade do elemento epentético, Damulakis (2005) também apresenta como atuante na língua a restrição ONSET, que favorece sílabas com ataque, levando à supressão de vogais em início de palavra, como em ‘(o)brigado’ e ‘(a)panhar’. O quadro em (21) exemplifica a hierarquia em que ONSET domina *HIATO através da escolha do candidato ótimo para o item ‘pessoa’.

(21)

Input:	ONSET	*HIATO
--------	-------	--------

/pesoa/		
(a) pe.so.a	*!	*
☞ (b) pe.so.wa		

O candidato (a) viola as duas restrições; logo, é descartado, deixando a seleção para o candidato (b), que respeita as duas restrições, por possuir *onset* em todas as sílabas e por desfazer o hiato com a epêntese da semivogal ambissilábica.

Devido à redundância promovida pela hierarquização dessas duas restrições, ONSET e *HIATO, Damulakis opta por utilizar apenas as restrições ONSET e DEP-IO. A obediência a esta última restrição, que está em uma posição inferior na escala, requer a correspondência de segmentos, impedindo qualquer inserção. A escala hierárquica é exemplificada em (22).

(22)

Input:	ONSET	DEP-IO
/pesoa/		
(a) pe.so.a	*!	
☞ (b) pe.so.wa		*

Com ONSET dominando DEP-IO na hierarquia, seqüências com hiato, como [pe. 'so.a] e ['bo.a], são eliminadas, uma vez que violam ONSET por não possuírem ataque na última sílaba. Todavia, a mesma hierarquia selecionaria como ótimo o candidato [ba. 'wu], que não ocorre na língua, conforme quadro em (23).

(23)

Input:	ONSET	DEP-IO
/bau/		
(a) ba. 'u	*!	

☞ (b) ba. 'wu		*
---------------	--	---

O candidato (a) violaria a restrição mais alta na hierarquia por não possuir *onset* na última sílaba, sendo eliminado, portanto. Por isso, o autor supõe a vogal tônica precedente como segmento licenciador da epêntese em hiatos, como ocorre em ‘perdoa’ e ‘voa’, por exemplo.

O mesmo fenômeno da inserção de *glide* é tratado por Leda Bisol (2002, p.505), mas em contexto nasal:

“(...) a nasalidade em português opera através de dois processos, o de estabilidade e o de assimilação. O primeiro, em que a nasal subespecificada é apagada, porque não recebe interpretação fonética, tornando-se flutuante de acordo com um dos constructos da teoria autosegmental, gera o ditongo nasal; o segundo, em que N subespecificado permanece in situ espraçando-se para a vogal precedente e recebendo os traços articulatorios do segmento vizinho, gera a vogal nasal”.

A autora divide em dois grupos as palavras terminadas por nasal. No primeiro, estão os vocábulos que recebem vogal temática, podendo haver ditongação ou fusão, como mostram os exemplos a seguir:

(24)	ditongação	fusão
	irmaN+o → irmão	faN+a → fã
	maN+o → mão	romaN+a → romã
	limoN+o → limão	masaN+a → maçã

O segundo grupo abrange as palavras que não possuem vogal temática, podendo haver ou não o ditongo.

- (25) boN → bõw̃~bõ | (bom)
 omeN → ome)ỹ~ome) | (homem)
 setiN → sefiỹ~seti) | (cetim)

Vale observar que são gráficos somente os ditongos que possuem vogal temática, chamados por Bisol de verdadeiros ou lexicais. Os demais, estudados aqui, são passíveis de ditongação na realização fonética apenas, sendo considerados pela autora ditongos falsos ou pós-lexicais. Estes são encontrados em verbos, como em **levem** [ẽỹ~e) |] e **falaram** [ãw̃~ã |], ou em nomes, como em **viagem** [ẽỹ~e) |] e **fórum** [u)w̃~u) |].

Embora este trabalho trate apenas dos ditongos nasais pós-lexicais, é importante notar, entre os lexicais, o processo de derivação, através do qual surgem os ditongos lexicais [ãw̃] e [õỹ] da terminação /oN/. Tanto diacrônica quanto sincronicamente, é possível perceber a correlação /oN/ – [ãw̃], como se vê nos dados em (26).

- | | | |
|------|---|--------------------------|
| (26) | a. Diacronia | b. Sincronia |
| | conclusion e > conclus ão | lim ão , limonada |
| | opin ione > opini ão | gat ão , gatona |

Nos dados da segunda coluna de (26), observa-se o desenvolvimento da nasal alveolar /n/ após a vogal média posterior /o/. Em formas derivadas, portanto, a seqüência fonológica /oN/, que se manifesta foneticamente como ditongo nasal em final de palavra, passa a heterossilábica quando o sufixo se inicia por vogal, uma vez que a nasal deixa a posição de coda e adquire o ponto de articulação alveolar no *onset* da sílaba seguinte.

Segundo Bisol (2002: 517-518), a estrutura subjacente tônica final /oN/ passa a [ãw̃] em palavras com mais de uma sílaba, devido à restrição do ditongo nasal, a qual proíbe o ditongo “*ou nasalizado,ônico, em posição final de palavras polissílabas*” (p.518), como mostrado em (26a). Logo, o ditongo em questão é aceito em [' bõw̃], mas não em *lim[õw̃], com mais de uma sílaba.

De fato, essa restrição prevalece na língua portuguesa, não afetando, necessariamente, as palavras mais recentes, as quais podem aceitar a variação [ãw̃] ~ [õw̃], como apresentado em (27).

- | | |
|---|--|
| (27) a. | b. |
| garç om ³ – garç[õw̃] ~ garç[ãw̃] | parmes ão – parmes[ãw̃] ~ parmes[õw̃] |
| guid om – guid[õw̃] ~ guid[ãw̃] | salm ão – salm[ãw̃] ~ salm[õw̃] |

Em alguns desses vocábulos apresentados em (27), a seqüência /oN/, foneticamente representada como [ãw̃] ou [õw̃], também passa a heterossilábica, como em *garçom* – *garçonete* e *salmão* – *salmonete*, *salmonejo*, *salmonídeo*.

O ditongo nasal [õỹ] surge a partir do plural da forma /oN/, em que /S/ expande seu traço coronal, resultando no surgimento da semivogal anterior, como ocorre em

³ Também existe a forma ‘garção’ (cf. AURÉLIO, 2004).

arr/oS/~arr/oyS/, m/eS/~m/eyS/. Nestes casos, entretanto, o surgimento do *glide* depende do dialeto, enquanto é categórico em casos como limoN + s → limões, leoN + s → leões. Essa regra se aplica quando a sílaba é acentuada; caso contrário, a regra oN + s → ãws se aplica: /'beNsoNS/ → [ˈbe).sãws] – bênçãos. Todavia, a fala popular parece privilegiar o plural com o ditongo [õỹ], aplicando a regra do surgimento do *glide* coronal, como em pão – pães, nação – nações. Algumas dessas formas são incorporadas à fala culta. No pós-léxico, segundo a autora, a forma plural pode suscitar o ditongo [õw̃] ou [õỹ], dependendo do dialeto: b[õw]s~b[õy]s (cf. BISOL, 2002 ,pp. 519-520)

Bisol afirma que o grupo VN no interior da palavra “*permanece in situ, porque recebe os traços articulatórios da consoante seguinte ou da vogal precedente*” (p.523). No final da palavra, entretanto, pode ou não formar ditongo de acordo com os traços articulatórios da vogal precedente.

Uma vez que a vogal aqui estudada é a posterior, acredita-se, como afirma Damulakis (2005), que ela exerça grande influência na epêntese do *glide* igualmente posterior, favorecendo a ditongação em hiatos (boa, vôo) e em contexto nasal final (tom, bom, som, bombom), como admite Bisol, mas também em contexto nasal no interior da palavra (tombo, sonso).

Nota-se que são poucos os estudos sobre a inserção da semivogal posterior em hiatos e em sílabas nasais, os quais focalizam brevemente o ditongo [õw̃], sem propor contextos favorecedores para esse fenômeno variável, que é visto desde o latim apenas pela inserção do *glide* anterior no desfazimento de hiatos.

Em relação à monotongação, apenas Damulakis (2005) propõe uma formalização para o fenômeno por meio da Teoria da Otimalidade. Dessa forma, o presente trabalho procura analisar o apagamento e a inserção de [w] por meio dos traços dos segmentos adjacentes. Por

isso mesmo, o próximo capítulo apresenta a Geometria de Traços, modelo utilizado na análise dos fenômenos aqui investigados.

3 A GEOMETRIA DE TRAÇOS

Para a análise da inserção e do apagamento de [w], é fundamental a compreensão da Fonologia não-linear, sobretudo da Geometria de Traços – modelo no qual este estudo se fundamenta –, da organização das propriedades fonológicas nessa perspectiva de análise, bem como dos princípios seguidos e das mudanças por ele implementadas. Por isso, este capítulo descreve o percurso histórico da Fonologia Gerativa Clássica para a não-linear, com ênfase na Geometria de Traços (3.1). Em seguida, são apresentados os elementos constituintes desse modelo (3.2) e os tipos de segmentos de acordo com essa interpretação (3.3), finalizando com a apresentação dos principais princípios dessa visão (3.4), os quais serão utilizados no capítulo de análise (6).

3.1 UM MODELO AUTOSSEGMENTAL

Na Fonologia Gerativa Clássica (Chomsky e Halle, 1968), os traços distintivos de cada segmento são representados por uma matriz, conforme exemplificado em (1), sem qualquer hierarquização, indicando-se com (+) e (-), respectivamente, a presença e a ausência das propriedades fonológicas relevantes.

(1)

[s]
+consonantal
- soante
+contínuo
+coronal
+anterior

- nasal
- sonoro

Figura 1: Matriz do segmento [s]

Uma vez que os fenômenos prosódicos, como duração e altura, não estavam incluídos na representação dos sons, Poser (1982:122) adotou a Restrição de Bijetividade (Bijectivity Constraint), a qual afirma que “*cada segmento corresponde exatamente a uma especificação em termos de traços e, conversamente, que cada especificação em termos de traços corresponde a um segmento*” (Wetzels, 1995, p.6). Essa restrição desautoriza, assim, o apagamento parcial de um segmento, a inserção de especificações incompletas, ou, ainda, o compartilhamento de um traço por dois ou mais segmentos, permitindo (2a) e proibindo (2b), (2c), (2d) e (2e).

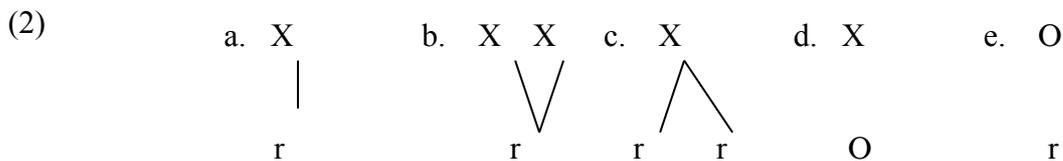


Figura 2: Associação permitida (a) e associações proibidas (b,c,d,e) pela Fonologia Clássica

Ao surgir um modelo que passa a aceitar (2b) e (2c), tem-se uma visão não-linear das representações fonológicas. Por analogia, outros modelos da fonologia passam a ser designados da mesma forma. Nessa abordagem não-linear, Goldsmith (1976,1991) propõe a existência de níveis (*tiers*), de modo a autossegmentar os tons em uma camada própria. Tais níveis são ligados através de linhas de associação, com algumas restrições. Dado que cada traço tem segmentação independente dos outros, essa abordagem é tratada também como Fonologia Autossegmental.

A Teoria Autossegmental enriquece a Fonologia Gerativa Clássica, visto que, além de propor camadas autossegmentais em cada traço e linhas de associação ligando os autos-

segmentos às unidades segmentais, suprime-se a restrição da bijetividade, admitindo a correspondência não-unívoca entre segmentos e autosegmentos, representada nos exemplos (2b), (2c), (2d) e (2e), acima.

A fim de representar a hierarquia entre os traços de um segmento, bem como a manipulação desses traços, dando conta dos fenômenos fonético-fonológicos, Clements propõe uma Geometria de Traços (*Feature Geometry*). O nome se deve ao fato de os traços fonológicos serem organizados em planos, lembrando os modelos da geometria. O primeiro modelo de geometria (Clements, 1985) assemelhava-se a um livro aberto (cf. Wetzels, 1995). Tal modelo foi revisto e alterado por McCarthy em 1988, mas foi Clements quem apresentou várias versões de seu modelo, em 1989, 1991 e 1993. Nesta última publicação, ao lado de Hume, o autor busca justificativas para novos planos. Para tal, os traços neles contidos devem agir individualmente; porém, agrupados em unidades funcionais, denominadas ‘nós de classe’, que se comportam fonologicamente como os traços individuais, podem envolver-se em processos fonológicos.

Além de lidar com os traços fonológicos de maneira independente, a Fonologia Autossegmental os organiza em *tiers* hierarquizados, através de linhas de associação que conectam um determinado traço a um ou mais segmentos, permitindo que eles sofram regras fonológicas individualmente ou em conjunto, como, por exemplo, no *tier* [nasal] ou no *tier* [sonoro]. Conseqüentemente, a assimilação é vista como um espraiamento de traços de um nó de classe para outro, ou de um traço para outro nó.

Desse modo, um nó em posição mais elevada possui traços mais abrangentes. No final dos ramos da árvore, os traços passam a ser especificados com valores binários e, mais tarde, com a simples menção ou não do traço (Clements, 1991, 1993), ficando sub-especificados os valores negativos, o que requereu a eliminação de redundâncias. A estrutura arbórea organizada em *tiers* é vista em (3) a seguir:

(3)

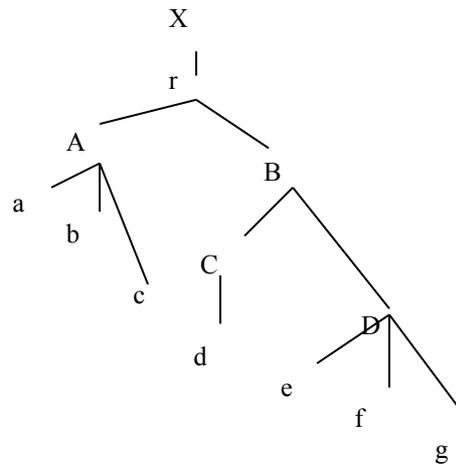


Figura 3: Árvore geométrica dos traços organizados em camadas.

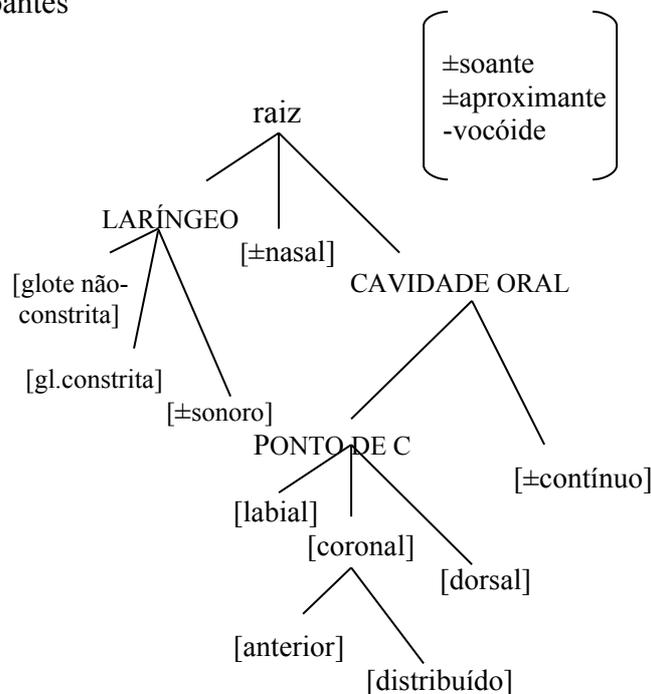
Nesse diagrama, os planos são formados por fileiras (superior e inferior) adjacentes, cada qual ligada à outra por *linhas de associação*. Tais linhas também têm a função de indicar a aplicação de processos fonológicos. O **X** indica uma unidade abstrata de tempo, unidade prosódica, que domina **r**, o *nó raiz*, correspondente ao segmento propriamente dito. Os nós **A**, **B**, **C** e **D**, ligados através de *linhas de associação*, representam *nós de classe*, os quais dominam os conjuntos de traços que se encontram em um plano inferior. Assim, **A** não domina **B**, mas este domina **C** e **D**. Nesses nós de classe da representação arbórea, estão reunidos os traços que podem sofrer as mesmas regras fonológicas. Esses traços são representados pelos nós terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f** e **g** (cf. Hernandorena, 2001, p. 47), cada um dos quais, juntamente com os nós não-terminais, constitui uma camada independente e hierarquizada.

Uma vez hierarquizados, os traços se submetem a regras fonológicas individualmente ou em grupo, de acordo com seus nós. Logo, não é natural uma regra que afete apenas **b** e **c**, mas não afete **a**, visto que esses traços formam um conjunto vinculado a um mesmo nó de classe. Entretanto, é natural que apenas **c** sofra determinada regra ou mesmo todo o nó, ou, ainda, **d**, **e**, **f** e **g**, visto que todos estão ligados ao constituinte **B**. Por outro lado, os traços **c**, **d**

e e não podem envolver-se em uma mesma regra, dado que não formam uma unidade. A Geometria de Traços, representando essa naturalidade das regras fonológicas, assume o princípio de que elas “constituem uma única operação” (Clements e Hume, 1995, p.250). Nessa proposta, Clements e Hume (1995) assumem que as regras fonológicas desempenham uma única operação e que a organização hierárquica dos traços é universal.

Partindo desses princípios, os nós foram determinados de acordo com os articuladores utilizados na fala, os quais funcionam de modo independente. São eles os lábios, as partes apical, laminal, dorsal e radical da língua, o palato mole e a laringe, os quais são representados por nós ordenados em níveis diferentes, de onde emanam alguns traços que representam presença ou ausência da propriedade e outros, monovalentes, indicando-se apenas a presença da propriedade, conforme exemplos (4a) e (4b), apresentados por Clements e Hume (1995, p.292).

(4) a. Consoantes



b. Vogais

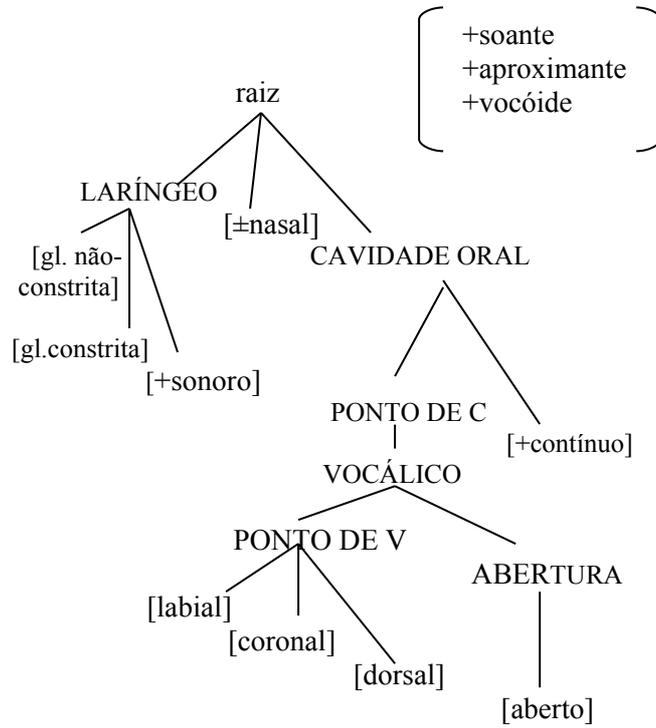
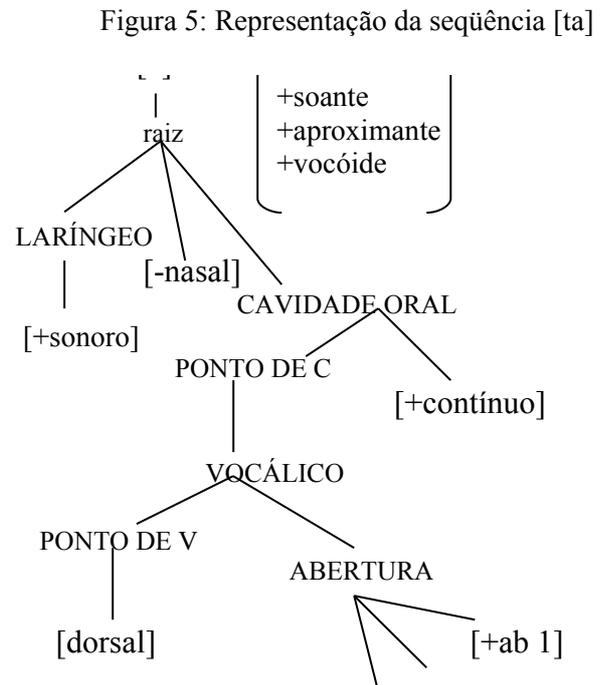
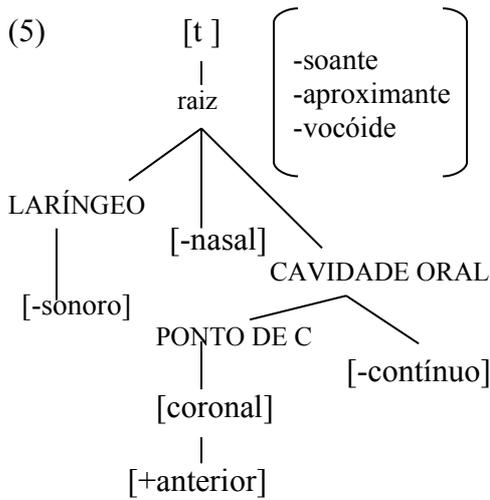


Figura 4: Estrutura dos segmentos consonantais e vocálicos

A estrutura interna da seqüência [ta] é exemplificada em (5).



[+ab 2]
[+ab 3]

Na teoria autossegmental, “o processo de assimilação – que era visto, na fonologia gerativa clássica, como cópia de traço(s) – é caracterizado como uma associação ou espraçamento de traço ou nó de classe de um segmento A para um segmento B” (Lamprecht, 2004, p.46). A realização de um espraçamento (ou assimilação) se dá conectando-se as fileiras de dois segmentos, o que demonstra que o traço de um segmento se incorporou a um outro elemento, eliminando deste o traço original, conforme se vê em (6) a seguir:

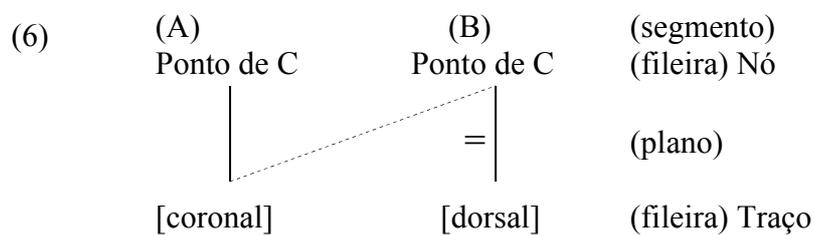


Figura 6: Representação do processo de espraçamento

Nota-se que as linhas de associação, além de coordenarem os elementos nas representações fonológicas, também unem elementos que formam uma unidade na aplicação de regras, como a linha pontilhada acima, que une o traço [coronal] de um segmento A ao nó de classe do outro segmento B, representando, assim, o espraçamento. O desligamento do traço original é representado por duas pequenas linhas paralelas que cortam a linha de associação, desligando-a e unindo os nós de classe dos dois segmentos a um mesmo traço, conforme se observa em (7).

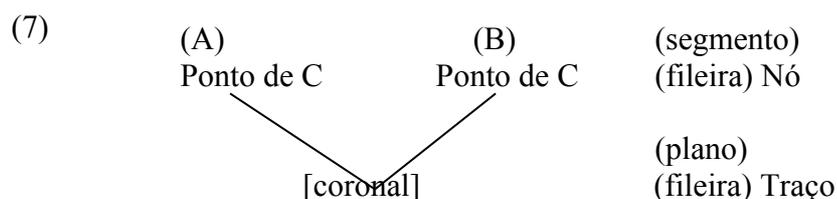


Figura 7: Compartilhamento de um mesmo traço

Nota-se, no exemplo em (7), uma relação não-linear, dado que os Pontos de C de segmentos distintos estão associados a um único traço. Tal relação seria rejeitada pela Fonologia Gerativa Clássica, que permite apenas relações lineares, ou seja, de um-para-um. Ressalta-se que esse espraiamento não pode infringir o “Princípio do não-cruzamento de linhas”, o qual proíbe a interseção de linhas de associação (ver seção 3.4.1).

3.2 ELEMENTOS DA ESTRUTURA ARBÓREA

Nesta seção, são apresentados os elementos que compõem a estrutura arbórea: nó de raiz, nó laríngeo, nó cavidade oral, nó ponto de consoante, nó vocálico, nó ponto de vogal e nó abertura.

3.2.1 Nó de raiz

O nó de raiz representa a unidade fonológica, que domina todos os demais traços e é constituída por traços maiores: [soante], [aproximante] e [vocóide]. Tal atribuição de traços de sonoridade ligados ao nó de raiz prevê que esses traços somente podem se espalhar ou desligar como uma classe em conjunto.

Esse nó tem a função de dividir os segmentos em obstruintes, nasais, líquidas e vogais, além de identificar o grau de sonoridade de cada uma dessas classes, formando, assim, uma escala a partir dos valores positivos de cada traço (Clements e Hume, 1995, p.269), conforme tabela em (8):

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

(8)

Figura 8: Escala de sonoridade dos segmentos

Uma vez que as classes são determinadas pela ação dos três traços, nenhum deles pode sofrer qualquer regra fonológica isoladamente. A partir de tal previsão, Clements e Hume (1995) propõem para o nó de raiz a seguinte representação:

(9)

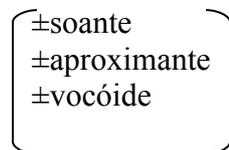


Figura 9: Representação dos traços do nó de raiz

Uma evidência em favor do nó de raiz é verificada nos processos de assimilação total: nesse caso, expressa-se o espalhamento do nó da raiz de uma unidade prosódica a outra, levando consigo todos os nós de classe abaixo. Não havendo o nó de raiz, o processo de

assimilação seria expresso como a associação de vários nós concomitantemente, não representando uma ação única.

3.2.2 Nó laríngeo

O nó laríngeo, ligado ao nó raiz, domina os traços [\pm sonoro], [glote não-constrita] e [glote constrita] e pode sofrer a ação de regras fonológicas como um todo ou individualmente, em um de seus traços. Wetzels (1995, p.8) apresenta um exemplo desse fato no grego, em que há, em duas consoantes contíguas, o espriamento dos traços do nó laríngeo da segunda consoante para a primeira. Assim, [bt] passa a [pt], [pt^h] a [p^ht^h], e [p^ht] a [pt]. Um único processo fonológico ocorre: o desligamento do nó laríngeo da primeira consoante, cujo nó raiz se associa ao nó laríngeo da segunda consoante, assimilando seus traços [\pm sonoro] e [\pm aspirado].

3.2.3 Nó cavidade oral

No nó cavidade oral, estão reunidos os articuladores do trato oral. São eles os traços monovalentes [labial] – que envolve os lábios –, [coronal] – que envolve a parte anterior da língua –, e [dorsal] – que envolve o dorso da língua. Do traço [coronal], emanam os traços [anterior] e [distribuído]: este último engloba as coronais difusas, enquanto o primeiro abrange as coronais laminais e apicais. Essa relação de dependência quanto ao traço [coronal] deve-se ao fato de que um segmento só pode ter os traços [anterior] ou [distribuído] se for

coronal; logo, ao envolver-se em uma regra fonológica, o traço [coronal] envolve também os traços [anterior] e [distribuído]. Ainda do nó cavidade oral parte o traço bivalente [\pm contínuo], que descreve os sons pela possibilidade ou não de um fluxo contínuo de ar na cavidade oral.

O traço [\pm contínuo] e o nó Pontos de Consoante também sofrem a ação de regras fonológicas em conjunto ou isoladamente. Clements e Hume (1995, p.272) mostram, por exemplo, que, para alguns falantes do inglês, o segmento [p] surge ao espraiair o nó cavidade do segmento antecedente para o nó raiz do segmento seguinte. Dessa forma, a consoante que surge em *Broomfield* (*Broom^pfield*) tem os mesmos traços sob o domínio da cavidade oral de [m] – [-contínuo] e [labial] – e os mesmos traços sob o domínio do nó raiz de [f] – [-sonoro] e [-nasal] – como se observa em (10):

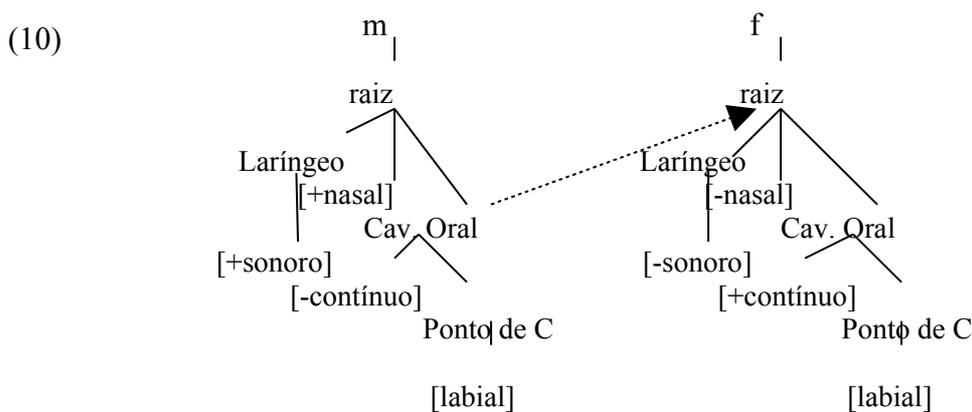


Figura 10: Espriamento do nó da Cavidade Oral

Logo, surge uma consoante de contorno (ver seção 3.3) a partir da seqüência [mf], que passa a [m^pf]. Esses processos de formação de segmento intrusivo evidenciam a existência do nó da cavidade oral, que, nesta regra, espalha-se para a direita.

3.2.4 Nó ponto de consoante

O nó ponto de consoante possui os traços [labial], [dorsal], [coronal], que espraiam, como um todo, como acontece, por exemplo, com as nasais do português, que assimilam o ponto de C da consoante seguinte, conforme aparece formalizado em (11) e exemplificado logo em seguida, em (12):

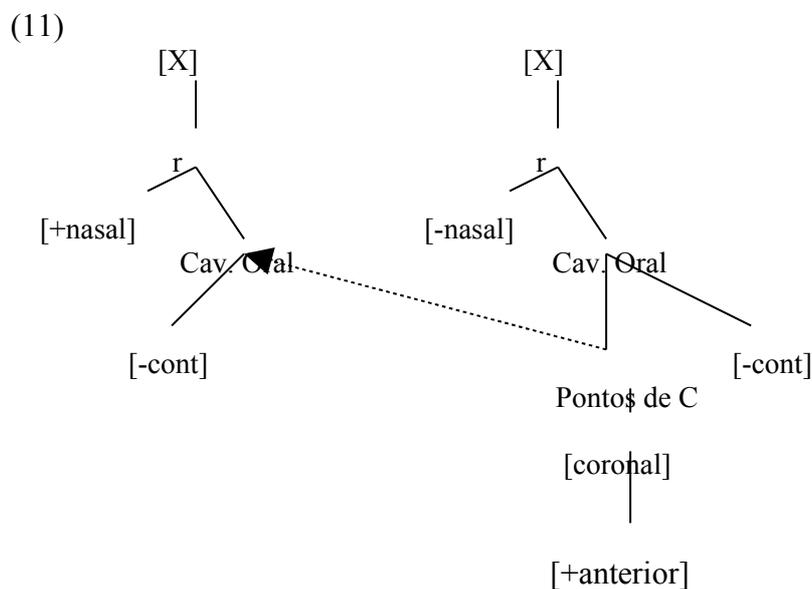


Figura 11: Espraçamento do nó de Ponto de C (HERNANDORENA, 2001 p.55)

(12, ...)

/¹kaNta/ – [¹kẽnte]

/¹maNga/ – [¹mẽŋgɐ]

Há ainda discussões sobre a ligação do traço [gutural] ou [faringal] sob o nó raiz ou sob o nó de ponto, visto que a articulação de tais sons se dá em uma região do trato vocal que se estende da faringe até a laringe. Uma alternativa (Cagliari, 1998, p.26) é a ramificação do traço dorsal em [velar] e [faringal].

3.2.5 Nó vocálico

O nó vocálico domina os nós abertura e ponto de vogal, atuando não somente na estrutura das vogais, mas também em articulações de algumas consoantes complexas, como [tʰ]. Uma vez que o nó de abertura e os traços de ponto estão sob o domínio do nó vocálico, formando uma unidade funcional, eles podem se submeter à regra de espraçamento através de consoantes simples, que não possuem nó vocálico (ver seção 3.4.1), conforme figura mostrada em (13):

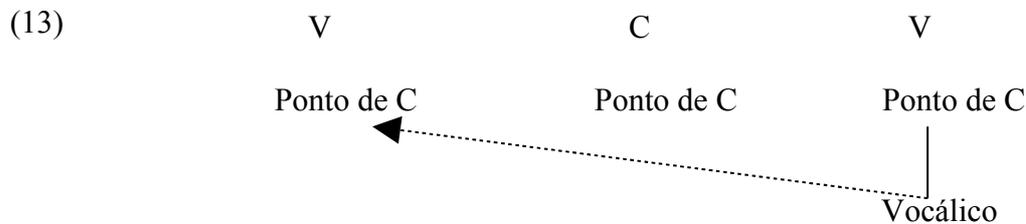


Figura 13: Espraçamento do nó vocálico através de uma consoante simples (Clements e Hume, 1995, p. 284)

3.2.6 Nó Pontos de Vogal

Utilizam-se para as vogais os mesmos pontos usados para as consoantes, os quais são definidos de acordo com o articulador ativo. O ponto [labial] corresponde às vogais arredondadas, o traço [coronal], às vogais anteriores, e o [dorsal] caracteriza as vogais posteriores.

Clements e Hume utilizam-se de dois parâmetros para a classificação de consoantes e vocóides pelo mesmo conjunto de traços: o ponto e o grau de constrição, os quais são dominados pelo nó de constrição. O nó ponto de C ou ponto de V representa a constrição, sendo o ponto de constrição definido pelo nó de ponto e o grau de constrição, representado, nas consoantes, pelo traço [±contínuo], e, nas vogais, pelo nó abertura.

Na primeira proposta de Clements e Hume (1995), as constrictões são representadas, na hierarquia, por um nó separado, assim como os nós que indicam grau e ponto também estão em níveis diferentes. Ainda os nós Ponto de C e Ponto de V aparecem em camadas diferentes.

Os traços [labial], [coronal] e [dorsal] referem-se não somente a consoantes, mas também a vogais, substituindo os traços [recuado] e [arredondado], tradicionalmente usados para os vocóides. Para tal substituição, aqueles traços são definidos em termos de constrictão e não mais pelos movimentos do articulador. As vogais arredondadas, por envolverem os lábios, são representadas pelo traço [labial], as vogais anteriores, pelo [coronal] e as posteriores, pelo traço [dorsal].

3.2.7 Nó abertura

No modelo não-linear, Clements (1989,1991) trata a altura em relação à abertura, usando o traço binário [\pm aberto]. Os graus de abertura são expressos em *tiers* distintos hierarquizados, aberto 1, aberto 2, aberto 3, os quais recebem, de acordo com o nível de abertura, o valor + ou -, conforme tabela em (14), apresentada por Hernandorena (2001) para as sete vogais contrastivas do português.

(14)

	i/u	e/o	E/	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Figura 14: Graus de abertura das vogais contrastivas do português (HERNANDORENA, 2001, p.59)

Nessa organização, as vogais baixas são [+aberto] nas 3 camadas; as vogais médias [E,] são [-aberto] na camada 1 e [+aberto] nos demais níveis. As médias [e,o] possuem o traço

[+aberto] no segundo nível e [-aberto] no primeiro e no terceiro *tiers*. As vogais altas [i,u], nos três *tiers*, são [-aberto]. Em uma regra de assimilação, o alteamento é compreendido como o espriamento do traço [-aberto] de um nível a outro, possibilitando, assim, sem a especificação de uma camada, a elevação de todos os três níveis, com o surgimento de quatro ou mais *tiers*. Há também evidências nas línguas de que traços de altura podem se espalhar em conjunto.

3.3 TIPOS DE SEGMENTO

A partir desses novos conceitos da Fonologia Autossegmental sobre a hierarquização dos traços em *tiers*, distinguem-se três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno. O segmento simples possui apenas um nó de raiz e, no máximo, um traço de articulação oral, como [b], por exemplo, que possui o traço [labial], como se observa em (15):

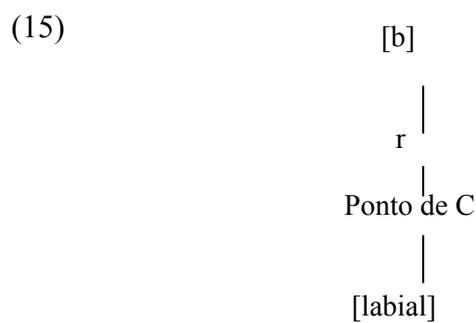


Figura 15: Segmento simples

O segmento complexo possui apenas um nó de raiz e dois ou mais traços de ponto de articulação oral, sejam estes de nível igual, como em (16 a), ou diferente, como em (16 b).

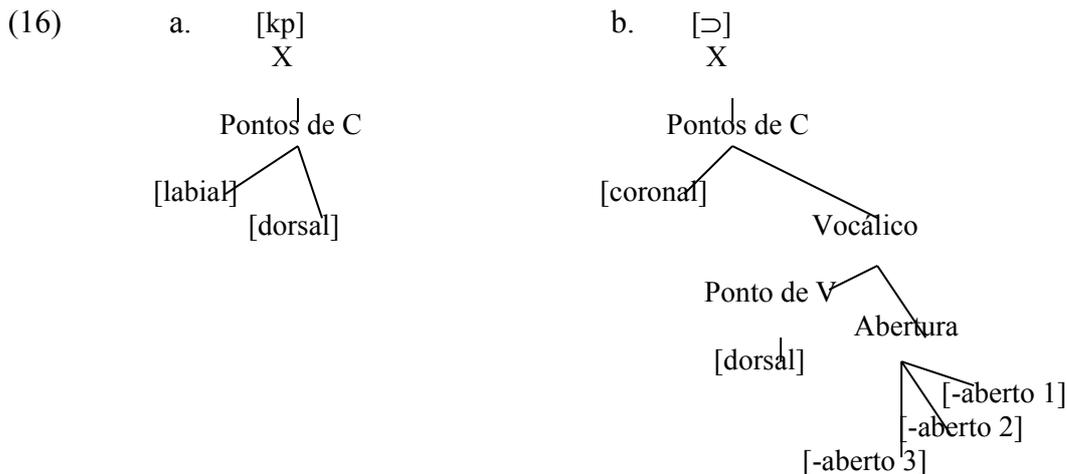


Figura 16: Segmentos complexos (HERNANDORENA, 2001, p.61)

A plosiva labio-velar [kp] do Yoruba (Clements e Hume, 1995, p.25) apresenta dois traços em ponto de C e a lateral velarizada [ɔ̃], falada em determinadas áreas dialetais do Brasil, possui níveis distintos de articulação: no ponto de C, apresenta o traço [coronal] e no ponto de V, o traço [dorsal].

Os segmentos de contorno apresentam seqüências de traços que se opõem em termos de presença e ausência de um determinado traço (±). São exemplos as consoantes africadas do português, como o segmento [tʃ], representado em (17), a seguir:

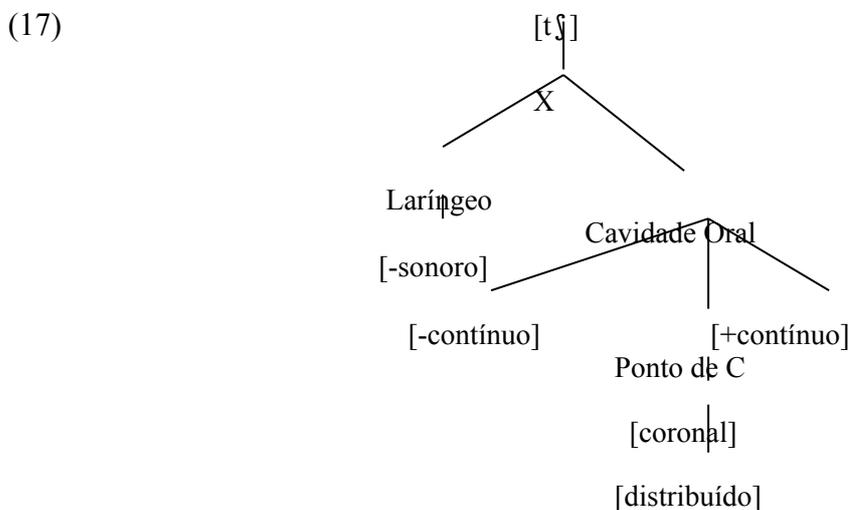


Figura 17: Segmento de contorno

No exemplo anterior, o segmento de contorno [tʃ] apresenta duas bordas no seu nó cavidade oral: uma com o traço [-contínuo] e outra com [+contínuo].

3.4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA TEORIA AUTOSSEGMENTAL

A Geometria de Traços pressupõe, ainda, alguns princípios que favorecem a boa-formação das estruturas. Neste trabalho, em função da especificidade do objeto de estudo, abordaremos apenas dois deles: (a) o Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação (PNC) e (b) o Princípio de Contorno Obrigatório (PCO).

3.4.1 Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação

O modelo adota a restrição de não-cruzamento (No-crossing Constraint), que proíbe o cruzamento de linhas de associação, coibindo (a) e permitindo (b), (c) e (d), conforme figura em (18):

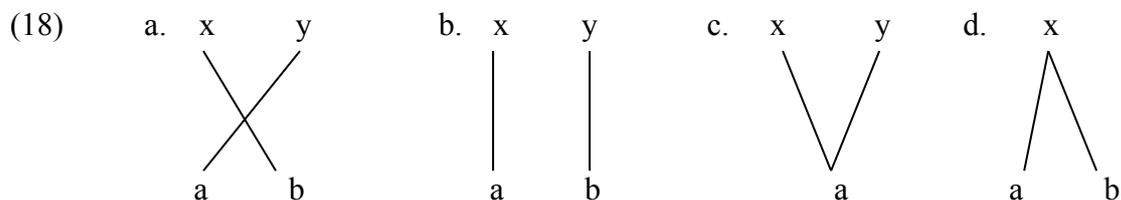


Figura 18: Associação proibida (a) e associações permitidas (b,c,d) pela Fonologia Não-Linear

O princípio bloqueia, igualmente, a aplicação de regras fonológicas que requeiram o cruzamento de linhas de associação. Ele admite, assim, regras de assimilação do nó de

A fim de não violar esse princípio, há uma tendência, no Português e em muitas outras línguas, à fusão dos elementos idênticos.

(21)

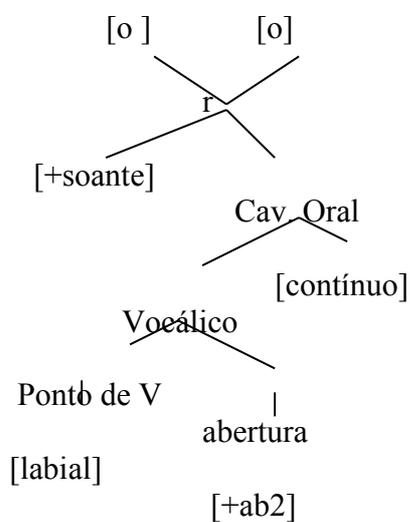


Figura 21: Fusão de elementos idênticos adjacentes

Ressalta-se q
ias como forma
de não violar o princípio. Conseqüentemente, são proibidas regras que possam violar o OCP,
conforme exemplo em (21), acima, onde se observa a ocorrência de uma fusão.

Neste capítulo, foram apresentados os principais aspectos da Geometria de Traços. No capítulo 6, procura-se, com o instrumental fornecido por esse modelo, representar a inserção e o apagamento de [w] em português e, com isso, serão retomadas algumas das questões aqui descritas.

4 METODOLOGIA

Com o objetivo de se obter uma compreensão sobre a metodologia utilizada na dissertação, este capítulo apresenta as etapas do trabalho empírico (4.1); as características dos *corpora* selecionados para análise (4.2); bem como o perfil dos informantes e da comunidade lingüística onde eles estão inseridos (4.3).

4.1 ETAPAS DO TRABALHO

A fim de controlar, nos mais variados contextos, a pronúncia da vogal nasal [õ] (som, conta)⁴ e de [o] como primeira vogal de um hiato em final de palavra (boa, vôo), o que seria difícil em uma fala espontânea, escolheu-se como primeiro *corpus* a gravação da leitura de três textos (anexos 1, 2 e 3), uma vez que tal modalidade possibilita uma uniformidade dos contextos empregados, bem como uma variedade de vocábulos com tais segmentos. Com o intuito de amenizar a formalidade normalmente empregada nessa modalidade, os textos foram produzidos com uma linguagem menos formal, respeitando, no entanto, a escolha vocabular necessária para a apuração de palavras em variados contextos.

Após a elaboração dos textos, foram selecionados, no Rio de Janeiro, seis informantes nascidos nessa cidade cujos pais também são cariocas, e, no interior de Itajubá, outros seis informantes itajubenses com pais de mesma naturalidade, todos distribuídos por gênero e por três faixas de idade. O objetivo da comparação entre as duas regiões é verificar se o fenômeno variável da ditongação atinge diferentes falares na mesma proporção, enquanto a divisão por gênero e idade procura verificar se há diferença de usos da semivogal pós-vocálica [w] pelos falantes em decorrência desses dois fatores. A faixa 1 agrupa os adolescentes de 14 a 18 anos,

⁴ Não são considerados, neste trabalho, vocábulos em que a vogal média labial seja seguida de <nh>, como em ‘sonho’ e ‘conhecer’, visto que a adjacência desse dígrafo leva ao surgimento da semivogal coronal [ỹ]: s[õỹ]nho, c[õỹ]nhece.

a faixa 2 abrange jovens de 19 a 35 anos, e a faixa 3, os adultos de 36 a 50. Todos os doze informantes leram os textos e, em seguida, teceram comentários sobre eles. A gravação do relato de leitura constitui um segundo *corpus* (ver anexo 4)⁵.

Esses dois *corpora*, colhidos entre os meses de outubro de 2005 e fevereiro de 2006, com um minigravador Panassonic RK-L31, foram ouvidos, transcritos e codificados para checagem de frequência dos dados, de acordo com algumas variáveis lingüísticas e extra-lingüísticas consideradas relevantes, e com o auxílio do Pacote Goldvarb, 2001 (ver capítulo 5). Esse programa, um modelo matemático proposto por William Labov (1969), faz a leitura dos pesos relativos, podendo, segundo Anthony Julius Naro, ser usado “*para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas*” (in: MOLICA, 2003, pp. 19-25).

Foram criadas, ainda, três gravuras que estimulassem a produção escrita de palavras com os contextos em questão, as quais foram apresentadas a alunos de quatro turmas da primeira à quarta série do Ensino Fundamental, matriculados em uma escola da rede oficial, situada na zona oeste do Rio de Janeiro. O primeiro desenho (anexo 5), constituindo o primeiro grupo de textos, estimulou a escrita de vocábulos com o ditongo [ow]. A atividade foi aplicada no turno da manhã a sete alunos da primeira série, dezesseis da segunda série, trinta e dois da terceira série e vinte e nove da quarta série, pelas respectivas professoras, no mês de maio de dois mil e quatro.

As outras figuras foram apresentadas, na primeira quinzena do mês de março do ano de dois mil e seis, a oitenta alunos da mesma escola, igualmente distribuídos por série, conforme a presença no dia da aplicação da atividade e nível de fluência na escrita. Na primeira série, 8 alunos produziram 14 textos; na segunda, 24 alunos escreveram 43 redações;

⁵ O anexo 4 apresenta a fala espontânea dos informantes mineiros e em seguida dos cariocas sobre cada um dos três textos. As palavras consideradas neste trabalho estão sublinhadas, com destaque para a transcrição fonética dos ditongos e monotongos estudados. Os contextos que não envolvem a variação em análise são transcritos sem negrito.

na terceira série, 16 alunos redigiram 32 redações; e, por fim, na quarta, 32 estudantes criaram 61 redações. A figura 2 (anexo 6), estimulou a produção de palavras grafadas com <om> ou <on>, constituindo o segundo grupo de textos. A gravura 3 (anexo 7), formando o terceiro grupo de textos, continha estimuladores para a produção de palavras grafadas com o hiato final <oa>.

Recolhidos os textos, sem qualquer alteração por parte das professoras, foram destacados, no primeiro grupo de textos, todos os vocábulos que se grafam com ditongo decrescente <ou> (roupa, couro); no segundo, todos os grafados com a vogal média posterior em contexto nasal (ponta, tonto) e, no terceiro grupo de textos, os grafados com hiato final, tendo <o> como primeira vogal (enjoa, cõa). Dessa forma, não foram considerados, nesta análise, os ditongos grafados com , visto que são considerados ditongos invariáveis (cf. GONÇALVES, 1997). Nesses casos, percebeu-se que, algumas vezes, ocorreu a troca da líquida pela semivogal recuada <u>, como em ‘*soutando*’ e ‘*resouvi*’, sem, contudo, haver a supressão. Procedeu-se, em seguida, à análise quantitativa e qualitativa dos dados.

Uma vez que trabalhos anteriores demonstram não haver contexto específico que favoreça a supressão da semivogal [w] na língua oral, nos dados do primeiro grupo de textos são analisados alguns fatores a fim de verificar se há, na modalidade escrita, algum contexto favorecedor ou desfavorecedor da supressão da semivogal. São eles: (a) a classe gramatical dos termos que continham os ditongos, (b) o contexto precedente e o seguinte, (c) a série do informante, (d) sua idade e (e) gênero.

Os dados dos outros dois grupos de textos são analisados apenas de acordo com o contexto adjacente e com a série do aluno. O objetivo dessa análise é verificar se os falantes das séries iniciais percebem a inserção da semivogal posterior em determinados contextos, transmitindo essa percepção para a escrita.

Na ocasião do recolhimento dos textos, as professoras foram indagadas sobre os procedimentos adotados nas aulas para que os alunos empregassem na escrita o ditongo decrescente [ow], pouco realizado na fala, e sobre a utilização desse ditongo na língua oral durante as aulas. As professoras da primeira e da segunda séries afirmaram que sempre pronunciam os *glides* durante os ditados. As semivogais são sempre pronunciadas pela professora da terceira série (sic!), conforme relato da própria. Já a professora da quarta série declarou que os pronuncia durante ditados e explicações sobre qualquer conteúdo, mas, em outras situações, utiliza a variante não-tensa (monotongada). Somente há uma explicação sobre ditongos na segunda série. No entanto, nas produções de textos escritos, todas as professoras chamam a atenção dos alunos para a presença do *glide*.

A fim de comprovar que há resistência à mudança nos nomes próprios, a quatro alunos de cada uma das séries foram apresentadas fotos de cinco personalidades cujos nomes grafam-se com <ow>, conforme anexo 8: Douglas Silva (jogador), Luciana Coutinho (atriz), Maurício de Sousa (desenhista), Solange Couto (atriz) e Wagner Moura (ator). Em caso de desconhecimento desses nomes, foram expostas as seguintes dicas: ‘Do*las S*Iva’, ‘Lu*iana C*tinho’, ‘Mauri* de So*a’, ‘Solang* C*to’ e ‘Wag* M*ra’. Nota-se que o asterisco não demonstra a quantidade de segmentos apagados. Os informantes pronunciaram os nomes dessas pessoas e, em seguida, os escreveram, para que a escrita fosse comparada com a fala.

Finalmente, os resultados encontrados foram analisados no âmbito da Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995), a qual hierarquiza os traços de cada segmento, assumindo as regras de associação como um espraiamento de traços de um segmento a outro. Após essa etapa, realizou-se a produção escrita da dissertação.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Com o objetivo de obter dados da língua oral em leitura – constituindo o primeiro *corpus* – e em relato de leitura – constituindo o segundo *corpus* –, são produzidos três textos contendo vocábulos com os contextos pretendidos. O texto 1, sob o título ‘Devaneios de um apaixonado’, expressa os pensamentos de um jovem sobre a menina por quem ele estava apaixonado, utilizando uma linguagem de baixo nível de formalidade, característica da língua oral, contendo, contudo, termos e estruturas sintáticas próprios da escrita, a fim de manter a coesão textual e permitir a compreensão do leitor (ver anexo 1). Nele, estão contidas palavras grafadas com <on> ou <om> em monossílabos, dissílabos, trissílabos; em posição tônica, pretônica, postônica; final, não-final; e em adjacência de vogais altas, baixas, médias e de consoantes bilabiais, labiodentais, alveolares, alveopalatais e palatais.

Os monossílabos utilizados foram ‘bom’, ‘tom’, ‘dom’, ‘som’ e ‘com’, este último de conteúdo gramatical e os demais, de conteúdo lexical. Como tônicas finais, utilizaram-se os dissílabos ‘bombom’, ‘pompom’, ‘fonfom’, ‘batom’, ‘guidom’, ‘garçom’ e ‘marrom’. Os três primeiros também foram usados na análise do contexto pretônico. Os tônicos não-finais escolhidos encontram-se na quadro (1) a seguir, distribuídos de acordo com o contexto seguinte, levando-se em consideração a vogal da sílaba seguinte /a, I, U/.

Contexto Seguinte	Tônicas não-finais
Bilabial	[p] compra (substantivo), <u>compre</u> , <u>compro</u> [b] <u>bomba</u> , <u>pomba</u> , <u>tombo</u> , <u>ombro</u>
Labiodental	[f] <u>agonfo</u>
Alveolar	[t] <u>conta</u> , <u>encontra</u> , <u>contra</u> , <u>tonta</u> , <u>ontem</u> , <u>conto</u> , <u>encontro</u> , <u>tonto</u> [d] <u>responda</u> , <u>onda</u> , <u>respondo</u> , <u>sondo</u> [s] <u>sonso</u> [z] <u>bronze</u>
Alveopalatal	[tʃ] <u>conte</u> [dʒ] <u>responde</u> , <u>corresponde</u> , <u>onde</u> [ʃ] <u>concha</u> , <u>troncho</u> [ʒ] <u>monja</u> , <u>monge</u> , <u>longe</u>
Palatal	[j] <u>pingue-pongue</u>
Velar	[k] <u>bronca</u> , <u>ronca</u> , <u>ronco</u> [g] <u>araponga</u> , <u>longos</u> [x] <u>honra</u>

Quadro 1: /oN/ tônico não-final seguido de variados contextos

Outros contextos, como [n], [l], [v], [x], [r], não foram utilizados pela carência de vocábulos ou mesmo pela impossibilidade de ocorrência, dado que é agramatical, por exemplo, um vocábulo em que haja um tepe seguindo uma vogal nasal. As palavras foram selecionadas por meio de busca eletrônica no dicionário Aurélio (2004).

Os vocábulos com <on> postônico são ‘cóton’, ‘próton’, ‘Washington’, ‘Milton’, precedidos da alveolar surda [t], ‘elétron’, precedido de vibrante simples, e ‘íon’, formando hiato. Finalmente, as seqüências <on> e <om> pretônicas foram distribuídas pelo contexto seguinte, conforme se vê no quadro (2), a seguir:

Contexto Seguinte	Pretônicas
Bilabial	[p] <u>com</u> panhia, <u>com</u> prado, <u>com</u> prar, <u>com</u> preensiva, <u>com</u> prei, <u>com</u> prida, <u>com</u> prou, <u>com</u> potá, <u>com</u> putava, <u>com</u> pom, [b] <u>com</u> bate, <u>com</u> bando, <u>com</u> bteiro, <u>com</u> binho, <u>com</u> binava, <u>com</u> binando, <u>com</u> bom, <u>com</u> bons
Labiodental	[f] <u>con</u> flito, <u>con</u> fortável, <u>con</u> forme, <u>con</u> fusa, <u>con</u> fom [v] <u>con</u> vence, <u>con</u> venci, <u>con</u> versa (substantivo), <u>con</u> vido, <u>con</u> vites, <u>con</u> vidá-la, <u>con</u> veniente
Alveolar	[t] <u>con</u> tar, <u>con</u> tade, <u>con</u> tei, <u>con</u> tr[o]le, <u>con</u> tr[ɔ]le, <u>con</u> tual [d] <u>con</u> dade, <u>con</u> pondeu, [s] <u>con</u> degonçada, <u>con</u> ceição, <u>con</u> seguir, <u>con</u> sigo, <u>con</u> solo [z] <u>con</u> zeada [l] <u>con</u> luio
Alveopalatal	[ʃ] <u>con</u> chego, <u>con</u> chudo [dʒ] <u>con</u> di [tʃ] <u>con</u> inuei
Palatal	[ç] <u>con</u> quista, <u>con</u> quistá-la
Velar	[k] <u>con</u> cando, <u>con</u> corda [g] <u>con</u> gá

Quadro 2: /oN/ pretônico seguido de variados contextos

Para obter a pronúncia de palavras grafadas com os hiatos <oa>, <oe> e <ôo>, em contexto medial ou final, foram produzidos os textos 2 e 3. A separação dos textos intencionou um melhor aproveitamento das informações contidas por parte do leitor-relator. O texto 2, “Tarde com a família”, é um relato de um adulto que recorda um passeio ao zoológico em sua infância (ver anexo 2). O texto 3, “Mágoas de adolescentes”, apresenta uma discussão entre adolescentes na escola, durante o intervalo (ver anexo 3). Eles possuem os hiatos em estudo em posição final, como em ‘mágoa’, ‘voar’ e ‘leitoa’, e não-final, como em ‘coalhada’ e ‘coelho’, em sílabas átonas (V.V), como nos vocábulos ‘zoológico’ e ‘nódoa’, em sílabas com a segunda vogal acentuada (V.Ŵ), como em ‘toalha’ e ‘doer’ e com a primeira vogal acentuada (Ŵ.V), como em ‘canoa’, ‘voe’, ‘zôo’, conforme se observa no quadro (3).

Acento	Posição não-final	Posição final
V.V	co <u>al</u> hada, mago <u>ad</u> inha, jo <u>el</u> hada, zo <u>ol</u> ógico	mágo <u>o</u> a, nódo <u>o</u> a, pásco <u>o</u> a
V.Ŵ	enjo <u>o</u> ado, mago <u>o</u> ada, to <u>al</u> ha, vo <u>o</u> ado, vo <u>o</u> asse, co <u>el</u> ho, jo <u>el</u> ho, mo <u>ed</u> a, zo <u>ol</u> ógico	vo <u>o</u> ar, ensabo <u>o</u> ar, do <u>er</u>
Ŵ.V	_____	boa, broa, canoa, coroa, enjoa, lagoa, leoa, leitoa, magoa, pessoa, proa, à toa, voa, zoa, aloe, coroe, perdoe, voe, zoe, enj <u>o</u> , mag <u>o</u> , perd <u>o</u> , v <u>o</u> , z <u>o</u> (substantivo) e z <u>o</u> (verbo).

Quadro 3: Hiatos <oa>, <oe> e <ôo> em posição final e não-final, de acordo com o acento

Para a constituição do segundo *corpus* oral, após a leitura de cada um desses textos, os informantes tecem comentários sobre eles, resumindo e, às vezes, acrescentado sua opinião sobre os mesmos. Por não haver intervenção do entrevistador, em algumas falas não há o uso dos vocábulos pretendidos, ou eles são raramente usados, tornando este *corpus* um pouco carente de dados a analisar, conforme já se esperava.

O terceiro *corpus* utilizado é a produção escrita de alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental da rede oficial de ensino, a partir de desenhos estimuladores do uso de vocábulos com os contextos pretendidos. De acordo com os contextos, o *corpus* foi dividido em três conjuntos de textos. O primeiro deles é estimulado pela figura 1, que tem o objetivo de favorecer o uso de palavras grafadas com o ditongo [ow], para, em seguida, verificar se ocorre, na escrita, o apagamento da semivogal por influência da língua oral. Esta, como atestam estudos anteriores (PAIVA, 1996; ASSIS VEADO, 1983; GONÇALVES, 1998), favorece a monotongação do ditongo em questão no uso cotidiano.

Como motivadores, o desenho apresenta uma mulher passando roupa e pensando em comprar cenouras. Junto a ela, há uma vassoura olhando para outra, que se encontra ao lado

de uma pia, onde uma menina lava louça. Próximo a ela, um menino segura uma tesoura e a figura de um touro, como pode ser visto no anexo 5.

O segundo conjunto de textos é estimulado pela figura 2, que, pretendendo obter contextos nasais em que a semivogal [w̃] possa ser inserida, contém mulheres com bolsas de compras, uma delas de cabelos muito longos; crianças jogam pingue-pongue e menino brinca com carrinho de controle remoto. Além disso, há um homem roncando, outro tombando, um aparelho de som na vitrine e um relógio marcando onze horas (ver anexo 6). Acredita-se que alguns alunos, percebendo a presença da semivogal labial na fala, representem-na na escrita.

O terceiro conjunto de textos tem como estimulador a gravura 3, que visa a colher palavras grafadas com o hiato final <oa>. O estímulo desse contexto mostrou-se bastante limitado devido à existência de poucos substantivos concretos com essa terminação e à restrição das terminações <oe> e <ôo> a formas verbais no presente, como ‘coroe’, ‘corôo’, ou a substantivos abstratos, como ‘vôo’. Essa terceira figura, que aparece no anexo 7, mostra uma leoa deitada, pessoas encontrando uma coroa e um homem em uma canoa tentando pescar na beira da lagoa.

4.3 PERFIL DOS INFORMANTES

Para compor os *corpora* de língua oral, seja leitura, seja relato de leitura, utilizam-se doze informantes com o Ensino Médio completo ou não, sendo seis do interior de Itajubá, Minas Gerais, e outros seis da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A escolha de informantes mineiros deve-se ao contato com pessoas da região, que apontam para um comportamento lingüístico diferente do carioca no que diz respeito aos contextos de inserção da semivogal posterior, o que nos levou a hipotetizar que o fenômeno da inserção de [w] varia

de acordo com o dialeto. Os doze informantes foram distribuídos por gênero e por três faixas etárias: adolescentes, jovens e adultos.

A cidade mineira escolhida foi fundada em 19 de março de 1819, após o término da mineração, e está situada no sul de Minas Gerais, em uma região montanhosa a 445km de Belo Horizonte e a 318km do Rio de Janeiro. O município de Itajubá possui uma área de 290,45km² com fauna e flora diversificadas e atualmente conta com cerca de 86.036 habitantes, dentre os quais 7.149 moram na zona rural. Suas principais atividades econômicas são a indústria, a agropecuária, o comércio e o artesanato. De acordo com o relato de cada um, os informantes dessa região, filhos de itajubenses, costumam frequentar o centro de sua cidade, ou alguns sítios da zona rural, local chamado por eles de “roça”, onde moram seus parentes. Nas horas vagas, costumam assistir a algumas programações da televisão, como novelas, filmes e noticiários, bem como ouvir músicas (preferencialmente sertanejas ou *rock*). Na faixa 3, o informante masculino tem 45 anos e trabalha como pedreiro, enquanto o informante feminino, de 39 anos, trabalha no centro da cidade como auxiliar de serviços gerais. Na faixa 2, estão o montador de peças, de 26 anos, e a dona-de-casa, de 24 anos. Na faixa 1, encontram-se o estudante de 16 anos e a secretária de 18, que trabalha no centro de Itajubá.

Os informantes cariocas, com pais de mesma naturalidade, vivem na capital do Estado do Rio de Janeiro, a qual foi fundada em 1º de março de 1565. A cidade do Rio de Janeiro, com cerca de doze milhões de habitantes distribuídos em uma área de 1.205,8 Km², possui o segundo maior porto brasileiro e suas principais atividades econômicas são o comércio, a indústria e o turismo. Como lazer, os informantes da cidade afirmaram que às vezes vão ao cinema e que assistem à televisão com frequência, principalmente a novelas e a noticiários. A leitura de jornais é um hábito mais freqüente na faixa 3, faixa que inclui o cabo do Exército de 36 anos e a dona de cantina, de 37 anos. Na faixa 2, estão o técnico de

informática, de 29 anos, e a garçonete, de 26, enquanto a faixa 1 apresenta dois estudantes de 18 anos.

Os textos que constituem o terceiro *corpus* foram escritos por alunos de primeira a quarta séries do Ensino Fundamental, matriculados na Escola Municipal Fernando Maximiliano. O colégio está localizado em uma comunidade carente do bairro Senador Camará, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, local onde ocasionalmente ocorrem tiroteios entre quadrilhas rivais. Muitos alunos moram no local e outros são provenientes de bairros vizinhos.

O prédio escolar é bastante conservado e o ambiente é organizado. Há uma quadra de esporte, um refeitório, um auditório, uma sala de leitura, uma biblioteca e 19 salas. Ocorre uma reunião pedagógica a cada mês, envolvendo professores, coordenadores e diretora. Na escola, há 19 turmas no turno da manhã e 19 no turno da tarde, com um total de 1.020 alunos matriculados da educação infantil à quarta série do ensino fundamental. Para atendê-los, a escola dispõe de 36 professores.

A escolha desses informantes, de 7 a 13 anos, deve-se ao fato de eles estarem no início da vida escolar, ainda com pouca experiência de leitura e escrita, estando mais propensos a serem influenciados, na escrita, pela língua oral. O número de alunos em cada série varia de acordo com a presença no dia da aplicação da atividade. Na primeira série, no entanto, participam apenas os alunos que já têm fluência na escrita. Ressalta-se que as duas séries finais possuem um elevado número de alunos repetentes e com grande dificuldade de aprendizagem, segundo as professoras das turmas.

Neste capítulo, foram descritos os estágios de desenvolvimento do trabalho, a fim de se obter um entendimento da fonte dos dados, os quais serão retomados no capítulo de análise. No próximo capítulo, são apresentadas as variáveis dependentes, lingüísticas e extralingüísticas consideradas no estudo da inserção e do apagamento da semivogal posterior.

5 AS VARIÁVEIS

O presente capítulo apresenta as variáveis consideradas relevantes no estudo da supressão do *glide* posterior [w] na língua escrita (5.1) e da inserção da mesma semivogal na língua oral, seja em contexto nasal (5.2) seja em situações de hiato (5.3). Em cada uma dessas seções, são mostradas a variável dependente (5.1.1, 5.2.1 e 5.3.1, respectivamente) e as independentes. Estas estão subdivididas em lingüísticas (5.1.2, 5.2.2 e 5.3.2) e extralingüísticas (5.1.3, 5.2.3 e 5.3.3).

5.1 DITONGO GRÁFICO

Nesta seção, são mostradas a variável dependente e as variáveis independentes (lingüísticas e extralingüísticas) consideradas no estudo do apagamento da semivogal posterior no ditongo gráfico <ou> na escrita de alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, como em ‘cenoura’, ‘louça’ e ‘lavou’.

5.1.1 A Variável Dependente

São estudadas, na escrita de alunos das séries iniciais, as variantes *manutenção* e *supressão* da semivogal [w] no ditongo gráfico <ou>, como em ‘pouco – *poco*’ e ‘roupa – *ropa*’. O objetivo é verificar os possíveis estimuladores do apagamento do *glide* posterior na escrita, a fim de comparar os resultados com os de trabalhos sobre a supressão de [ow] na fala.

5.1.2 As Variáveis Lingüísticas

Para verificar os contextos favorecedores da monotongação de <ou>, são investigadas três variáveis lingüísticas: a classe morfológica (*substantivo, pronome, advérbio, verbo* ou *conjunção*), o contexto fônico precedente (*labial, coronal, dorsal* ou *margem esquerda*) e o contexto fônico seguinte (*labial, coronal, dorsal* ou *margem direita*). A seguir, essas variáveis são apresentadas com exemplos retirados do terceiro *corpus*.

5.1.2.1 Classe morfológica

O objetivo desta variável é identificar a influência da classe morfológica no fenômeno da monotongação do ditongo gráfico <ou>. Pressupõe-se que os substantivos sejam mais influenciados pela fala, estando mais propensos à variação, visto que essa classe é mais produtiva numericamente, enquanto as demais classes são mais restritas, possibilitando uma maior fixação do encontro vocálico na escrita.

- (1) substantivo – *vassoura, touro*
- pronome – **outro, pouco** (e variações)
- advérbio – **pouco**
- verbo – **mandou, trouxesse**
- conjunção – **ou**

5.1.2.2 Contexto precedente

Procura-se, com o estudo desta variável, identificar se o contexto antecedente favorecedor do apagamento da semivogal posterior na escrita é *labial, coronal, dorsal* ou *margem esquerda*. Hipotetiza-se que, assim como na fala, não haja contexto mais favorável à monotongação tampouco à manutenção do ditongo.

- (2) labial – arru[m]ou, [p]ouco
coronal – te[z]oura, recor[t]ou
dorsal – [x]oupa, che[g]ou
margem esquerda – ou, outro

5.1.2.3 Contexto seguinte

Considerando a inexistência de contexto seguinte que favoreça a queda do *glide* posterior, investigam-se os segmentos seguintes *labiais*, *coronais*, *dorsais* e *margem direita*.

- (3) labial – rou[p]a
coronal – cenou[r]a, trou[s]esse
dorsal – pou[c]o
margem direita – vou, ou

5.1.3 As variáveis extralingüísticas

As variáveis sociais verificadas são (a) o gênero do informante: *feminino* ou *masculino*; (b) sua faixa etária: 7, 8, 9, 10, 11, 12 ou 13 anos; e (c) a série do Ensino Fundamental em que o informante estuda: 1^a, 2^a, 3^a ou 4^a.

Considerando que o pouco contato com a escrita favoreça a supressão do *glide* recuado, acredita-se que a) tanto os meninos quanto as meninas suprimam a semivogal posterior na mesma proporção; b) as crianças mais novas conservem menos o ditongo; e, conseqüentemente c) as duas primeiras séries (1^a e 2^a) apaguem mais o *glide* que as duas últimas (3^a e 4^a).

5.2 CONTEXTO NASAL

Nesta seção, são mostradas a variável dependente e as variáveis independentes (lingüísticas e extralingüísticas) utilizadas no estudo da ditongação da vogal média arredondada em contexto nasal, como em ‘**tombo**’, ‘**dom**’, ‘**cóton**’ e ‘**conto**’. Ressalta-se que as variantes são exemplificadas com dados retirados do primeiro *corpus*.

5.2.1 A variável dependente

As variantes investigadas são a *inserção* e a *não-inserção* da semivogal posterior após a vogal média [o] em contexto nasal, tal como ocorre em /boN'boN/ – [bõw^m' bõw^m] e /'toNtU/ – ['tõwⁿ.tu]. Procura-se, com este estudo, identificar os possíveis motivadores do processo de ditongação nesse contexto, para, em seguida, analisá-los segundo a Geometria de Traços.

5.2.2 As variáveis lingüísticas

São seis as variáveis lingüísticas tratadas neste estudo, a fim de identificar o contexto mais favorável à manutenção ou ao surgimento da semivogal posterior: *tonicidade*, *posição na palavra*, *consoante seguinte*, *vogal seguinte*, *consoante precedente* e *tipo de texto*.

5.2.2.1 Tonicidade

Pretende-se, com esta variável, identificar a influência do acento na ditongação em contexto nasal, fenômeno que talvez seja favorecido na sílaba tônica. Exemplificados abaixo, seguem os contextos *tônico*, *pretônico* e *postônico*.

- (4) sílaba tônica – **ronco**, **tonto**
sílaba pretônica – **consigo**, **bondade**
sílaba postônica – **cóton**, **elétron**

5.2.2.2 Posição na palavra

Partindo da hipótese de que a posição final favorece a ditongação em contexto nasal, controlou-se a variável posição na sílaba, com as categorizações *inicial*, *medial* e *final*, que são exemplificadas a seguir.

- (5) posição inicial – **ontem**, **ombro**
posição medial – **respon**di, **pom**ba
posição final – **próton**, **garçom**

5.2.2.3 Contexto seguinte

Levantando-se a hipótese de que as consoantes labiais e a ausência de contexto seguinte (margem direita) influenciam o surgimento de uma semivogal arredondada, utiliza-se o grupo consoante seguinte, para investigar a adjacência com *labial*, *coronal*, *dorsal*, *fricativa difusa* e *margem direita*. Observa-se que, embora as fricativas difusas sejam tratadas como coronais distribuídas, sua separação se fez necessária, em um primeiro

momento, devido à quantidade de dados encontrados nesse contexto com o favorecimento da ditongação.

- (6) labial – **com**[p]ro, **com**[b]ate
coronal – **bon**[d]ade, **con**[t]o
dorsal – **bron**[k]a, **con**[g]á
fricativa difusa – **acon**[ʃ]ego, **mon**[ʒ]a
margem direita – **guidom**, **Milton**

5.2.2.4 Vogal da sílaba seguinte

Considera-se que as vogais labiais favoreçam a inserção do *glide* de mesmo ponto de articulação. A fim de confirmar essa hipótese, foram analisadas as vogais seguintes, cujos fatores são *labial*, *coronal*, *dorsal* ou *margem direita*, exemplificados a seguir.

- (7) labial – **son**d[ʊ], **contr**[o]le, **conc**[ɔ]rda
coronal – pingue-**pon**gu[ɪ], **compr**[e]nsiva, **conv**[ɛ]rsa
dorsal – **compr**[a]do, **hon**r[ɐ]
margem direita – **marrom**, **fonfom**

5.2.2.5 Contexto precedente

Acredita-se que a adjacência com uma consoante labial estimule a ditongação em contexto nasal. Para verificar se a hipótese procede, é estudada a consoante precedente, que

tem como variantes os fatores *labial*, *coronal*, *dorsal*, *fricativa difusa* e *margem esquerda*. Pelo mesmo motivo apontado no item 5.2.2.3, houve, inicialmente, a separação da variante fricativa difusa.

- (8) labial – res[p]onda, [m]onge
coronal – [t]ombo, [s]onso
dorsal – [k]onquista, desen[g]onçada
fricativa difusa – re[ʃ]onchudo
margem esquerda – ontem, ombro

5.2.2.6 Estilo discursivo

Considerando que, quanto menos tensa a fala, maior é a probabilidade de ditongação, comparam-se *leitura* (com dados retirados do primeiro *corpus*) e *relato de leitura* (com dados retirados do segundo *corpus*), a fim de verificar a confirmação da hipótese.

5.2.3 As Variáveis Extralingüísticas

São levadas em consideração as variáveis (a) região do informante, se *Minas Gerais* ou *Rio de Janeiro*; (b) gênero, se *feminino* ou *masculino*; e (c) faixa etária. A *faixa 1* abrange informantes de 14 a 18 anos, a *faixa 2* enquadra os de 19 a 35 anos e a *faixa 3*, aqueles de 36 a 50.

Levantam-se três hipóteses em relação às variáveis extralingüísticas: a) os falantes de Minas Gerais inserem menos a semivogal [w̃] nesse contexto; b) ambos os sexos ditongam em igual proporção; e c) os falantes mais jovens, da faixa 1, tendem a ditongar mais que aqueles das demais faixas.

5.3 HIATO FINAL

Esta seção apresenta as variáveis dependente, lingüísticas e extralingüísticas, consideradas no estudo da inserção da semivogal labial [w] após a vogal oral acentuada [o], de mesmo ponto, presente nos hiatos finais <oa>, <oe> e <ôo>, como em ‘**voa**’, ‘**voe**’ e ‘**vôo**’. As variáveis têm suas variantes exemplificadas com dados retirados do *corpus* leitura.

5.3.1 A Variável Dependente

As variantes investigadas são a *inserção* e a *não-inserção* da semivogal [w] após a vogal média [o], em hiatos finais, procurando-se pesquisar as variáveis independentes (lingüísticas e extralingüísticas) que condicionam o fenômeno da ditongação.

5.3.2 As Variáveis Lingüísticas

Com o intuito de identificar os fatores condicionadores da ditongação em hiatos finais, são examinadas cinco variáveis lingüísticas descritas abaixo: *número de sílabas*, *vogal final*, *contexto precedente*, *ênfase* e *tipo de texto*.

5.3.2.1 Número de sílabas

Pretende-se, com a variável número de sílabas, verificar a influência da extensão do vocábulo no fenômeno da ditongação. Possivelmente, palavras mais extensas estejam bloqueando a inserção do *glide* oral.

- (9) três sílabas – pes-so-a, per-do-e
duas sílabas ou menos – bo-a, zô-o, zoe [zoy]⁶

5.3.2.2 Vogal final

Uma vez que a semivogal inserida no hiato final possui os traços labial e dorsal, postula-se que a adjacência com vogais de mesmo ponto de articulação estimule a ditongação nesse contexto.

- (10) dorsal [ɐ] – bro[ɐ], cano[ɐ]
coronal [ɪ] – coro[ɪ], vo[ɪ]
labial [ʊ] – enjô[ʊ], magô[ʊ]

⁶ Forma pronunciada pelos informantes de Minas Gerais e por dois informantes masculinos (faixas 1 e 2) do Rio de Janeiro, de modo a desfazer o hiato sem o *glide* epentético.

5.3.2.3 Contexto precedente

Esta variável investiga o segmento que, estando em contexto precedente ao hiato, estimula a ditongação. Supõe-se que os segmentos labiais e dorsais favoreçam o surgimento do *glide* arredondado por associação desses traços.

- (11) labial – [b]oa, [v]oa
coronal – à [t]oa, ca[n]oa
dorsal – la[g]oa, ma[g]ôo

5.3.2.4 Ênfase

Visto que o objetivo desta variável é examinar a influência da ênfase no fenômeno da inserção da semivogal [w], investigam-se as variantes *mais enfatizada* e *menos enfatizada*, de acordo com a fala de cada informante. Há uma hipótese de que palavras pronunciadas com maior ênfase estejam mais propensas à ditongação do hiato final, enquanto as palavras menos enfáticas sejam neutras.

5.3.2.5 Estilo discursivo

A variável estilo discursivo dispõe dos fatores *leitura* e *relato de leitura*, procurando identificar a modalidade mais favorável à ditongação. Acredita-se que o *relato de leitura* favoreça o fenômeno, uma vez que é menos tenso que a *leitura*.

5.3.3 As Variáveis Extralingüísticas

No estudo da inserção de semivogal em hiatos, também se consideram como variáveis extralingüísticas *a região*, o *gênero do informante* e a *faixa etária* à qual ele pertence. Hipotetiza-se que a) os falantes de Minas Gerais ditonguem menos que os do Rio de Janeiro; b) os informantes de ambos os gêneros insiram a semivogal em igual proporção; e c) a faixa 1 desfaça mais os hiatos por meio da ditongação.

Este capítulo apresentou os fatores utilizados na análise da monotongação na escrita e da ditongação em contexto nasal e em hiato. Este estudo tem o auxílio do pacote Goldvarb para verificação de frequência de dados, cujos resultados são explicitados no próximo capítulo.

6 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados dos testes sobre a redução do ditongo decrescente [ow] na fala e na escrita (6.1), sobre a inserção da semivogal recuada em contexto nasal (6.2) e em hiatos (6.3).

6.1 A REDUÇÃO DE [ow]

Nesta seção, são expostos os resultados da supressão de [w] na fala, com base em estudos anteriores realizados em várias regiões do Brasil (6.1.1), e também na escrita de alunos das séries iniciais, a fim de perceber se o ditongo decrescente [ow] é recuperado pela escola (6.1.2). Após os resultados, a regra da supressão do *glide* labial é apresentada sob a óptica da Geometria de Traços (6.1.3).

6.1.1 Supressão da semivogal labial na fala

De acordo com Palladino Neto (1995: 45), no século III a.C. percebe-se o desaparecimento do ditongo decrescente [ow] pela sua redução à vogal média [o] ou à vogal alta [u], como em *i[ow]menta~i[u]menta*, *i[ow]s~i[u]s*, *i[ow]rare~i[u]rare*, *L[ow]canam~L[u]ciom*. No latim vulgar, esse encontro vocálico é recuperado com a modificação de [aw], como em *p[aw]cu > p[ow]co*, ou mesmo com a vocalização da lateral em coda, a exemplo de *c[al]ce > c[ow]ce*.

Em estudos que datam das primeiras décadas do século XX, Amadeu Amaral (1920) e Mário Marroquim (1934) constataam a queda da semivogal posterior no ditongo [ow], como

em p[o]co, t[o]ro, l[o]cura, r[o]pa, [o]tro, fr[o]xo e [o]ro, entre outras palavras⁷. Os dados de Marroquim referem-se ao linguajar do nordeste brasileiro, enquanto os de Amaral reportam-se a pequenas regiões do interior de São Paulo “*que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso*” (AMARAL, 1920:42). O autor imaginava que o dialeto “caipira” estava “*condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve*” (AMARAL, 1920:42). No entanto, o fenômeno da redução do ditongo [ow] à vogal média parece que envolveu várias regiões do país, fortificando-se, cada vez mais, ao longo do tempo.

Em meados do século passado, Antenor Nascentes (1953) verifica que, no linguajar carioca, o ditongo [ow] ora reduz-se a [o], como em [ow]tro~[o]tro, ora alterna com [oy], como em l[ow]ro~l[oy]ro e d[ow]do~d[oy]do, fenômenos que ocorrem ainda hoje.

Observando os Atlas lingüísticos do Amazonas (2004), de Sergipe (1987), do Pará (2004), de Minas Gerais (1977) e da Paraíba (1984), nota-se uma tendência à supressão do *glide* posterior no ditongo decrescente [ow], principalmente na região mineira, ocorrendo 23 casos de mãe-do-[o]ro, num total de 25. Porém, é o Atlas Lingüístico da Paraíba que apresenta índice total de monotongação nas ocorrências do vocábulo manjed[o]ra.

Estudos realizados por Cabreira (1994), em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, revelam que a monotongação do ditongo decrescente [ow] supera 90% nos diversos contextos observados, sugerindo que o fenômeno do apagamento da semivogal labial envolva “*uma regra muito mais geral*” (p.146).

Analisando o fenômeno em Belo Horizonte, Assis Veado (1983) afirma que a mudança não está em progresso, dado que não há avanço conforme a idade dos informantes. A autora verifica, ainda, que não há contexto específico para a supressão da semivogal recuada, que se mantém apenas em registros muito formais. Em João Pessoa, a redução de [ow] também é quase categórica, de acordo com Silva (2004), assim como no Rio de Janeiro,

⁷ Marroquim (1934) afirma, ainda, que o ditongo decrescente [ow] alterna com [u] nos vocábulos [u]vir, [u]vido e [u]vinte, o que se ouve também em s[u]ber, s[u]besse, c[u]ber, c[u]besse.

onde Paiva (2003) salienta que não há condicionamentos de caráter fonético atuando no fenômeno. Para Paiva (2003), o ditongo é preservado apenas em vocábulos menos difundidos. Então, a autora conclui que o estímulo para a redução é simplesmente a presença da vogal média posterior.

Esses estudos corroboram as conclusões de Gonçalves e Costa (1995), que afirmam haver apagamento de [w] diante de qualquer consoante, ocorrendo a manutenção do ditongo [ow] (a) nas formas em que há vocalização da consoante lateral, como em b[ow]sa e s[ow]tar, (b) em situações muito formais de fala e (c) em nomes próprios, como ‘Souto’, ‘Couto’ e ‘Moura’. Logo, para os autores, a redução de [w] é passível de ser explicada pela Difusão Lexical, haja vista a existência de barreiras lexicais que inibem a ampla propagação da mudança.

Atualmente, observa-se que o fenômeno da redução de [ow] estende-se, em menor proporção, ao ditongo surgido a partir da vocalização da lateral, tornando-o passível de redução em alguns vocábulos. Assim, são encontradas na língua as variações *res[ow]vi* ~ *res[o]vi* (resolvi), *c[ow]chão* ~ *c[o]chão* (colchão) e *c[ow]chete* ~ *c[o]chete* (colchete), enquanto em outras palavras o ditongo é preservado, como em *g[ow]pista* (golpista) e *s[ow]ta* (solta), por exemplo.

6.1.2 Supressão da semivogal labial na escrita

Na medida em que os estudos sobre a monotongação de [ow] concentraram-se somente na língua oral, na presente pesquisa, são analisados textos escritos por alunos das séries iniciais (cf. seção 5.1), a fim de verificar, utilizando o programa Goldvarb 2001, os condicionadores da redução de [ow]. Pretende-se, com isso, observar se, 1) na modalidade

escrita, ao contrário da oral, há fatores que inibem o apagamento da semivogal no ditongo decrescente oral investigado, e se (2) a escola consegue recuperar o ditongo na escrita.

6.1.2.1 A primeira etapa de análise

As classes *pronome*, *advérbio* e *conjunção* são excluídas da primeira rodada por não apresentarem variação nos vocábulos ‘pouco’, ‘ou’ e ‘outro’. São igualmente descartados os fatores *margem esquerda* (referente a ‘outro’, ‘ou’ e ‘ouço’) e *consoante seguinte dorsal* (equivalente a ‘pouco’), devido à manutenção do ditongo na escrita dos alunos.

De todos os fatores controlados (cf. seções 5.1.1 e 5.1.2) , o programa selecionou como relevantes apenas os grupos *série* e *classe gramatical*. Na tabela 1 a seguir, aparecem os resultados da variável *série*:

Tabela 1

Influência da variável série na supressão do glide

Série	Ocorrência	%	Peso relativo
1ª	13/33	39	0.90
2ª	9/71	12	0.58
3ª	7/152	4	0.34
4ª	16/180	8	0.50
Total	45/436	10	

Input: 0.074

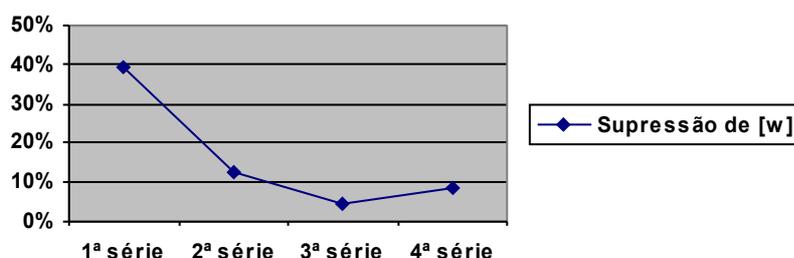
Significância: 0.000

Observa-se que, na escrita, a 1ª série favorece a supressão da semivogal [w], com peso relativo 0.90, seguida da 2ª série, com peso relativo 0.58. A 4ª série mostra-se neutra, com peso relativo 0.50, enquanto a 3ª série inibe o fenômeno (0.34).

Da 1ª série para a 2ª, há uma redução bastante significativa do nível de monotongação (cerca de 70%), seguida de outra queda de mais de 50% em relação à 3ª série. Verifica-se, então, a confirmação da hipótese inicial: a redução na ocorrência de monotongação da série inicial para a mais avançada. O ligeiro aumento na série final é atribuído à presença de muitos alunos repetentes na turma, contudo, a elevação do índice é pouco significativa, como é visto no gráfico a seguir:

Gráfico 1

**Redução do índice de monotongação
conforme o avanço das séries**



Observando o gráfico, nota-se um satisfatório decréscimo da supressão do *glide* labial da primeira série em diante, com preservação da semivogal posterior em 90% dos dados obtidos nas redações dos discentes. Essa evolução regressiva da monotongação atesta que a escola de fato consegue recuperar, na escrita de seus alunos iniciantes, um ditongo praticamente não utilizado na fala, confirmando a hipótese inicial.

Esses resultados sugerem que a instituição escolar seja a principal responsável pela manutenção desse ditongo nos dias atuais, seja na escrita seja na fala mais formal, pois é através dela que o falante conhece os vocábulos que contém o encontro vocálico em questão e passa a utilizá-lo na língua oral quando lhe convém.

O segundo grupo selecionado pelo Goldvarb é a *classe morfológica*, a qual demonstra que a queda do *glide* ocorre sobretudo no substantivo, enquanto o *verbo* inibe a redução, conforme se observa na tabela 2.

Tabela 2

Influência da variável classe morfológica na supressão do *glide*

Série	Ocorrência	%	Peso relativo
Substantivo	40/295	13	0.62
Verbo	5/125	4	0.23
Total	45/420 ⁸	10	

Input: 0.074

Significância: 0.000

Dos 125 empregos de verbos, apenas 5 foram escritos sem a semivogal (4%): ‘deitou’, ‘deixou’, ‘lavou’, ‘passou’ e ‘queimou’. De um total de 295 incidências de substantivos, ocorreu 40 vezes (13,7%) a supressão da semivogal [w] com os substantivos ‘cenoura’, ‘louça’, ‘roupa’ e ‘tesoura’. Houve manutenção nas 13 incidências do pronome ‘outro’, nas duas ocorrências do advérbio ‘pouco’ e na única ocorrência da conjunção ‘ou’.

Constata-se, conforme o esperado, que a classe dos substantivos está mais propensa ao apagamento do *glide* labial que as demais classes, com peso relativo 0.62. Convém ressaltar que todos esses substantivos são comuns e que os substantivos próprios são investigados à parte, em 6.1.2.5, devido à sua ausência nos textos dos informantes.

Os resultados da tabela 2 mostram que, dentre as classes gramaticais afetadas, os verbos tendem a preservar o ditongo <ow> muito mais que as outras classes, com peso relativo 0.23. Tal fato pode estar relacionado à informação morfológica que o ditongo veicula na maioria dos verbos encontrados (3ª pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo).

⁸ O resultado refere-se a um total de 420 dados devido à exclusão de 16 dados na primeira rodada.

Supõe-se que a classe morfológica não influencia a queda do *glide* posterior na escrita, mas a informação morfológica oferecida pelo ditongo em questão em algumas formas verbais. Portanto, o grupo classe morfológica sofre alteração a partir da rodada seguinte, que utiliza apenas os grupos de fatores lingüísticos. No lugar da divisão por classe gramatical, os dados são distribuídos de acordo com o *status* morfológico do ditongo. Assim, os verbos de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, em que o ditongo em questão representa uma *desinência*, são separados dos verbos cujo ditongo não oferece a informação de tempo, modo, número e pessoa (‘trouxe’ e ‘ouça’). Estes se unem às demais classes morfológicas (substantivo, advérbio, conjunção e pronome), em que o ditongo [ow] também faz parte do radical.

6.1.2.2 A segunda etapa de análise

Dentre os grupos de fatores lingüísticos, o programa Goldvarb seleciona como relevante apenas o *status morfológico* do ditongo, que passa a substituir o grupo *classe de palavra*.

Tabela 3

Influência da variável status morfológico na supressão do *glide*

Status morfológico	Ocorrência	%	Peso relativo
desinência	5/123	4	0.29
parte do radical	40/313	12	0.58
Total	45/436	10	

Input: 0.094

Significância: 0.006

Verifica-se que a supressão da semivogal [w] é inibida, na escrita, quando o ditongo representa uma *desinência* (0.291), ou seja, quando ele constitui marca morfológica da flexão verbal, ao passo que o fator *parte de radical* revela-se neutro (0,587) no fenômeno da monotongação de [ow].

Na medida em que os grupos *consoante precedente* e *consoante seguinte* são descartados pelo programa, é possível afirmar que não há contexto específico que influencie a monotongação do ditongo [ow], conforme tabela a seguir.

Tabela 4

Fatores lingüísticos eliminados

Fatores	Consoante precedente		Consoante seguinte	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Labial	2/48	4,16%	10/105	9,52%
Coronal	33/243	13,58%	30/204	14,7%
Dorsal	10/130	7,69%	0/2	0%
Margem	0/15	0%	5/125	4%

No entanto, em final de palavra, a supressão da semivogal [w] ocorre com duas formas verbais que já possuem um ditongo em seu interior: ‘deixou’ (1/2) e ‘deitou’ (1/1). Parece que a presença de dois ditongos em um mesmo vocábulo leva à monotongação de um deles, certamente do segundo, confirmando Paiva (2003).

6.1.2.3 A terceira etapa de análise

Utilizando apenas os fatores extralingüísticos, em uma terceira rodada é escolhido pelo programa o grupo *série*, enquanto os grupos *gênero* e *idade* são eliminados. Semelhante à primeira rodada, o resultado ratifica que a 1ª *série* mostra-se mais favorável à supressão da semivogal (0.87), seguida da 2ª *série* (0.60). Já a 4ª *série* (0.50) mostra-se neutra, enquanto a 3ª *série* inibe a supressão (0.34).

A variável *gênero* é eliminada visto que o percentual de monotongação é praticamente o mesmo em ambos os gêneros, demonstrando que esse fator não exerce qualquer influência na supressão da semivogal posterior, como se vê no quadro abaixo:

Tabela 5

**Influência da variável gênero na
supressão do *glide***

Gênero	Monotongação	%
Feminino	18/166	10,84%
Masculino	27/270	10%
TOTAL	45/436	10,32%

O grupo idade é igualmente excluído, visto que ele acompanha a evolução das séries. Logo, o que está em questão é o nível de contato do aluno com a língua escrita, e não a idade em que se dá esse contato. No quadro a seguir, notam-se os percentuais de monotongação de acordo com a idade dos informantes.

Tabela 6

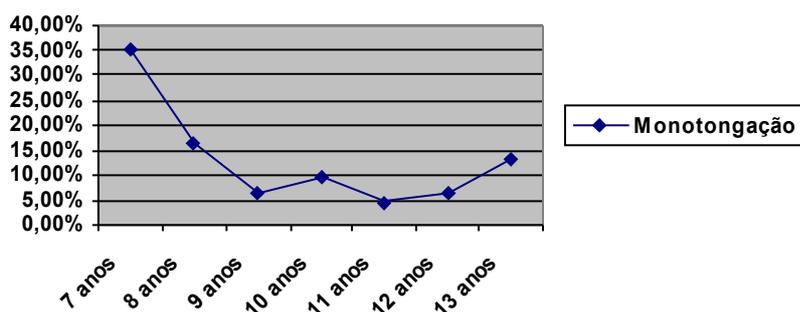
**Influência da variável idade na
supressão do *glide***

Idade	Monotongação	%
7 anos	6/17	35,29%
8 anos	10/61	16,39%
9 anos	7/114	6,14%
10 anos	19/190	10%
11 anos	1/23	4,34%
12 anos	1/16	6,25%
13 anos	1/15	13,33%
Total	45/436	10,32%

Verifica-se um índice bem maior de monotongação entre os informantes de 7 anos. Após essa idade, há um decréscimo no índice até os 9 anos, com oscilação entre 10 e 11 anos. A

partir dessa idade, o índice começa a se elevar até os 13 anos, conforme se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 2
Decréscimo no índice de monotongação
conforme a idade



De acordo com o gráfico, percebe-se que a idade inicial (7 anos) está mais propensa a sofrer influência da modalidade oral, no que concerne à utilização ou não do ditongo em questão, com um percentual de 35,29%. Na idade seguinte, esse percentual sofre uma queda de cerca de 50%, chegando a 16,39%, valor esse que não é ultrapassado nas idades seguintes, apesar da inconstância no índice.

6.1.2.4 Os nomes próprios

A quatro alunos de cada série (totalizando dezesseis), foram apresentadas fotos de cinco personalidades: Douglas Silva (jogador), Luciana Coutinho (atriz), Maurício de Sousa (desenhista), Solange Couto (atriz) e Wagner Moura (ator). Junto às fotos, foram apresentadas algumas dicas por escrito, conforme anexo. Os alunos falaram os nomes dessas pessoas e em seguida os escreveram.

Constatou-se que todos os dezesseis alunos pronunciaram esses nomes próprios com o ditongo decrescente [ow], totalizando 100% de preservação do *glide*. Na escrita, o ditongo em questão foi igualmente representado, ocorrendo algumas vezes a troca de < u > por < l >, como em ‘*Colto*’ e ‘*Molra*’.

Esses resultados demonstram que os nomes próprios de fato constituem “*barreiras lexicais*” (Gonçalves, 1997) à ação de mudança, conservando-se na escrita e na fala não-tensa.

6.1.3 O apagamento de [w]: formalização

Todos os trabalhos realizados na escrita e na fala revelam que não há um contexto fônico específico favorecedor ou inibidor da redução do ditongo decrescente [ow], confirmando Damulakis (2005), Assis Veado (1983), Paiva (2003) e Gonçalves e Costa (1995). Logo, assume-se, como Paiva e Damulakis, que a adjacência da vogal média labial leva ao apagamento da semivogal alta. No entanto, diferente de Damulakis (2005), que apresenta a restrição OCP[dorsal] como atuante no fenômeno, afirma-se, aqui, que a restrição OCP (Princípio do Contorno Obrigatório) atua motivada pelo traço [labial], visto que ambos os elementos do ditongo possuem esse traço. De fato, toda vogal labial é também dorsal, como se observa na representação a seguir, em que a linha tracejada separa as vogais coronais [i, e, ε] das dorsais [u, o, ɔ, a].

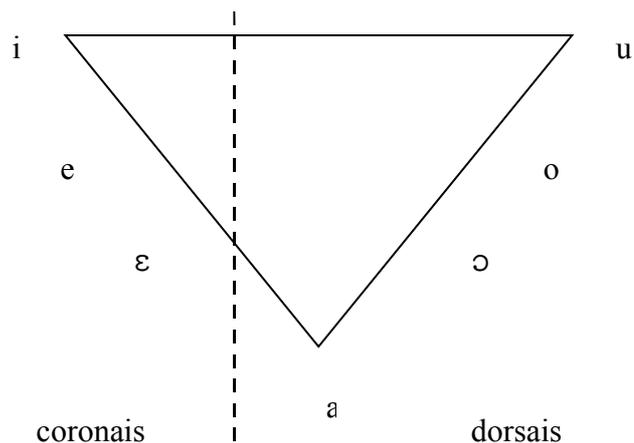


Figura 7: Representação das vogais coronais e dorsais

Na medida em que algumas dorsais são também labiais, pode-se fazer uma nova linha pontilhada na representação das vogais, separando a dorsal simples [a] das dorsais arredondadas [u, o, ɔ].

(8)

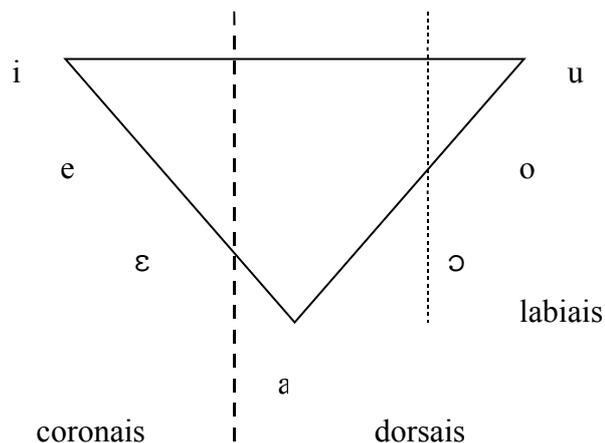


Figura 8: Representação das vogais coronais, dorsais e labiais

Nota-se que é redundante dizer que as vogais [o] e [u] são labiais e dorsais, bastando caracterizá-las pelo traço [labial]. Essa estratégia permite excluir da restrição OCP a dorsal [a], a qual aparece em várias palavras com a semivogal labial, como [aw]moço, [aw]rora e

[aw]tomóvel. Logo, assume-se que a adjacência do traço [labial] na mesma camada (no caso, na camada da rima silábica) é proibida pela restrição OCP. Como solução, os nós abertura dos dois elementos se fundem, formando uma só vogal com o traço [+aberto2], como em [o]ro. Com base na Geometria da Traços (Clements & Hume, 1995), podemos representar a fusão no nó de abertura dos segmentos tautossilábicos [o] e [u] da seguinte maneira:

(9)

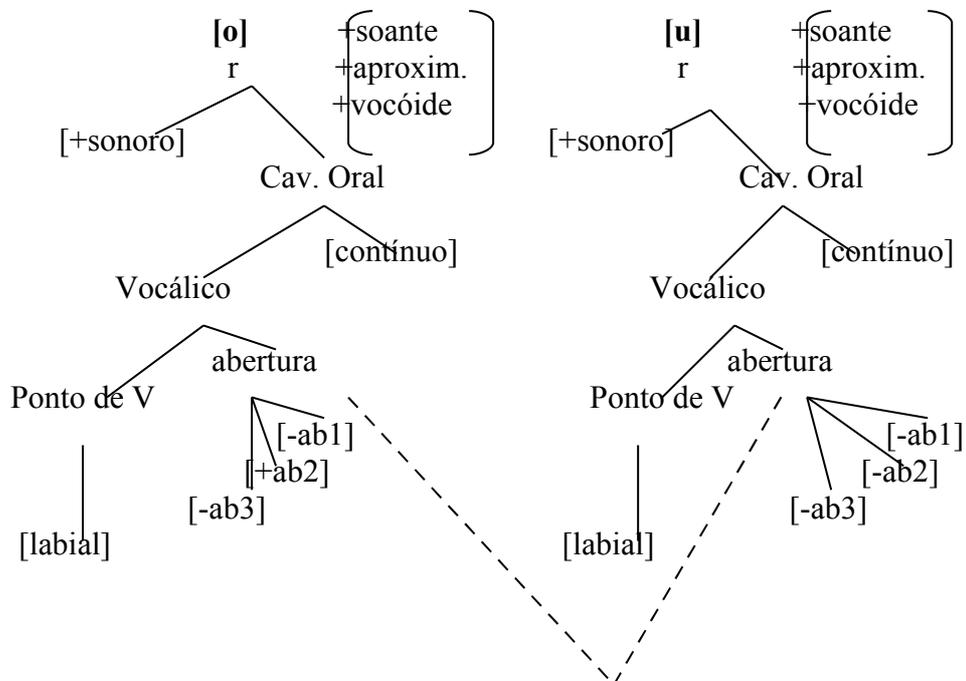


Figura 9: Representação da fusão do nó abertura

A linha de associação tracejada demonstra a fusão dos nós abertura dos segmentos labiais médio e alto, os quais diferem apenas em relação à abertura 2. Com essa fusão, as duas vogais ficam idênticas e passam a compartilhar a mesma raiz, como é demonstrado em (10) a seguir:

(10)

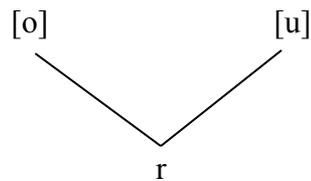


Figura 10: Fusão de vogais idênticas

Uma vez que os elementos [o] e [u] passam a compartilhar a mesma raiz, o segundo segmento é apagado, como formalizado em (11):

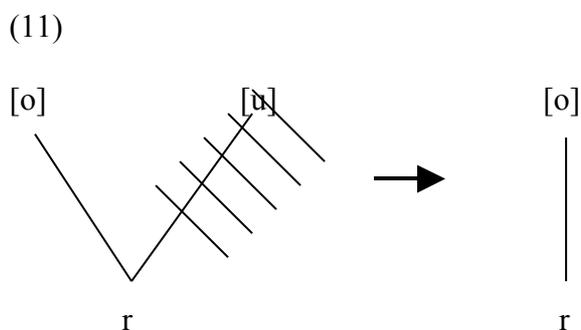


Figura 11: Apagamento do elemento idêntico

Após essa fusão, apenas um elemento se realiza, em geral, a vogal labial média [o], podendo, em casos restritos, sobressair a vogal alta, como em [u]vido. Pode-se afirmar, portanto, que o processo fonológico em análise tem como domínio a rima silábica e é motivado pela restrição OCP [labial], que proíbe a adjacência de vogais arredondadas com dois traços de abertura idênticos. Com a fusão dos nós de abertura, as vogais se subordinam a um único nó de raiz, havendo, em conseqüência, apagamento de uma delas.

Vale ressaltar que essa fusão pode não ocorrer em situações muito formais ou mesmo em nomes próprios. Neste caso, ouvem-se ocasionalmente nomes próprios com o ditongo reduzido, como *D[o]glas* e *S[o]sa Aguiar*. Essa restrição ainda atinge gradualmente o ditongo [ow] oriundo da vocalização da lateral, como por exemplo em *colchão – c[o]chão*, *colchete –*

c[o]chete e *golfar* – *g[o]far*, mostrando uma evolução do fenômeno, que atinge proporções maiores na vocalização de <l> que segue a vogal alta, como em [' u]timo, [u]trapassar e az[u].

Entretanto, a semivogal labial surge em alguns contextos por assimilação de traços da vogal [o], a fim de preservar outras restrições existentes na língua, como é apresentado nas duas seções seguintes.

6.2 A DITONGAÇÃO EM CONTEXTO NASAL

Esta seção apresenta a análise da ditongação em contexto nasal na escrita (6.2.1) e na fala das cidades de Itajubá, em Minas Gerais (6.2.2) e do Rio de Janeiro (6.2.3). Nessas regiões, são observados o *gênero* e a *faixa etária*, como grupos de fatores extralingüísticos, e, como lingüísticos, a *posição na sílaba*, a *tonicidade*, o *contexto precedente*, o *contexto seguinte*, a *vogal seguinte* e o *estilo discursivo*. Em seguida, são formalizados os ambientes motivadores da inserção da semivogal labial na seqüência /oN/ (6.2.4).

6.2.1 Na escrita

As 71 redações dos alunos de primeira à quarta série apresentam manutenção de <on> e <om> em 221 dados encontrados. Além deste, há dois dados que merecem atenção. Um deles é a forma verbal ‘compra’, grafada por um aluno da quarta série como ‘*coupra*’. No vocábulo, apesar de o estudante suprimir a consoante nasal, ele insere a semivogal recuada, demonstrando perceber a presença desse elemento na fala.

Um outro caso ocorre com a forma verbal ‘comprou’, escrita por um informante da terceira série como ‘*cãoprou*’. No dado, embora a vogal média tenha adquirido os traços

[+ab1] e [+ab3], transformando-se em uma dorsal baixa, a semivogal [w] é representada pelo grafema <o>, formando um ditongo nasal bastante comum na língua.

6.2.2 Em Minas Gerais

A significância da primeira rodada, com input 0.605, não é muito satisfatória (0.008), o que leva a algumas alterações para a rodada seguinte. São eliminados os grupos *posição*, *gênero*, *consoante precedente* e *tipo de texto*.

O grupo *posição* apresenta o fator final com 87% de inserção da semivogal (204/233), o fator inicial com 50% de ditongação (18/36) e o medial com 44% (271/606). Esse grupo não é relevante, visto que cruza informações do fator *margem direita* dos grupos *consoante seguinte* e *vogal seguinte*.

O grupo *gênero* é irrelevante, com 57% (254/443) dos homens e 55% (239/432) das mulheres inserindo a semivogal, o que ratifica a hipótese inicial, que supunha a ditongação em proporção semelhante entre os gêneros.

O grupo *contexto precedente* apresenta 76% (111/146) de ditongação entre as *coronais*, 50% (251/493) entre as *dorsais*, também 50% (18/36) na *margem esquerda* e 56% (113/200) entre as *labiais*.

O grupo *estilo discursivo* tem 57% (456/800) de inserção nas leituras dos informantes e 49% (37/75) na fala espontânea. Se ao ler os informantes inserem a semivogal mais do que ao falar, pressupõe-se que a forma ditongada seja mais formal que a simples.

Os grupos selecionados, na primeira rodada, são: *vogal seguinte*, *contexto seguinte*, *faixa etária* e *tonicidade*.

O grupo *faixa etária* é o único extralingüístico considerado relevante, apresentando 63% de ditongação na *faixa 1* (197/311), 46% na *faixa 2* (133/286), e 58% na *faixa 3*

(163/278). O resultado revela maior índice de inserção da semivogal entre os adolescentes, confirmando a hipótese inicial, mas não há avanço na frequência de acordo com o decréscimo de idade, visto que a segunda faixa insere menos a semivogal [w] que as demais.

Os outros três grupos selecionados, no entanto, exibem informações cruzadas, dado que algumas *postônicas* e a *margem direita* dos grupos *vogal seguinte* e *contexto seguinte* apresentam informação semelhante. Por isso, na rodada seguinte, utilizam-se somente os grupos *tonicidade* (eliminado o fator *postônico*), *contexto seguinte* (excluído *margem direita*), *vogal seguinte* e *contexto precedente*.

Os grupos *contexto precedente* e *tonicidade* são eliminados pelo pacote Goldvarb. O percentual daquele já foi mencionado acima. As *tônicas* apresentam 61% de ditongação (264/426) enquanto as *pretônicas* revelam apenas 44% (177/396). Essa eliminação sugere que o fator *tônico* não esteja influenciando o fenômeno em Minas Gerais, mas esse fator é visto mais adiante, em 6.2.3.

Os escolhidos como relevantes são *vogal seguinte* e *contexto seguinte*. Na tabela 12, aparecem os resultados da variável *vogal seguinte*:

Tabela 12

Influência da variável vogal seguinte na inserção da semivogal em MG

Vogal seguinte	Ocorrências	%	Peso relativo
margem direita	204/233	87	0.75
dorsal	100/176	56	0.54
labial	105/188	55	0.51
coronal	84/278	30	0.24

Input: 0.560
Significância: 0.000

Os dados mostram que a ausência de vogal na sílaba seguinte favorece o travamento da sílaba pela inserção da semivogal labial, com peso relativo 0.75, seguido das vogais *dorsais*, que favorecem ligeiramente o fenômeno (0.54). Já as vogais *labiais* se revelam neutras (0.51), contrariando a hipótese inicial. Por sua vez, as vogais *coronais* (0.24) inibem a ditongação, visto que não compartilham traços do nó Ponto de V nem com a vogal média [o], nem com a semivogal [w], as quais apresentam o traço labial. Vejam-se os percentuais e os pesos relativos do grupo *contexto seguinte*:

Tabela 13

Influência da variável contexto seguinte na inserção da semivogal em MG

Consoante seguinte	Ocorrências	%	Peso relativo
labial	156/288	54	0.61
dorsal	52/104	50	0.56
coronal	81/250	32	0.34

Input 0.560
Significância: 0.000

No segundo grupo selecionado, *contexto seguinte*, as consoantes *labiais* (0.61) e as *dorsais* (0.56) apresentam-se como favorecedoras nos dados, enquanto as *coronais* (0.34) são desfavorecedoras da ditongação.

6.2.3 No Rio de Janeiro

Na cidade do Rio de Janeiro, onde ocorre um maior índice de inserção da semivogal labial em contexto nasal, a ditongação foi categórica quando /oN/ se encontra em posição postônica, na margem direita. Nota-se que há, nesta cidade, uma restrição que proíbe sílaba

final com vogal nasal [õ], a qual recebe categoricamente a semivogal labial para constituir um ditongo.

São retirados os fatores *posição final*, *margem direita* e *postônicas*, em que se dá a ditongação em todos os dados, em seguida é feita uma primeira rodada utilizando todos os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Nela, são eliminados pelo programa os grupos *posição* e *contexto precedente*. Aquele possui os fatores *tônico*, com 79% de ditongação, e *pretônico*, com 71%. O segundo grupo eliminado pelo programa apresenta ditongação em 94% dos contextos precedidos de coronais, em 74% dos precedidos de dorsais e de labiais, e em 63% na *margem esquerda* da palavra.

Com input 0,738 e significância 0.007, o programa seleciona, na seguinte ordem, os grupos de fatores *vogal seguinte*, *faixa etária*, *contexto seguinte*, *gênero*, *tonicidade* e *estilo discursivo*. Começa-se a explanação com *vogal seguinte*, cujos resultados constam na tabela 14:

Tabela 14

Influência da variável vogal seguinte na inserção da semivogal – RJ

Vogal seguinte	Ocorrências	%	Peso relativo
labial (<i>respondo</i>)	166/199	83	0.70
dorsal (<i>responda</i>)	123/166	74	0.60
coronal (<i>responde</i>)	149/273	54	0.29

Input: 0,738

Significância: 0.007

Os resultados mostram que a vogal seguinte labial favorece a inserção da semivogal labial (0.70), seguida da vogal dorsal (0.60). Por outro lado, o grupo fonológico /oN/ seguido

de vogal coronal tende à manutenção (0.29). Os resultados da tabela a seguir são da variável faixa etária:

Tabela 15

Influência da variável faixa etária na inserção da semivogal – RJ

Faixa etária	Ocorrências	%	Peso relativo
Faixa 1	246/294	83	0.61
Faixa 2	258/318	81	0.55
Faixa 3	194/286	67	0.32

Input: 0,738

Significância: 0.007

Verifica-se um aumento da realização de [õ] com o avanço da faixa etária. A *faixa 1* apresenta peso relativo 0.61, a *faixa 2*, 0.55; e a *faixa 3* reduz o índice de ditongação, com peso 0.32. Na tabela 16, abaixo, registram-se os resultados do grupo *contexto seguinte*:

Tabela 16

Influência da variável contexto seguinte na inserção da semivogal – RJ

Contexto seguinte	Ocorrências	%	Peso relativo
labial (<i>tombo</i>)	221/281	78	0.63
dorsal (<i>longo</i>)	79/106	74	0.61
[ʃ,ʒ] (<i>troncho</i>)	22/31	70	0.45
coronal (<i>tonto</i>)	116/220	52	0.28

Input: 0,738

Significância: 0.007

As consoantes seguintes *labiais* (0.63) e *dorsais* (0.61) mostram-se favorecedoras da epêntese da semivogal labial, enquanto as *coronais* distribuídas [ʃ] e [ʒ] e as coronais anteriores desfavorecem o fenômeno, com peso relativo 0.45 e 0.28, respectivamente. Uma vez que a diferença entre estas últimas é pouco significativa, as coronais são agrupadas na rodada seguinte. Vejam-se os resultados da variável *gênero*:

Tabela 17

Influência da variável gênero na inserção da semivogal – RJ

Gênero	Ocorrências	%	Peso relativo
feminino	375/443	84	0.62
masculino	323/455	70	0.37

Input: 0,738

Significância: 0.007

Os informantes *masculinos*, com peso relativo 0.37, ditongam menos que os informantes *femininos*, com peso 0.62, indicando que as mulheres estejam favorecendo mais a inovação. Na tabela 18, aparecem os resultados de *tonicidade*:

Tabela 18

Influência da variável tonicidade na inserção da semivogal – RJ

Tonicidade	Ocorrências	%	Peso relativo
pretônica (consequir)	277/387	71	0.55
tônica (sonso)	345/435	79	0.45

Input: 0,738

Significância: 0.007

Embora o percentual indique um índice considerável de ditongação tanto na sílaba *pretônica* (79%) quanto na *tônica* (71%), o peso relativo mostra um ligeiro favorecimento por parte das *pretônicas* (0.55) e um ligeiro desfavorecimento nas sílabas *tônicas* (0.45). Acredita-se que a divergência nos resultados deve-se ao fato de essas informações estarem vinculadas a outros fatores, como a adjacência de elemento labial ou dorsal e a margem direita.

A fim de verificar se a proximidade da sílaba tônica favorece a ditongação, são selecionados dois cariocas e dois mineiros residentes no Rio de Janeiro para ler, em algumas frases, as palavras a seguir, nas quais a sílaba tônica está assinalada: ‘convenço’ e ‘convence’, com distância 1 em relação à tônica; ‘convencer’ e ‘convencido’, com distância 2, ‘convencimento’ e ‘conveniente’, com distância 3; ‘concatenação’, com distância 4; e ‘convenientemente’, com distância 5.

Verifica-se a inserção categórica do *glide* labial, independente da naturalidade do falante. O resultado, devido talvez ao surgimento de acento secundário nas palavras mais longas, sugere que a distância em relação à sílaba tônica não interfere no fenômeno da ditongação em contexto nasal. Na tabela 19, exibem-se os resultados de *estilo discursivo*:

Tabela 19

Influência da variável estilo discursivo na inserção da semivogal – RJ

Estilo discursivo	Ocorrências	%	Peso relativo
leitura	638/812	78	0.51
relato	60/86	69	0.33

Input: 0,738

Significância: 0.007

Último selecionado pelo programa, o grupo *estilo discursivo* revela que a ditongação é mais freqüente na *leitura*, com 78% (0.51), que no *relato de leitura*, com 69% (0.33), não confirmando a hipótese.

É feita uma nova rodada somente com *vogal seguinte*, *contexto precedente* e *seguinte*, a fim de confirmar em que ordem esses grupos influenciam a inserção da semivogal. Com input 0.750 e significância 0.000, o pacote Goldvarb seleciona *vogal seguinte*, *contexto seguinte* e *contexto precedente*. Começa-se cotejando a variável *vogal seguinte*:

Tabela 20

**Influência da variável vogal seguinte
na inserção da semivogal – RJ**

Vogal seguinte	Peso relativo
labial	0.66
dorsal	0.59
coronal	0.32

Input: 0.750
Significância: 0.000

A tabela 20, acima, mostra que as vogais seguintes *labiais* (0.66) e *dorsais* (0.59) são favorecedoras da inserção do *glide* labial, enquanto as vogais *coronais* (0.32) inibem a epêntese, visto que não compartilham traços do ponto de V com a semivogal nasal posterior. Em relação ao *contexto seguinte*, observe-se a tabela 21:

Tabela 21

**Influência da variável contexto
seguinte na inserção da semivogal –
RJ**

Contexto seguinte	Peso relativo
labial	0.65
dorsal	0.58
coronal	0.30

Input: 0.750
Significância: 0.000

Assim como ocorre com as vogais seguintes, as consoantes *labiais* (0.65) e *dorsais* (0.58) são favorecedoras da ditongação, enquanto as consoantes *coronais* (0.30) desfavorecem a realização ditongada da seqüência /oN/. Finalizamos a apresentação dos resultados com o *grupo contexto precedente*:

Tabela 22

**Influência da variável contexto
precedente na inserção da semivogal
– RJ**

Contexto precedente	Peso relativo
coronal	0.68
labial	0.50
dorsal	0.43
margem esquerda	0.42

Input: 0.750
Significância: 0.000

O terceiro grupo escolhido pelo pacote Goldvarb é o *contexto precedente*, em que as consoantes *coronais* favorecem o fenômeno da ditongação, com peso relativo 0.68. No entanto, deve-se levar em consideração que na maioria dos vocábulos ocorre outros fatores que favorecem a epêntese da labial, como segmento seguinte *labial* ou *margem direita* (conforme citado em 6.2.2). Por outro lado, é mais provável que haja ditongação com o contexto precedente coronal do que com o contexto seguinte de mesmo ponto, o qual apresenta peso relativo 0.30, conforme tabela 21.

Por sua vez as consoantes *labiais* mostram-se neutras, com peso relativo 0.50. Enquanto as consoantes *dorsais* e a *margem esquerda* desfavorecem a inserção do *glide* labial, apresentando, respectivamente, pesos relativos 0.43 e 0.42.

6.2.4 Formalização da ditongação em contexto nasal

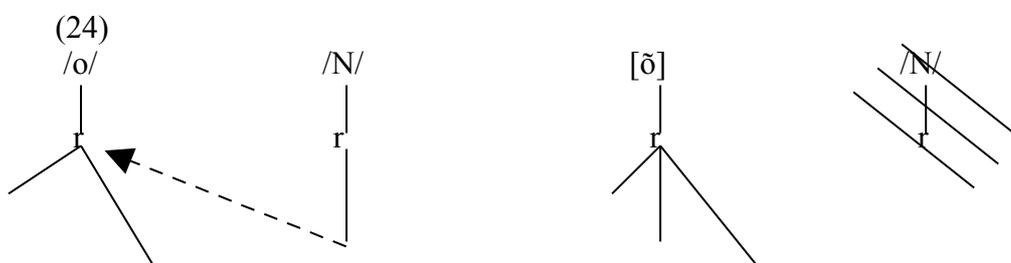
A tabela 23, a seguir, resume os contextos favorecedores e desfavorecedores da epêntese da semivogal labial na seqüência /oN/ nas duas regiões estudadas, apresentando os percentuais e os pesos relativos.

Tabela 23

Favorecedores e desfavorecedores da ditongação em Minas Gerais e no Rio de Janeiro

	MINAS GERAIS			RIO DE JANEIRO		
	Contextos	%	Peso rel.	Contextos	%	Peso rel.
FAVORECEM	margem direita	87	0.75	margem direita	100	-
	consoante seguinte labial	54	0.61	vogal seguinte labial	83	0.66
	consoante seguinte dorsal	50	0.56	consoante seguinte labial	78	0.65
	vogal seguinte dorsal	56	0.54	vogal seguinte dorsal	74	0.59
	vogal seguinte labial	55	0.51	consoante seguinte dorsal	74	0.58
DESAVORECEM	consoante seguinte coronal	32	0.34	vogal coronal	54	0.32
	vogal seguinte coronal	30	0.24	consoante seguinte coronal	52	0.30

Enquanto na cidade mineira a ausência de segmento seguinte favorece a ditongação de /oN/, sem constituir fenômeno categórico, no Rio de Janeiro esse fator determina a inserção da semivogal labial. Logo, o que ocorre nesse contexto é um efeito de borda na margem direita (conforme cita BISOL, 2002), onde primeiramente a nasal transmite sua nasalidade para a vogal precedente [o] e, em seguida, é apagada, como se mostra na figura (24):



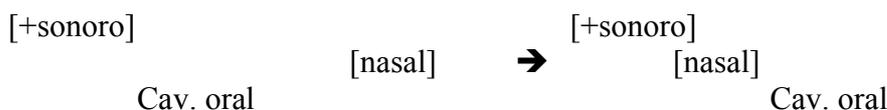


Figura 24: Efeito de borda na seqüência /oN/

Após a queda da nasal, surge a semivogal nasal [w̃], contígua à vogal nasalizada. Essa contigüidade ocorre não somente com o contexto em questão, mas também na ditongação de outras vogais nasais em final de palavra. Assim, as vogais nasais coronais [ẽ] e [ĩ] podem receber a semivogal coronal [ỹ] para constituir o ditongo, como em *c/eN/* - *c[ẽỹ]* e *s/iN/* - *s[ĩỹ]*. Já a vogal labial [ũ] e a dorsal [ẽ] admitem a labial (e, portanto, dorsal) [w̃], como em *álb/uN/* - *álb[ũw̃]* e *am/aN/* - *am[ãw̃]*. Ao que tudo indica, apenas a seqüência /aN/ pode se realizar, como o ditongo [ẽw̃] – conforme ocorrem em *faç[ẽw̃]* e *cant[ẽw̃]* – e também como vogal nasal [ẽ] – segundo se nota em *órf[ẽ]* ou *maç[ẽ]*⁹.

Uma vez que a ditongação em final de palavra pode afetar todas as vogais nasais, acredita-se que haja, na língua, uma restrição proibindo a ocorrência de vogal nasal em fronteira de palavra. Tal restrição parece ser categórica na capital do Rio de Janeiro, exceto no uso da vogal dorsal, e não-categórica em outras regiões. Atribui-se a ela a freqüente epêntese de semivogal nesse contexto.

As vogais labiais e dorsais da sílaba seguinte podem levar à inserção do *glide* recuado, principalmente se ocorrerem com consoantes de mesmo traço. Nesse caso, a semivogal labial nasal surge da assimilação do traço labial (a) e/ou dorsal (b) da vogal seguinte, como se nota em (25) nas árvores simplificadas:

⁹ A ditongação da vogal nasal dorsal ocorre somente em sílabas finais átonas.

segmento [t], visto que este não possui a camada Ponto de V, fato que impediria tal espreadimento, por violar o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas de Associação (ver 3.4.1).

Na seqüência /oN/, a presença de vogal labial ou dorsal na sílaba seguinte pode favorecer a ditongação, mas não a determina. Da mesma forma, é possível haver ditongação em um contexto que anteceda uma vogal coronal, como em ‘longe’, palavra em que há epêntese de [w̃] apenas na leitura da informante carioca da faixa 2, demonstrando que a adjacência desse traço tende a impedir a inserção do *glide* recuado. Este, havendo ditongação nesse ambiente, assimila apenas o ponto de V da vogal labial [õ].

Resultados diferentes são encontrados por Daniela Marques (2006) no estudo de /eN/ na cidade do Rio de Janeiro e em Campinas (SP), cujos dados mostram a vogal seguinte como determinante da ditongação na capital carioca. Nessa região, as vogais coronais levam ao surgimento de [ỹ], enquanto a presença de vogais dorsais impede a epêntese do *glide* anterior (26a). Já na cidade paulista, a ditongação pode ocorrer independentemente da vogal seguinte (26b). Vejam-se os dados a seguir, todos extraídos de Marques (2006):

(26)

a. Rio de Janeiro

borda	[a]	[e]	[i]	[o,ɔ]
direita				
b[ẽỹ]	t[ẽ]tacão	t[ẽʸ]pero	ent[ẽʸ]dido	t[ẽ]porário
am[ẽỹ]	d[ẽ]tário	v[ẽʸ]dedor	v[ẽʸ]tilar	v[ẽ]tosa
viag[ẽỹ]	c[ẽ]tavo	s[ẽʸ]telha	g[ẽʸ]gibre	s[ẽ]sor

b. Campinas

borda	[a]	[e]	[i]	[o,ɔ]
direita				
b[ẽỹ]	t[ẽ]tacão	t[ẽʸ]pero	ent[ẽỹ]dido	t[ẽ]porário
am[ẽỹ]	d[ẽʸ]tário	v[ẽʸ]dedor	v[ẽỹ]tilar	v[ẽʸ]tosa

viag[ẽỹ] c[ẽ]tavo s[ẽʷ]telha g[ẽỹ]gibre s[ẽ]sor

Os exemplos mostram que, no Rio de Janeiro, as dorsais e as labiais impedem categoricamente a inserção do *glide* coronal, que não compartilha traços do nó ponto de V com essas vogais. Por outro lado, as vogais seguintes coronais são gatilhos determinantes da epêntese da semivogal de mesmo traço.

Retoma-se o exame da seqüência /oN/. Pode ainda haver consoantes labiais ou dorsais que transmitam o traço de Ponto de C para a semivogal que surge, como em ‘compro’, representado em árvore simplificada a seguir.

(27)

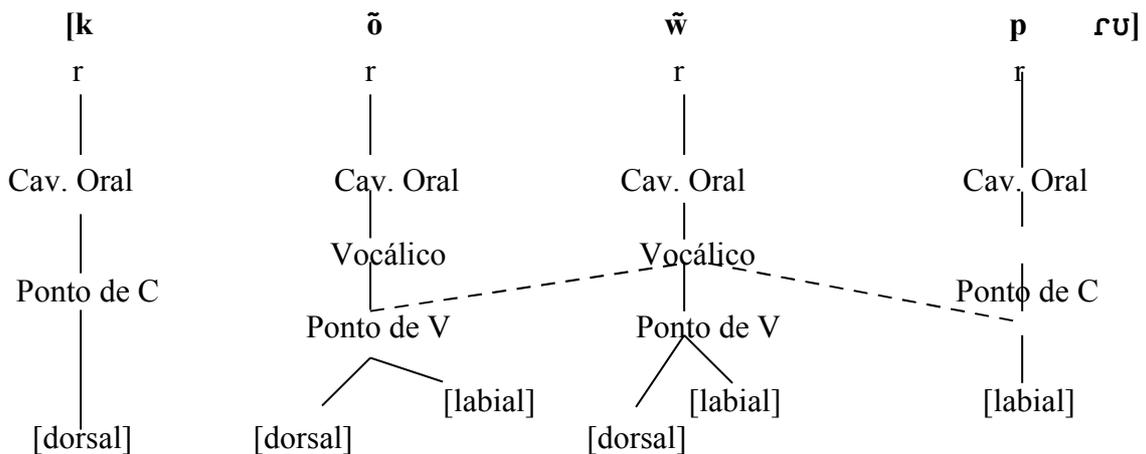
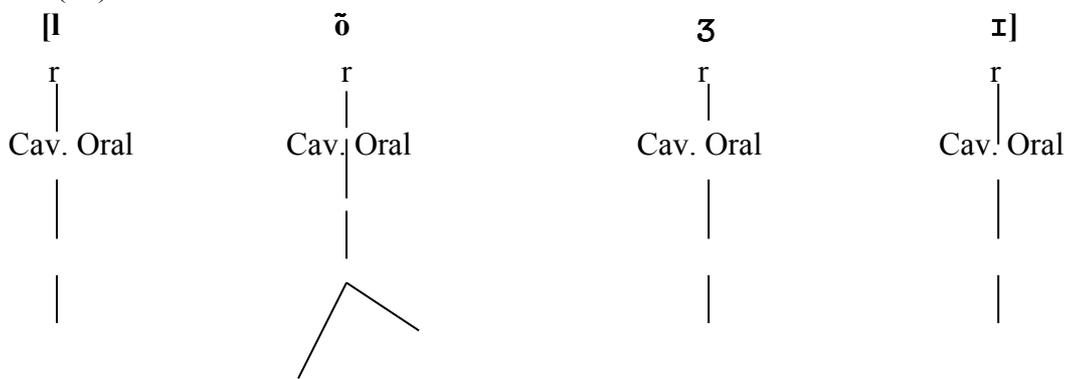


Figura 27: Espriamento do Ponto de V e do Ponto de C

Desfavorece a ditongação de /oN/ um segmento coronal adjacente, esteja ele seguindo ou precedendo o contexto em questão.

(28)



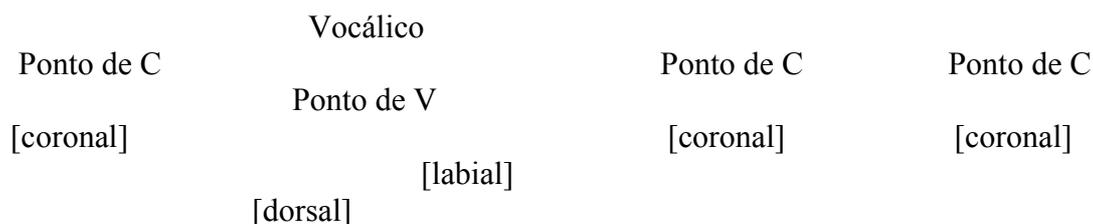


Figura 28: Ausência de espraimento devido à presença de segmento coronal adjacente

A fim de verificar a influência concomitantemente da consoante precedente e da seguinte, com as três possibilidades de vogal (labial, dorsal e coronal), são analisados oito grupos de palavras: A) com labial precedente e seguinte; B) com labial precedente e coronal seguinte; C) com dorsal precedente e labial seguinte; D) com dorsal precedente e seguinte; E) com dorsal precedente e coronal seguinte; F) com coronal precedente e labial seguinte; G) com coronal precedente e dorsal seguinte; e, finalmente, H) com coronal precedente e seguinte.¹⁰

O grupo A, labial com labial (em ‘bombom’, ‘bomba’, ‘pomba’, ‘bombando’, ‘bombeiro’ e ‘pombinho’), determina a ditongação no Rio de Janeiro (42/42), independente da vogal seguinte. Já em Minas Gerais, a seqüência labial+/ON/+labial é a mais favorecedora da ditongação (36/47), havendo apenas seis manutenções no vocábulo ‘bombom’, três em ‘bombeiro’ e uma em ‘pombinho’.

O grupo B, labial precedente e coronal seguinte, desfavorece a inserção da semivogal tanto no Rio de Janeiro (17/42) quanto em Minas Gerais (12/43). Dentre esses 29 casos de ditongação, 20 ocorrem em contextos com a vogal seguinte labial ou dorsal, demonstrando que a consoante precedente sozinha pouco influencia a epêntese de [w̃].

Observando apenas as palavras ‘compro’, ‘compra’ e ‘compre’, no grupo C, verifica-se pouca inclinação à ditongação. Olhando, porém, os demais vocábulos com dorsal precedente e labial seguinte, nota-se que há uma tendência à ditongação, principalmente quando a vogal seguinte é labial, como em ‘confusa’, ‘compota’, ‘agonfo’.

¹⁰ Não há, nos dados analisados, vocábulos com a seqüência labial + /oN/ + dorsal.

As consoantes dorsais precedentes e seguintes, no grupo D ('ronco', 'congó', 'conquista'), mostram-se bastante favorecedoras da epêntese da semivogal, fenômeno que ocorre na maioria dos dados: 34/61, em Minas Gerais, e 51/60 no Rio de Janeiro. No entanto, ao se trocar a consoante seguinte por coronal, no grupo E, o desfavorecimento da ditongação é bastante nítido: 6/30, em Minas Gerais e 16/32, no Rio de Janeiro, como ocorre em 'conto', 'conta', 'concha', 'conte' e 'aconchego'. Dentre os casos de epêntese, apenas seis estão presentes nos vocábulos com vogal seguinte coronal.

Constituindo o grupo F, coronal precedente e labial seguinte, há apenas dois vocábulos, 'tombo' e 'zombando', e este último pronunciado pelo informante mineiro da faixa 3. A manutenção ocorre apenas na leitura da informante mineira da faixa 1; nos outros onze casos, há ditongação.

Formam o grupo G, coronal precedente e dorsal seguinte, as palavras 'longo' e 'bronca', mostrando um grande favorecimento da inserção da semivogal: 10/13 para a primeira e 8/13 para a segunda.

O grupo H, coronal precedente e seguinte, conta com oito vocábulos: 'sonso', 'sondo', 'troncho', 'tonto', 'tonta', 'longe', 'bronze' e 'bronzeadá'. Neles, a inserção do *glide* labial ocorre em 61/99, sendo 26/49 em Minas Gerais e 35/50 no Rio de Janeiro. Os dados revelam que a ditongação é bastante favorecida pelas vogais seguintes labiais e dorsais, visto que ocorre apenas uma ditongação com o vocábulo 'longe', quatro para bronze (mesmo este tendo uma labial formando onset complexo), e 8 para 'bronzeadá'. Vale observar que o texto 2 apresenta a palavra 'onze', com duas coronais no contexto seguinte, a qual é lida por todos os 12 informantes sem a ditongação: [õ]ze.

Os dados mostram que os traços do ponto de V da vogal nasal média fazem surgir um *glide* com elementos semelhantes, mas o gatilho para o espraçamento é a borda direita da palavra ou a adjacência de segmentos labiais ou dorsais. Logo, a proximidade de elementos

coronais, como em ‘onze’, tende a bloquear a ditongação no contexto nasal, fenômeno que ocorre em proporção bem maior no Rio de Janeiro que em Minas Gerais.

6.3 A DITONGAÇÃO EM HIATOS FINAIS

A presente seção expõe os resultados da inserção da semivogal [w] em hiatos finais que apresentam a primeira vogal [o] como tônica (V.V), como em ‘boa’, ‘vôo’ e ‘perdoe’. As demais posições na sílaba não são aqui consideradas, visto que não manifestam a inserção da semivogal recuada, fenômeno estudado. Os hiatos não-finais que possuem a segunda vogal acentuada (V.V), como em ‘enjoado’, ‘magoada’, ‘toalha’, ‘voador’, ‘voasse’, ‘coelho’, ‘joelho’, ‘moeda’ e ‘zoólogo’, resultam em manutenção do hiato, principalmente na leitura. Há, algumas vezes, alteração apenas na primeira vogal, que sofre alteamento: mag[u. 'a]da, c[u. 'e]lho.

Já em sílabas não-finais átonas (V.V), como em ‘coalhada’, ‘magoadinha’, ‘joelhada’ e ‘zoológico’¹¹, verifica-se, quando não há manutenção, o alçamento da vogal média [o] ou sua passagem à semivogal, ocasionando um ditongo crescente: [kʊ.a]lhada ~ [kwa]lhada. Já em posição átona final, como nos vocábulos ‘mágoa’, ‘nódoa’ e ‘páscoa’, ocorre categoricamente o alteamento da vogal média posterior, que passa à semivogal, formando, com a vogal seguinte, um ditongo crescente: mág[wa], nód[wa], pásc[wa].

Quando a vogal final é acentuada, como em ‘voar’, ‘ensaboar’ e ‘doer’, mantém-se o ditongo com alteamento da primeira vogal: v[ʊ]ar, d[ʊ]er¹². Eliminando-se os casos de hiato

¹¹ Não foram encontrados vocábulos com os hiatos em questão na posição não-final com a primeira vogal acentuada (V.V), conforme apresenta a tabela 3 no quarto capítulo.

¹² Nesta situação, também é comum a variação entre hiato e ditongo crescente: v[wa]r e d[we]r.

em que não ocorre a epêntese, são vistos, nesta seção, os hiatos finais na escrita dos alunos das séries iniciais (6.3.1), na fala de Minas Gerais (6.3.2) e na fala carioca (6.3.3). Por fim, a ditongação é formalizada sob a óptica da Geometria de Traços (6.3.4).

6.3.1 Os hiatos na escrita

De um total de 71 redações da primeira à quarta série do Ensino Fundamental, são encontrados 225 dados com o hiato final <oa>. Dentre estes, ocorre manutenção em 167 dados, ou seja, 74%, enquanto 58 vocábulos recebem a semivogal labial para desfazer o hiato, representando 26% de ocorrências, distribuídas nas quatro séries iniciais, conforme apresentado na tabela 29, a seguir.

TABELA 29

Ditongação dos hiatos finais na escrita

Série	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	Total
Ditongação	9/29	6/37	31/93	12/66	58/225

Os resultados acima mostram que, conforme a expectativa, alguns alunos das séries iniciais reconhecem a presença da semivogal labial na fala e a transferem para a escrita, desfazendo o hiato final <oa>, em palavras como *leoa*, *boa* e *pessoa*.

Nesses textos, é observado que um mesmo aluno pode inserir o *glide* em uma palavra e manter o hiato em outra, demonstrando uma certa insegurança em relação à terminação dos vocábulos. Essa incerteza parece não afetar os alunos da primeira série, os quais ora ditongam todas as terminações em hiato, ora as mantêm em todos os vocábulos.

Embora não sejam considerados nos resultados, há, na terceira série, seis casos em que os alunos representaram com <u> ou com <l> a semivogal na palavra ‘leoa’ e em seguida

apagaram essas letras. Na quarta série, há um dado com a supressão de vogal idêntica adjacente em ‘zoológico’, de modo a não violar o Princípio do Contorno Obrigatório, que proíbe segmentos contíguos idênticos.

6.3.2 Os hiatos na fala de Minas Gerais

De um total de 250 dados dos hiatos finais <oa>, <oe> e <ôo> na fala de Minas Gerais, ocorre ditongação em 196 (78%) e manutenção em 54 (22%). As mulheres inserem a semivogal em 98/121 hiatos (80%) e os homens, em 98/129 dados (75%), mostrando que o *gênero* é um grupo irrelevante, assim como a *faixa etária*, apesar de a *faixa 1* apresentar o índice de inserção do *glide* labial um pouco superior que as demais faixas: 84% (81/96), contra 74% (69/81) da *faixa 2* e 75% (55/73) da *faixa 3*.

Uma vez que a significância era sistematicamente alta nas diversas rodadas em que as variáveis extralingüísticas foram consideradas, os grupos de fatores extralingüísticos citados não são utilizados no Goldvarb, assim como o grupo *estilo discursivo*, que apresenta 78% (163/207) de ditongação na leitura e 76% (33/43) na fala espontânea. A eliminação desses grupos mostrou-se produtiva, visto que a significância passou a ser 0.000.

O fator mais favorecedor da epêntese de [w] nos hiatos finais em questão é a *vogal final dorsal* (165/188), com peso relativo 0.63 (87%) , seguida da *vogal labial* (29/35) que representa 82% de ditongações, com peso relativo 0.53. Já a *vogal coronal* é a grande inibidora do fenômeno em 92% dos casos, apresentando apenas 2 casos de epêntese de [w] (2/27), com peso relativo 0.019. Nesses vocábulos, não é rara a passagem de hiato a ditongo após o alçamento da coronal como outra alternativa para se desfazer o hiato final: ['zoy], [pex. 'doy]. Vejam-se os resultados da tabela 30, a seguir:

TABELA 30

Influência da variável vogal final na epêntese de [w] – MG

Vogais	Ocorrências	%	Peso Relativo
[a]	165/188	87	0.63
[u]	29/35	82	0.53
[ɪ]	2/27	7	0.01

Input: 0.807
Significância: 0.000

Além disso, a ênfase dada à palavra tende a cooperar com a inserção da semivogal labial. Há ditongação em 86% (128/148) das palavras *ênfaticadas*, com peso relativo 0.63, contra 66% (68/102) dos vocábulos *não-ênfaticados*, com peso relativo 0.31¹³.

O pacote Goldvarb elimina os grupos *número de sílabas* e *contexto precedente*. Todos os fatores deste último apresentam alto índice de ditongação, com 95% (19/20) após o contexto *dorsal*, encontrado em ‘magoa’, ‘magô’ e ‘lagoa’. A manutenção se dá somente no vocábulo ‘magoa’, lido pelo informante mineiro da faixa 3. Os contextos precedentes *labiais* levam à ditongação de 83% dos dados (45/54), nas palavras ‘vô’, ‘voa’ e ‘boa’. Com o contexto precedente *coronal*, os hiatos recebem o *glide* labial em 75% dos casos (132/176). Os resultados estão em na tabela 31:

TABELA 31

Influência da variável contexto precedente na epêntese de [w] – MG

Contexto precedente	Ocorrências	%
[dorsal]	19/20	95
[labial]	45/54	83
[coronal]	132/176	75

¹³ Os pesos relativos do grupo *ênfase* referem-se à primeira rodada, em que se utilizam os fatores lingüísticos (exceto *tipo de texto*). Devido à significância obtida ser 0.001, o grupo *ênfase* é também excluído, originando a melhor rodada, com significância 0.000, a qual seleciona somente o grupo *vogal final*.

Contudo, o alto índice de inserção da semivogal em todos os contextos precedentes revela que há outros fatores contribuindo para a ditongação, o que torna esse grupo irrelevante. O mesmo se pode afirmar do grupo *número de sílabas*, que apresenta 83% (119/142) de epêntese nos vocábulos *trissílabos* e 71% (77/108) nos *dissílabos*. Dentre os casos de manutenção, ocorre, em vocábulos finalizados por coronais, a passagem do hiato a ditongo pelo alteamento da vogal coronal, como em *perd[oy]* e *z[oy]*.

6.3.3 Os hiatos na fala do Rio de Janeiro

Na fala dos informantes cariocas, são encontrados 215 dados com os hiatos finais <oa>, <ôo> e <oe>, dentre os quais 169 (78%) são desfeitos pela inserção da semivogal recuada e 46 (21%) são mantidos. A manutenção dos hiatos não se verifica na *fala espontânea* dos informantes. Por essa razão, somente a *leitura* é considerada, com 164/210 dados (78%). Esse fato leva à desconsideração do grupo *estilo discursivo* ao se aplicar o pacote Goldvarb.

Igualmente desconsiderados são os grupos de fatores extralingüísticos, que se mostram irrelevantes. O *gênero feminino* insere o *glide* [w] em 78/106 casos (73%) e o *masculino* em 91/109 (83%). Por sua vez, o grupo *faixa etária* apresenta os índices ainda mais aproximados: 56/70 (80%) para a *faixa 1*, 58/72 (80%) para a *faixa 2*, e 55/73 (75%) para a *faixa 3*. Observam-se os resultados na tabela 32:

TABELA 32

Influência das variáveis gênero e faixa etária na epêntese de [w] – RJ

Grupos	Fatores	Ocorrências	%
Gênero	feminino	78/126	73
	masculino	91/109	83
Faixa etária	1	56/70	80
	2	58/72	80
	3	55/73	75

Considerando somente os fatores estritamente fonológicos, o pacote Golvarb seleciona como relevante o grupo *segunda vogal do hiato*, apresentado na tabela 33.

TABELA 33

Influência da variável vogal final na epêntese de [w] – RJ

Vogal final	Ocorrências	%	Peso relativo
[a]	136/148	91	0.711
[u]	32/36	88	0.634
[ɪ]	1/31	3	0.007

A vogal final *dorsal* é a mais favorecedora da epêntese do *glide* labial, com peso relativo 0.71 (91%), seguida da *labial*, com peso relativo 0.63 (88%). O resultado demonstra que o elemento epentético compartilha com a vogal seguinte os traços [labial] e [dorsal]. Por outro lado, a vogal final *coronal* inibe quase categoricamente a ditongação, com peso relativo 0.007 (3%). Há 1 ocorrência de ‘coroe’ apresentando mudança, lida pelo informante da faixa 1. Ao que parece, essa é a forma por ele utilizada na fala espontânea, haja vista sua leitura apresentar bastante ênfase, aproximando de uma fala real os diálogos das personagens.

Os fatores lingüísticos eliminados pelo Goldvarb são *número de sílaba*, *ênfase* e *contexto precedente*, cujos resultados constam na tabela 34 a seguir:

TABELA 34

Grupos eliminados no Rio de Janeiro

Grupos	Fatores	Ocorrências	%
Número de Sílaba	3	96/106	90
	2	73/109	66
Ênfase	mais enfatizado	97/113	85
	menos enfatizado	72/102	70
Contexto precedente	[dorsal]	16/18	88
	[labial]	38/49	77
	[coronal]	115/148	77

O grupo número de sílabas revela que o fator *trissílabo* favorece a inserção do *glide* labial, com 90% (96/106) de ditongação, enquanto nos dados dissílabos a frequência reduz para 66% (73/109). Vale observar que este fator envolve também os monossílabos, ou seja, aqueles em que há o alçamento da vogal coronal, com a conseqüente ditongação sem a epêntese de semivogal.

O grupo *ênfase* também é excluído pelo programa. Apesar de os vocábulos *mais enfatizados* alcançarem 85% (97/113) de ditongação e os *menos enfatizados*, 70% (72/102), a maior parte das manutenções está ligada a vocábulos em que a segunda vogal do hiato é coronal. Fato curioso ocorre com a palavra ‘voa’ que aparece no texto 2 três vezes seguidas. Nessa seqüência, três falantes inserem o [w] nas duas primeiras ocorrências, mas não na última, que não recebe ênfase. Isso demonstra que secundariamente esse fator pode influenciar a ocorrência ou não de um *glide* epentético.

Já o grupo *contexto precedente* apresenta os hiatos com *dorsais* precedentes ditongando em 88% (16/18) dos dados, enquanto aqueles com contextos precedentes *labiais* (38/49) e *coronais* (115/148) recebem a semivogal [w] em 77% dos vocábulos cada.

As *dorsais*, no entanto, que apresentam manutenção em 1 ocorrência de ‘lagoa’ (produzida pelo informante da faixa 3) e 1 de ‘magô’ (produzida pelo informante da faixa 1) na leitura, restringem-se aos vocábulos ‘lagoa’, ‘magoa’ e ‘magô’, nos quais os hiatos possuem uma dorsal ou labial como vogal final. Na medida em que as mesmas favorecem a

inserção da semivogal labial, não é possível afirmar que as consoantes precedentes dorsais estejam interferindo no fenômeno.

Da mesma forma, dentre os 33 casos de manutenção com precedente coronal, 26 hiatos possuem como segunda vogal a coronal: ‘zoe’, ‘coroe’, ‘perdoe’ e ‘aloe vera’. Há 5 casos com dorsal e 2 com labial: ‘enjôo’ e ‘zôo’ (substantivo). O número elevado demonstra que a segunda vogal coronal está bloqueando a inserção do *glide* recuado, e não a consoante precedente.

6.3.4 Formalizando a inserção de [w] em hiatos finais

Os resultados obtidos nas cidades da capital do Rio de Janeiro e do interior de Minas Gerais revelam uma frequência elevada de inserção do *glide* labial nos hiatos finais <oa> e <ôo>, ao passo que, no hiato final <oe>, o fenômeno tende a ser bloqueado. A semivogal epentética nesses contextos deve-se ao espraçamento do nó ponto de V da vogal labial tônica, como se vê em (35):

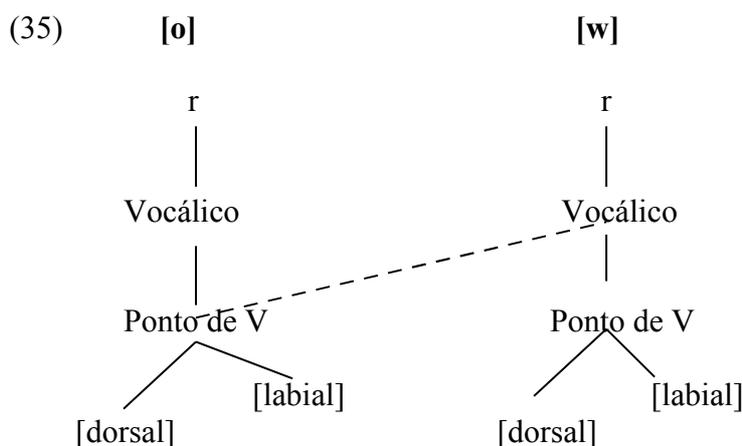


Figura 35: Inserção da semivogal labial por espraçamento do Ponto de V

Na figura acima, a vogal média espraia para a direita o nó Ponto de V, levando ao surgimento do elemento [w], com os mesmos traços do nó de origem. Esse fenômeno ocorre

sem a interferência do ponto de V da vogal final, uma vez que, eventualmente, há ditongação antes da vogal final coronal, e, mesmo nesse contexto, o *glide* labial epentético continua sendo homorgânico à primeira vogal do hiato, como em *voe* – ['vow.wɪ]. Nesse ambiente, no entanto, ocorre frequentemente a ditongação sem a epêntese do [w], por meio da ressilabificação da vogal coronal, que deixa de ocupar a posição de núcleo da sílaba final e passa à posição de coda da sílaba precedente, conforme se visualiza em (36), a seguir:

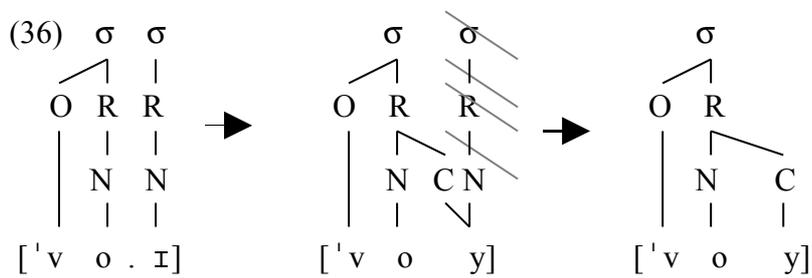
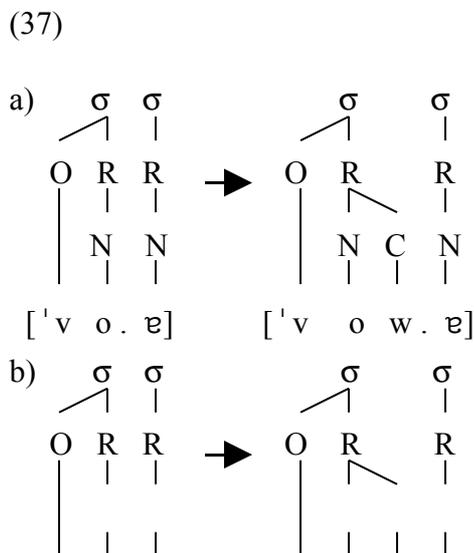


Figura 36: Ressilabificação da vogal final coronal

Observam-se aqui duas estratégias distintas com a finalidade de se desfazer o hiato: a ressilabificação da vogal final e a inserção de uma semivogal homorgânica à tônica. Com o mesmo objetivo, anular o hiato, ocorre a ditongação em vocábulos com a vogal final dorsal (37a) ou labial (37b), por meio da inserção do *glide* [w], que passa a ocupar a posição de coda, formando o ditongo decrescente [ow], segundo mostra a figura em (37):



N N N C N

['v o . ʊ] ['v o w . ʊ]

Figura 37: Inserção da semivogal [w] na posição de coda silábica

Essa estratégia deve-se a uma restrição atuante na língua que proíbe hiatos. Tal rejeição já era vista no latim, que tinha a inserção da semivogal coronal como uma das estratégias de desfazimento de hiato, como em *creo* > *creio* (ver seção 2.1).

Respeitando uma outra restrição que prediz o preenchimento do onset nas sílabas do português, a semivogal epentética passa a ser compartilhada pela sílaba final, na qual ocupa a posição de ataque, constituindo, assim, um ditongo crescente (cf. COUTO, 1994:134), como exposto em (38):

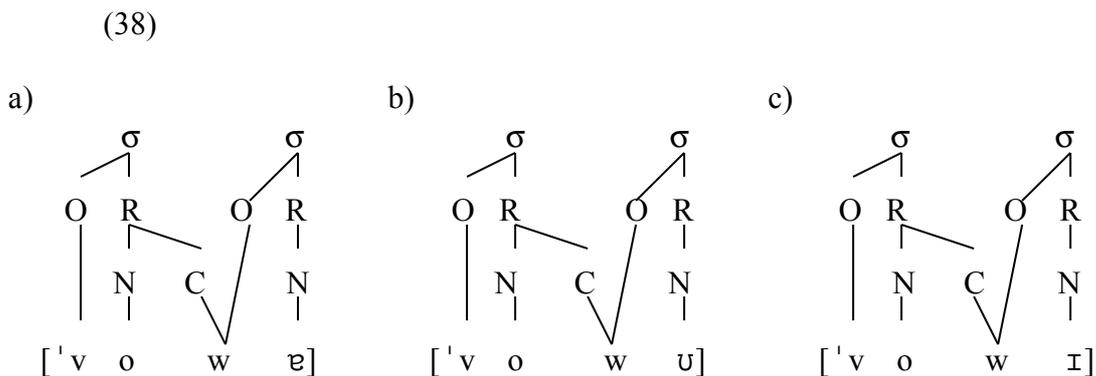


Figura 38: Ambissilabidade da semivogal labial epentética

Ao que tudo indica, o preenchimento do onset para se evitar o hiato é mais importante que a não-adjacência de segmentos orais labiais, prevista por OCP[labial] e, por isso, esta é violada em detrimento daquela. Essa tendência, no entanto, adquire proporções diferentes de acordo com a região. No Rio de Janeiro, a epêntese de [w] ocorre categoricamente no relato de leitura, de acordo com os dados aqui apresentados. Porém, considera-se a possibilidade da não-inserção no falar carioca, principalmente em vocábulos menos focalizados. Em Minas Gerais, por sua vez, há variação em proporções menores, inclusive na fala espontânea.

É interessante observar que, na fala paulistana, a ditongação em hiatos com a vogal final [u] pode se dar por meio de ressilabificação da vogal final [u], assim como ocorre com o ditongo final <oe>. Vê-se, em (39), essa representação:

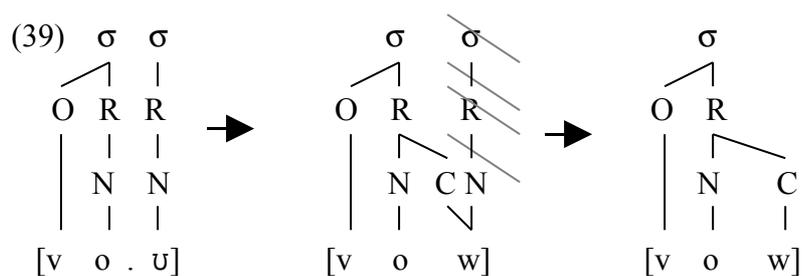


Figura 39: Ressilabificação da vogal final labial

Dessa forma, perde-se a oposição entre as palavras ‘vôo’ e ‘vou’ nessa região. Contudo, viola-se menos a restrição OCP[labial], visto que apenas dois segmentos com esse traço permanecem, e não quatro, como ocorre na fala carioca e na mineira. Por outro lado, essa distinção entre os vocábulos citados é preservada, nessas regiões, por meio da inserção do *glide* labial ambissilábico.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou, na fala e na escrita, os motivadores da queda do *glide* labial no ditongo decrescente [ow] e da sua epêntese, em palavras como ‘b[õw̃]’ e ‘b[ow]a’. Utilizaram-se como *corpora* redações de alunos das séries iniciais, leitura e relato de leitura de informantes de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, a fim de verificar a dimensão do fenômeno da inserção da semivogal labial nessas regiões.

Trabalhos realizados na fala de algumas partes do norte, nordeste, sul e sudeste do país demonstram que atua na língua a restrição OCP[labial], a qual proíbe a adjacência de segmentos orais com o traço [labial] e dois níveis de abertura idênticos na mesma sílaba. O efeito dessa proibição é a queda da semivogal [w] no ditongo decrescente [ow], por meio da fusão dos nós de abertura, independentemente do contexto em que ele apareça. Devido a essa fusão, palavras como ‘*pouco*’ e ‘*louça*’ se realizam como *p[o]co* e *l[o]ça*. É possível, ainda, a alternância do ditongo com a vogal [u] em vocábulos como [u]vido e [u]vir (cf. MARROQUIM, 1934). Devido ao uso extenso da forma reduzida, os alunos da primeira série do ensino fundamental tendem a não utilizar, na escrita, o ditongo decrescente [ow], o qual é desconsiderado da lista de ditongos orais na gramática normativa de Cunha e Cintra (2001:47). Segundo os dados, que mostram um aumento no uso do ditongo conforme o avanço das séries, a escola cumpre eficazmente seu papel, recuperando o uso da semivogal recuada, na escrita dos alunos.

Apesar da constante redução na fala espontânea, o ditongo [ow] pode se manter em situações mais formais, principalmente ao se usarem vocábulos pouco difundidos, como ‘*outrora*’, ‘*outorgar*’ e ‘*vindouro*’. Em nomes próprios, a restrição OCP[labial] também encontra um bloqueio, visto que os estudantes de primeira a quarta série mantêm o ditongo ao

falar alguns nomes próprios. Contudo, é possível se ouvir, na fala corrente, embora em proporções bem menores, formas como *D[ɔ]glas* e *S[ɔ]sa Aguiar*, mostrando uma gradação do fenômeno nesse grupo de palavras, em relação aos estudos de Gonçalves (1997) na década de 90.

Da mesma forma, o ditongo [ow], surgido da vocalização da lateral, como em *b[ow]sa* e *res[ow]ver*, parece sofrer gradativamente o efeito da restrição OCP[labial], manifestando reduções que não ocorriam há alguns anos (cf. GONÇALVES, 1997), como em *g[o]far* e *res[o]ver*. Essa restrição parece afetar em maior proporção o ditongo decrescente [uw], oriundo da vocalização da lateral, o qual reduz-se a [u], como em [*'u]cera* e *az[u]*.

Vale ressaltar que essa tendência a evitar duas vogais orais arredondadas com dois traços de abertura idênticos na mesma rima vem de longa data, uma vez que, em meados do século III, o ditongo [ow] havia surgido como variação do ditongo decrescente [ew] e reduziu-se, mais tarde, a [o] ou a [u] (cf. PALLADINO NETO, 1995). Em época mais recente, vê-se, como outra estratégia, a alternância [ow] ~ [oy], como em *cousa~coisa* e *louro~loiro*, estes últimos persistindo até os dias atuais no português do Brasil.

Se, por um lado, o ditongo decrescente [ow] é reduzido, respeitando OCP[labial], por outro ele surge pela epêntese da semivogal labial, a fim de evitar que sejam violadas outras restrições, certamente mais importantes que OCP[labial]. O *glide* epentético pode surgir em duas situações: 1) na seqüência /oN/, qualquer que seja a posição que ela ocupe na palavra, e 2) nos hiatos finais <oa>, <ôo> e <oe> em que a primeira vogal seja acentuada, como em *boa*, *vôo* e *voe*. No primeiro caso, a semivogal labial surge na margem direita de vocábulos com a seqüência /oN/ a fim de não violar a restrição que coíbe vogal nasal média nessa margem de palavra prosódica. No Rio de Janeiro, essa restrição é observada categoricamente, enquanto, em Minas Gerais, ela pode ser violada.

Em posição não final, o *glide* recuado pode surgir por espraçamento dos traços de ponto de V da vogal [õ] e, geralmente, o gatilho é a adjacência com segmentos de traços semelhantes, isto é, [labial] ou [dorsal]. Em Minas Gerais, a inserção de [w] em contexto final é bastante difundida, enquanto no Rio de Janeiro o fenômeno é categórico, excetuando-se apenas os casos de alteamento da vogal média, como em *c/oN/ ~ c[ũ]*. Quando, ao contrário, os segmentos adjacentes possuem traço [coronal], a epêntese tende a ser bloqueada.

O segundo caso de formação do ditongo [ow] ocorre em hiatos finais, de modo a não violar uma restrição bastante importante que rejeita hiatos. Essa rejeição é vista desde o latim, que se valia de alguns processos como solução: a ditongação, a crase, a fusão de traços entre consoante e vogal e também o desenvolvimento de um som palatal. Na atualidade, a fim de satisfazer a restrição, a vogal tônica espraia seus traços de ponto de V, formando, na posição de coda, a semivogal labial que é compartilhada pela segunda sílaba, da qual é o ataque. Esse fenômeno é mais amplo no Rio de Janeiro que em Minas Gerais, de acordo com os dados obtidos.

Sugerem-se trabalhos que 1) tratem da queda do glide labial em [ow] e [uw] originados da vocalização da lateral; e 2) verifiquem, em outras regiões do país, se ocorre a inserção da semivogal recuada na sequência /oN/ e em hiato final [o] + vogal. Tais pesquisas podem contribuir para uma revisão na lista de ditongos apresentada nas gramáticas tradicionais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 3ª edição, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro & MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba: CNPq, v.1/2, 1984.

ASSIS VEADO, Rosa Maria. **Redução de ditongo – uma variável sociolingüística**. In: SIMÕES, Anilce Maria & REIS, César Augusto (orgs.). *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Ano V nº 9 dezembro, 1983.

AURÉLIO. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa: versão eletrônica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BATTISTI, Elisa & VIEIRA, Maria José Blaskovsky. **O sistema vocálico do Português**. In: BISOL, Leda, (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. pp. 165-201.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada – Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BISOL, Leda. **Estudo sobre a nasalidade**. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. III: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. pp. 501-535.

—————. *Aspectos da fonologia atual*. D.E.L.T.A., 8 (2): 263 – 84, 1992.

CABREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes no Sul do Brasil*. Organon, Porto Alegre, vol. 1, n. 21, 1994. pp. 143-155.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Processos fonológicos do português brasileiro interpretados pela fonologia de geometria de traços – Parte I*. Campinas, SP: Edição do Autor, 2ª ed. revista, 1998.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Erros de escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro**. In: *Dispersos*. Coleção Estante de Língua Portuguesa. 2ªed. Ed. FGV: Rio de Janeiro, 1975.

—————. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1953.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46ª ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CATFORD, David. *Acoustic phonetics*. Oxford: Blackwell, 1988.

CHOMSKY, & HALLE. *The sound pattern of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

CLEMENTS, George N. & HUME, E.V. **The internal organization of speech sounds**. In: GOLDSMITH. J.A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Mass./Oxford: Blackwell, 1995. p.245-306.

COLLISCHON, Gisela. **Teoria da sílaba**. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. pp. 91-106.

COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): Uma visão não-linear*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdades de Letras, 2000. 261fl. Mimeo.Tese de Doutorado em Lingüística.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro Ao Livro Técnico, 1979

COUTO, Hildo Honório do. *Ditongos crescentes e ambissilabidade em português*. Letras de Hoje. Porto Alegre v.29 n° 4 p.190-141, dezembro, 1994.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2ª ed., 2000

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAMULAKIS, Gean Nunes. *Fenômenos Variáveis sob uma Óptica Formal*. Rio de Janeiro – UFRJ, faculdade de Letras, 2005. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/ FUNDESC, 1987.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental phonology*. Bloomington: IULC, 1976.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Ditongos decrescentes: variação & ensino*. Revista Est. Ling., Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1: 159-92, 1997.

————— & COSTA, Raquel Romankevicius. **Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português**. In: GONÇALVES, C. A. & RONCARATI, C. (orgs.). *Anais do V Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro: UFF, (1): 141-8, 1995.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Modelos não-lineares**. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. pp. 43-79.

HORA, Dermeval da & COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Teoria Lingüística – Fonologia e outros temas*. Paraíba: ed. Universitária UFPB, 2003, pp.232-250.

KOCH, Walter, KLASSMAN, M.S., ALTENHOFEN, C.V. et al. *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. V. 1 e 2, 2002.

LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp.42-58.

LABOV, William. *Contraction, deletion and inherent variability of the English copula*. *Language*. 1969

LEMLE, Mirian. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. In: *Lingüística e ensino de vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 53/54, abr-set,1978, pp. 60-94.

MARQUES, Daniela da C. G. *A metafonía como processo sincrónico do português falado na capital do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FEUC, 2006. 45 f. Dissertação monográfica em Língua Portuguesa.

MARROQUIM, Mário. *A língua no Nordeste*. Companhia Editora Nacional, 1934.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.pp. 9-14.

NARO, Anthony Julius. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NARO, Anthony Julius (). **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 43-50.

_____ (2003). **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 15-25.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 2ª edição, 1953.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes**. In: SILVA, Gisele Machline de Oliveira & Schere, Maria Marta Pereira (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição. **O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real**. In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

PALLADINO NETO, Luiz. *Do Latim ao português: revisando os ditongos*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1965.

POSER, William. **Phonological representations and action-at-a-distance**. In: VAN DER HULST, Harry & SMITH, Norval (orgs.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico Sonoro do estado do Pará*. (ALISPA 1.1). Belém: s/ed, 2004. (programa em CD-ROM). 85-904127-1-7

RIBEIRO, José, ZÁGARI, Mário, PASSINI, José & GAIO, Antônio. *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade de Juiz de Fora. V. 1, 1977

ROSSI, Nelson, FERREIRA, Carlota & CALLOU, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SILVA, Fernanda de Souza. **O processo de monotongação em João Pessoa**. In: HORA, Dermeval da (org.). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004.

SILVA, Gisele Machline de Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Thaïs Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. 2ª ed. revista e ampliada por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

VASCONCELLOS, Leite de. *Opúsculos – dialetologia*. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

VIANA, A. Gonçalves. *Exposição da pronúncia normal portuguesa*. Lisboa, 1892

WETZELS, Leo. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995, pp. 6-19.

WILLIAMS, Edwim B. *Do Latim ao Português*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTO 1

Devaneios de um apaixonado

Toca o sinal e todos os alunos entram jogando suas mochilas nas mesas e atirando-se nas cadeiras como se estivessem numa cama confortável. Pontual como sempre, entra Conceição, a professora de Química. Não! Que matéria mais confusa! Eu não estou com cabeça para íon, próton e elétron. Não depois de ter sonhado com a Lucinha. Hoje eu vou falar com ela. Mas sei que em uma simples conversa eu não vou conseguir conquistá-la. Porque ela é do tipo de garota que não dá atenção pra nenhum bajulador. É necessário ser amigo dela, se aproximar como quem não quer nada. Mesmo porque o Washington, seu irmão caçula, parece estar armando um conluio contra mim: sempre que me aproximo dela, ele ou alguém de sua turma chega e me interrompe.

Ele quer o quê? Que ela vire monja? Aí eu também seria um monge só pra ficar trancado com ela num mosteiro... Que sonho! Sonho bom foi o que tive essa noite... Onde? Na praia. Eu cheguei e sorri pra Lucinha. Ela jogava vôlei com as meninas e respondeu com um meio-sorriso e um oi bem tímido. Eu deitei pra pegar um bronze. O Milton, que tinha acabado de receber um fora da Juliana, deitou também. Já era o terceiro fora que ele computava só naquele dia. E depois ele fala de mim. Eu já contei uns trinta só este ano.

Enfim, o Washington chegou andando todo troncho, com um sungão vermelho parecendo um bombeiro gordo. Ele falou alguma coisa e eu, pra não criar conflito, respondi com a cabeça e continuei no aconchego da minha cadeira. Aí ele saiu pra pedalar. Virei pro lado e vi a Lucinha um pouco mais longe pegando concha na areia. Linda! Com uma pomba branca no ombro. Queria eu ser um pombinho pra ficar perto dela. O Milton tava roncando do meu lado. Novidade. Ele sempre ronca. Dá até vontade de quebrar os dentes dele até ele ficar agonfo. De repente ouvi um estouro de uma bomba. Era o gorducho levando um tombo da bicicleta e caindo de cara no guidom. A Lucinha foi socorrê-lo e eu fui atrás. Lógico. Do nada, todos desapareceram e ficamos só eu e ela. Aí a gente se beijou. Como é gostoso sonhar com o beijo dela! Parecia real. Que garota linda!

E na abertura dos jogos olímpicos ontem? Ela também estava linda com um fonfom prateado no cabelo, uma roupa de cóton branca e marrom que lhe acentuava as curvas e um pompom, fazendo uns passos que me lembraram o congá.

Conheço a Lucinha desde a quinta série, mas me apaixonei aos poucos quando fui percebendo que ela combinava comigo em tudo: gosta de ler, de ir à praia, de jogar pingue-pongue no intervalo ou vôlei. Além disso é compreensiva e conhece o caráter e o humor das pessoas só pelo olhar. Parece ter o dom de adivinhar quando alguém precisa de ajuda. E ela é a bondade em pessoa, então as amigas sempre vão chorar no ombro dela.

No início eu a achava meio desengonçada, talvez por ela ser comprida, magra e meio atrapalhada. Mas ao mesmo tempo ela tinha um charme. Talvez por causa dos cabelos negros e longos ou do batom sempre combinando com alguma peça do vestuário. Ou mesmo por causa da pele sempre bronzada. E o jeito de falar? Aquele tom sereno e firme que convence qualquer um e que não se encontra em qualquer pessoa.

Ela é a prima do Milton, meu melhor amigo, e isso ajuda um pouco. O Milton quer que eu conte pra ela que eu tô apaixonado. Mas não sei se conto ou não. Ele diz que se eu não contar ele mesmo conta. Eu não! Depois eu falo e ela não responde nada. Ainda que ela responda. E se eu não gostar da resposta? De jeito nenhum. Prefiro partir pra conquista.

No próximo sábado é a festa da turma no prédio de uma garota da sala. Vai estar bombando: DJ, luz, som, comida, bebida, garçom... Enfim o clima perfeito pra um combate! É isso aí. Eu vou lutar pela Lucinha. Tô pensando em convidá-la pra ir comigo. Seria uma honra chegar lá com ela, tirando a maior onda. Pra isso já comprei dois convites e o Milton comprou outros dois, porque eu o convenci a chamar a Juliana. Ele é louco por ela. Pelo menos na compra desses convites ganhamos uma mesa.

E se a Lucinha já tiver comprado? Não, não. Ela é muito desligada. Hoje mesmo eu a encontro no intervalo. Primeiro eu sondo pra ver se ela já tem companhia. Conforme for eu a convido e até falo pra ela dormir na casa do Milton, se for conveniente pra ela e se ela agüentar ouvir ronco à noite toda.

O pior é o tonto do irmão dela! Ele é muito sonso! Chega disfarçando e se metendo na conversa com aquela voz de araponga velha. Eu nunca respondo àquelas piadinhas sem-graça. A Lucinha que dá sempre uma bronca nele. Eu morro de tanto rir... Mas quem agüenta aquele rechonchudo tentando manter o controle da vida alheia? Ele que controle a própria vida e pare de comer tanto. Parece um boi anão.

O Milton quer que eu compre uma caixa de bombom para a Lucinha no dia da festa. Eu pensei em comprar um doce de frutas que ela adora. Ele riu da minha cara, dizendo que não seria nada romântico receber uma compota de presente. “Compre algo que impressione”. Mas também ele nunca concorda com nada, mesmo. Ou eu compro os bombons ou uma rosa. Ele escolhe. É. Realmente eu não sou bom em conquista. Nem um presentinho eu consigo escolher só... Se isso me serve de consolo, qualquer pessoa apaixonada fica assim, meio tonta. Que bom que eu tô apaixonado. Às vezes acho até que ela corresponde aos meus sentimentos...

ANEXO 2 – TEXTO 2

Tarde com a família

Naquele domingo de trinta anos atrás, depois de devorarmos alguns ovos de páscoa, o tio Nílson decidiu que iríamos ao zoológico. Meu pai concordou e fomos todos. Aquela foi a primeira vez que conheci os bichos de perto e fazia muitas perguntas ingênuas, apesar de já ter seis anos.

– A pessoa que dá comida para os bichos é o zoólogo?

– Não sei, talvez seja – respondeu meu primo Luisinho de oito anos.

– Avestruz voa? – perguntei.

– Voa, voa sim, fica esperando que ele vai voar – debochou o Claudinho que tinha onze anos.

– Quero que você voe para eu tirar uma foto – pedi ao avestruz, que me olhava desconfiado.

– Se ele voasse a jaula não seria aberta em cima, né? – Explicou o Luisinho com ar de sabedoria.

O tio Nílson riu da nossa inocência, mas logo se distraiu com um coelho enorme. Ele adora coelhos. Por sorte, não cheguei a perguntar se era um bicho daquele tamanho que botava os ovos de páscoa grandes.

Em seguida vimos um macaco que parecia ensaboar a cabeça do filhote e um terceiro ameaçando jogar nas pessoas uma toalha suja de manga. E de fato ele jogou, deixando uma nódoa na minha blusa do Batman que eu tanto amava.

Enojado, fui conhecer os leões. No fundo da jaula, um leãozinho lambia um líquido que parecia uma coalhada e era observado pela leoa que não gostou nadinha da minha presença e rugiu bem forte.

Saí voado e dei uma joelhada feia no banco. Com o sangue escorrendo, fui levado até a enfermaria do zôo, onde limparam o meu joelho e puseram um curativo de bichinho. Como se o desenho impedisse de doer!

Mas nem a dor me impediu de apreciar com admiração cada cantinho do zoológico e aproveitar ao máximo aquela tarde tão boa que deixou saudades. Saudades do tempo em que podíamos aproveitar a nossa família, um bem tão precioso que hoje é tão pouco valorizado.

ANEXO 3 – TEXTO 3

Mágoas de adolescentes

Durante o intervalo, as três amigas, Lucinha, Juliana e Tatiana, conversam, enquanto devoram uma broa com goiabada e refrigerante de uva, uma mistura que elas adoram.

– Vamos passear na lagoa depois da aula? Aí, Ju, a gente pode até pedir emprestada a canoa do seu tio.

– É uma boa, tô de bobeira mesmo. A gente depois pode tirar de novo umas fotos lá no navio encalhado. Da outra vez só apareceu um pedacinho da proa e metade da minha cabeça. E aí, Tati?

– Tudo bem, eu também vou ficar à toa hoje e ... Ah não! Lá vem o enjoado do Caio.

– E aí, meninas? Qual é a boa de hoje?

– Ficar longe de gente que cause enjôo! – responde Tati, irritada.

– Tati, que cabelo é esse? Tá parecendo uma leoa. Dizem que xampu de aloe vera é muito bom pra abaixar o volume – implica o garoto.

A menina replica com raiva:

– Por que você não zoa o espelho? Com essas orelhas parece até que vai levantar vôo.
Lucinha intervém:

– Caio, eu não suporto que você zoe as minhas amigas. Pare, por favor!

– Tá bom, Lucinha, eu não zôo mais. Mas essa sua amiga é muito esquisita, além da juba ruiva ela tem a barriga que nem da leitoa que meu avô cria. Deus que me perdoe!

– Se Deus te perdoa eu não sei, só sei que eu não perdôo. Não fala mais comigo, seu grosso! – responde Tati, magoada, e se afasta.

– Caio, não vê que assim você magoa as pessoas à sua volta?

– Eu magôo?! Dá um tempo! As pessoas é que são muito sensíveis. Vou dar pra sua amiguinha uma coroa de “rainha da mágoa”. Só vive magoadinha.

Juliana interrompe:

– Quer que eu te coroe também? Que tal “rei do nojo”? Todo mundo enjoa de ficar perto de você! Vamos embora, Lucinha.

As duas se afastam e Juliana desabafa:

– Vou inventar um apelido pra ele, vai ver só!

– Não paga com a mesma moeda não. Ele só vai aprender a dar valor às pessoas depois que perder a amizade de todo mundo.

ANEXO 4 – FALA ESPONTÂNEA DOS DOZE INFORMANTES

ANEXO 4 – FALA ESPONTÂNEA DOS DOZE INFORMANTES

Informante feminino, faixa 3 – MG

Sobre o texto 1 – Então... O que eu entendi do texto foi que tinha um cara que tava apaixonado e... apaixonado pela Lucinha né? A Lucinha era uma meninaNo começo ele achava ela simples e achava ela meio deseng[õ]çada, mas mesmo assim ele apaixonou porque percebeu que ela era uma menina ... toda deseng[õ]çada mas eh... uma menina/ uma garota muito b[ow]a que sempre tava ali pra ajudar alguém... e... que ... além de tudo ela era muito linda. Ele ... viu que ela era uma peess[o]a linda e... ele queria... c[õ]quistar ela né? Então ele perceb/ eh... queria/ eh c[õ]seguiu um/ c[õ]quistar ela e não sabia nem dar um presente para ela né? Eh... ele tava precisando da/ quando.../ da amizade do amigo dele pra poder c[õ]quistar, porque ele era primo conhecia melhor ela. Aí ele aproveitou um dia de festa pra c[õ]prar um presente pra ela. Mas mesmo assim ele não sabia que presente que ele dava e... não sabia se ela ia gostar também. E ele até pensou em chegar pra ela e c[õ]vidar ela pra... se abrir pra ela que tava apaixonado, mas não sabia da resposta... Talvez até ele não ia gostar da resposta que ele ia... que ele ia receber dela. Aí... ele queria dar um b[õ]b[õ], mas ele achava que uma/ que um doce que ela gostava mais seria mais c[õ]veniente pra ele dar. Mas depois ele achou também que uma flor ela poderia gostar. E... então... Aí.. eu não sei se no final ele c[õ]seguiu c[õ]quistar ela ou não. Só sei que o sinal tocou, a aula começou de novo e eu não sei o que que deu.

Sobre o texto 2 – Então eh ... num domingo de pásca[u]a, uma família resolveram visitar o z[o]lógico. O pai até que concordou e foi com a família. Aí lá eles co/aí lá no z[o]lógico, eles conheceram o avestruz, conheceram o avestruz ... O menino de seis anos ele era muito ingênuo, ele fazia perguntas que hoje ele vê que é absurda [sic]. E aí tinha os amiguinhos/ os amigos dele que eh... tinha mais idade. Tinha o Claudinho que tinha [õ]ze anos, debochou dele, né? dele ser tão inocente e fazer perguntas. Ele queria saber se o avestruz v[u]ava, mas só que a jaula era aberta em cima e ... Aí o pai dele viu o mac/ o c[u]elho, ele gostava muito de c[u]elho. Aí depois ele foi ver o leão e saiu correndo, bateu o j[u]elho num banco que sangrou. Ele foi levado pra enfermaria eh... Aí eles colocaram um curativo de bichinho que ele achou que colocando aquele curativo parava de d[ue]r. Mas nem a dor impediu ele de aproveitar tanto no z[o]lógico aquele dia. E hoje deixou saudades porque as peess[o]as hoje

num, num sabe apreciar tanto essa união de família de sair pra se fazer um passeio junto e hoje é muito difícil isso.

Sobre o texto 3 – Então, né? Eu entendi assim, que as três amigas Lucinha, Juliana e Tati, elas tavam na escola e estavam comendo br[ow]a com refrigerante que eles adoravam. Aí uma das meninas resolveram fazer um passeio na lag[ow]a. Aí uma delas sugeriu que pegasse a can[ow]a do tio pra elas tirarem uma foto/ umas fotos porque da outra vez elas tinham tirado foto e... não tinha aparecido bem. Tinha aparecido só um pedaço da ... um pedaço da/do navio? É isso? E um pedaço da cabeça da menina. Só que quando elas tavam combinando tudo, de repente veio o amigo deles que ... era muito chato demais. Ele chegava a enj[u]ar as meninas de tão chato que ele era. Aí ele chegou e chegou implicando com a Lucinha, falando que o cabelo dela era ... era ... parecia uma le[ow]a e que era pra ela lavar com xampu que abaixava aquele volume. E as meninas falaram que ninguém suportava ele e que se ele continuasse daquele jeito, ele ia acabar sem ninguém/ sem ninguém gostar dele. Aí ele falou que ia dar uma cor[ow]a / cor[ow]a de rainha da mág[wa]. Aí a/ elas falaram que ia dar pra ele uma .../ se ele queria também uma cor[ow]a de ... rei do nojo. Aí ele falou que as meninas era muito sensível demais. Então ele falou que ... então ele ia embora. Aí as duas se afastaram e Juliana desabafou falando que ia arrumar um apelido pra ele também. E aí ele/ aí as meninas falou pra ele que ele só ia aprender quando ele perder a amizade de todos e acabar sozinho.

Informante masculino, faixa 3 – MG

Sobre o texto 1 – O que eu entendi que eh... Lucinha era uma garota alta magra... No entanto o aluno achava ela deseng[ô]çada, mas com o tempo ele conheceu as qualidades dela que ela era uma moça bonita,... eh ... cabelos l[ôw]go, negro e era muito prestativa e co/ e, por ela ser prestativa, ele achava que era uma ótima qualidade que ela tinha, aí ele começou a se interessar por ela. Aí ele queria c[ôw]quistar, mas só que ele não sabia como. Aí ele pediu ajuda pra um colega de escola e queria saber como que ele fazia pra c[ô]quistá-la. Aí o... o... colega sugeriu que ele desse um presente. Só que eles não c[ôw]binavam. O colega queria que ele desse um tipo de presente e ele queria/ e ele sugeriu outro. E aí ele ficou z[ô]bando dele e ele não sabia o que fazer. Aí ele resolveu dar uma flor pra ela só que o colega riu dele. Ele tinha que dá um presente mais c[ô]vincente pra que ela apaixonasse por ele pelo presente. E... Só que ele não sabia o que fazer, né? E depois, né? C[ũ] o passar do tempo, ele mesmo c[ôw]fuso e... Só que mesmo assim ele resolveu dar um simples presente. Aí depois/ e no dia que ele resolveu dar um presente pra ela tava na hora de tocar o sinal. Aí ele perguntou pra ela: “E depois, Lucinha?” Aí ele c[ô]nvidou/ ele resolveu c[ô]vidar pra ir numa festa, porque c[ô]versando numa festa, dançando, seria melhor pra ele c[ô]versar c[ũ] ela e dizer pra ela que tava apaixonado. Só que ...c[ôw] o... o ... Aí ele, ele deixou pra decidir outro dia. E quando ... na hora dela dar a resposta que ele fez a pergunta pra ela e... e... Aí entrou a aula de educação física. Aí ele perguntou: “E depois, Lucinha?”

Sobre o texto 2 – Ele foi ao z[o]lógico naquele domingo, trinta anos atrás, foi ao z[o]lógico. Viu o macaco, né? Viu o c[u]elho, avestruz ... Perguntou se o avestruz v[u]ava, correto? Aí ele disse que v[u]ava (leitura) Viu o c[u]elho, né? Viu o c[u]elho, depois tinha o macaco ... O macaco tava bebendo um líquido que parecia uma c[wa]lhada ... (leitura)

Sobre o texto 3 – Eles iam fazer um piquenique. Não é isso? Então é o seguinte, uma inventou de andar de can[ow]a. Não é isso? Aí o ... o ... Caio foi e z[u]ou com a/ com a/ com

quem? A Tatiana. E ela não gostou. Exato? Aí que aconteceu? Ela pediu pra parar e ele começou a pôr apelido na menina e ela não gostou dessa brincadeira. Aqui diz que é pra parar de brincar que ela não gostava de brincadeira E então ela pegou e falou pra ele dar valor às pess[ow]as. É. Só isso.

Informante feminino, faixa 2 – MG

Sobre o texto 1 – Eu entendi que um rapaz que vai pra escola... ele tá apaixonado por uma pess/ por uma menina, a Lucinha. E durante a aula toda ele fica pensando nela, pensando em tá junto c[ũ] ela, em sair c[ũ] ela... Pensa sempre em tá na c[õ]panhia dela. As qualidades que ele gosta nela... que ela é uma pess[o]a atenciosa, procura sempre tá ajudando as pess[ow]as. Todo mundo também ... eles percebem isso. Eles vão sempre .. eh... procurar ajuda c[ũ] ela. Que mais? Peraí, deixa eu pensar mais... E eles com/com/ vai ter uma festa no prédio de uma colega da sala... Eles tão c[õw]binando ... Esse amigo tá c[õw]binando c[õw] o primo da Lucinha de ir na festa,... c[õw]prar uns c[õw]vites pra eles poderem ir junto. Pra ele poder tá perto dela ou até mesmo pra se declarar pra ela.

Sobre o texto 2 – Eu vou lembrar, né? Mas não vou lembrar dos nomes ... Não precisa, né? Então eh... Há trinta anos atrás, a gente tava comendo ovo com o tio. Ovo de pásc[u]a, né? Aí a gente foi no z[o.o]lógico, era a minha primeira vez. Era a primeira vez que eu ia. E eu gostei muito. Vi o avestruz, fiquei curioso, queria saber se ele voava. Aí meus primos debocharam. É depois eu fui ver outros bichos e o meu tio viu um c[u]elho que ele gostava de c[u]elhos, se interessou. Depois eu vi um macaco que tava com uma t[u]alha suja de manga. E ele tacou a t[u]alha em mim e me sujou. Eu fiquei até com nojo aí eu fui ver outro bicho, que era um leãozinho bebendo um líquido que parecia uma c[wa]lhada e a le[ow]a, né? A mãe dele não gostou nem um pouquinho e se zangou comigo. E aí eu fui, fui correr dela e me machuquei no banco, né? Taquei o j[u]elho e fizeram um curativo, né? Me levaram na enfermaria do z[o.o]lógico e fizeram um curativo... com bichinho como se os bichinhos fosse parar de d[uer], né? o machucado. Mas tava muito b[õ] e eu admirei muito tudo e foi muito b[õ] sair c[ũ] a família.

Sobre o texto 3 – Eh... são as três amigas que no recreio, né? tão fazendo um lanche, conversando e combinando de passear, tirar foto num/ perto de um navio que tá encalhado e ... Aí elas estão combinando e chega um garoto que se chama Caio, que é um chato, fica implicando com todas, arrumando apelido pra todas, fazendo gracinha e elas ficam chateadas com ele, brigam com ele, dizem que ele vai acabar sozinho se ficar implicando com todo mundo desse jeito. E ele não dá bola e elas procuram deixar de lado. E é só.

Informante masculino, faixa 2 – MG

Sobre o texto 1 – O que eu entendi sobre o texto é que tem uma pess[o]a apaixonada, né? E... disposto a fazer qualquer coisa pra c[õw]quistar a ... a pess[o]a, a pess[o]a, sua pess[o]a amada. Eh diz que essa pess[o]a ele conhece desde a quinta série/ quer dizer que já faz tempo né? Bem tempo. Só que no começo ele achava ela meio deseng[õ]cada né? Não seria o perfil dele. Acho que c[õw] o tempo ele foi percebendo que era a pess[o]a certa pra sua vida. E ele tava disposto a qualquer momento, a qualquer hora... dizer o que ele sente pra ela/ por ela. Dizer que ele estava apaixonado. Mas ainda meio tímido ou c[õw] medo de dizer, sem saber qual seria sua reação. Eh... Um certo dia, teria/ haveria uma festa e lá ele estava disposto a

dizer a ela que gostaria de ficar c[õw̃] ela. Dizer que está apaixonado por ela, mas não sabia como. Ele queria dar um presente pra ela, não sabia o quê. Se seria uma rosa, se seria b[õ]bons ou frutas/ ou doces. Mas sempre... sempre tinha alguém... querendo te atrapalhar né? Só.

Sobre o texto 2 – O que eu entendi sobre o texto é que diz que eh... fala sobre a família que antigamente eh... esse bem seria, era muito mais valorizado, era muito mais aproveitado pelas pess[ow]as. Enquanto hoje eh... é tão pouco visto isso, né? As pess[ow]as não dão o mínimo valor se, se vai, vai ser bom sair com a família ou não. Foi isso que eu entendi.

Sobre o texto 3 – Eh ... aqui diz que são três amigas, né? combinando de passear de tirar fotos de um navio encalhado. Mas de repente aparece um tal enj[u]ado que se chama Caio, que tá sempre enchendo o saco da/ das meninas, z[u]ando o tempo todo e ... e elas estão sempre dizendo: “Se continuar assim vai acabar ficando sozinho e ninguém vai querer trocar idéias, conversar com ele”. É isso.

Informante feminino, faixa 1 – MG

Sobre o texto 1 – Então, aqui no texto tá falando, né? Que um menino é muito apaixonado por uma menina. E que essa menina é prima do amigo dele, né? E... e ele vive sonhando c[ũ] ela. E o amigo dele fica tentando ajudar os dois e fica falando que se ... se ... fica falando que se... se ele não falar pra ela que ele tá apaixonado, ele mesmo vai c[õw̃]tar ... e... mas ele acha melhor que ... melhor c[õw̃]quistar ela do que chegar nela e falar. Medo de levar um fora, né? Igual ao amigo dele. Já levou vários foras de uma menina lá que ele gosta também. Eh... Fala também de uma ... eh... Vai ter uma festa na casa do amigo dele e que vai tá b[õw̃]bando essa festa e que vai ser uma b[ow]a pra ele tá c[õw̃]quistando a menina que ele tá apaixonado, né? E aí pede para ele ... teve uma idéia também de c[õw̃]prar uma... um presente pra ela. Só que ele acha que tem que c[õw̃]prar uma coisa e o amigo acha que ele tem que c[õw̃]prar outra. Só que ele até fala que nem pra escolher um presente ele serve, porque... Ele acha que nem pra escolher sozinho, né? Ele não serve, porque ele quer uma coisa e o amigo dele acha que é outra. E realmente depois, no final, ele ainda fala que a pess[o]a apaixonada fica muito t[õw̃]ta. E é realmente mesmo isso que ac[õw̃]tece com as pess[o]as apaixonadas. Elas ficam sonhando e fica eh... arrumando desculpa pra tá do lado das pess[ow]as. E ... c[õw̃]cordo realmente c[ũ] ele. B[õw̃], tá b[õw̃].

Sobre o texto 2 – Então essa história, ela conta, né? de uma família que foram passear no z[o.o]lógico, né? Depois de devorar um monte de ovos de pásca[u]a. E tinha sempre uma criancinha que ficava ... que fazia perguntas ingênuas, né? E sempre tinha um que sa/ que queria saber, que respondia, que ... que da/ que debochava ainda do outro, né? De perguntar se o avestruz v[u]ava, se ele v[u]asse a jaula não seria fechada em cima, né? E depois de andar, andar bastante, ele foi ver os leões, né? foi ver o macaco e quando ele foi sari que o, sair correndo porque o leão rugiu, ele bateu o j[u]elho, né? e foi levado direto pra enfermaria. Lá fizeram um curativo, né? Colocaram um curativo de bichinho e pesso/e ele falou como se o curativo de bichinho, o curativo lá de bichinho impedia a dor, né? Aí ele falou que nem, nem o, nem o curativo nem a dor, nada ia impedir ele de apreciar cada cantinho do z[o]lógico e aproveitar aquela tarde, né? que deixou muitas saudades.

Sobre o texto 3 – Aqui nesse texto conta a história de vários adolescentes que gosta de ficar colocando apelido um nos outros, né? E, como na maioria das vezes, um fica muito mag[u]ado, outros ficam irritados, outros ficam chateados, né? E como sempre, uns gostam de pagar com a mesma m[u]eda, né? E outros, pra se consolar, diz que a pe^{ss}[ow]a só vai dar valor, né? ... Que né pra ela pagar com a mesma m[u]eda não, que é só pra dar valor quando/ a pe^{ss}[ow]a só vai dar valor quando ela vai per/ quando ela perder a amizade de todo mundo.

Informante masculino, faixa 1 – MG

Sobre o texto 1 – Aqui tá falando de um.. que tem um... rapaz que ele gosta muito da menina, que é a Lucinha. E... tá falando que ele tenta ... ele gosta muito dela. Ele é apaixonado por ela, mas só que ... ele tenta ... c[õ]quistá-la. Aí tenta eh... como que eu posso dizer?... B[õ], aí tá falando que ele gosta muito dela, mas ele quer eh... que ela se interesse por ele pela c[õw] quista. Aí fala que ele sonhou c[ũ] ela e que no sonho ele tá numa praia. E que... a Lucinha sorri pra ele, fala oi e depois ela vai e beija ele. Aí também tá falando que ele já conhece ela desde a quinta série e se apaixonou por ela aos poucos, porque ele achava ela muito deseng[õ]cada. Mas ele percebeu que além dela ser deseng[õ]cada, ela, ela ajudava muito as pe^{ss}[ow]as, e ela era muito... ela era muito... atenciosa. Aí também , aí tá falando que no próximo sábado iria ter uma festa no prédio de uma garota da sala. Aí ia ter um m[õ]te de coisa, ia tá b[õw]bando. Ia ter DJ, luz, s[õw], comida, bebida. Ia ser perfeito pra ele conq/tentar c[õw]quistá-la. Aí ele até c[õ]prou dois c[õw]vites e c[õw]vidou o Milt[õw]. E fez o Milt[õw] c[õw]prar mais dois, porque ele gostava de uma... porque ele era apaixonado (*interrupção*) E o Milt[õw] gostava de uma menina/ ele era apaixonado por uma menina que se chamava Juliana. Aí na, na festa, o ... o Milt[õw], amigo dele, falou pra ele c[õ]prar um b[õw]b[õw] pra ela, pra Lucinha, pra tentar c[õ]quistar, né? Aí, só que aí ele pensou em c[õ]prar um doce de fruta que ela adorava. Aí até o Milt[õw] riu da cara dele, dizendo que não seria nada romântico, né? Aí ele tava pensando em c[õ]prar algo que impressionasse ela. Mas até nisso ele era atrapalhado. E... aí ele... ele tent/ ele foi conver/ tipo ele foi c[õ]versar c[ũ] ela porque... Aí na hora que ela tava corresp[õ]dendo aos sentimentos dele, aí bateu o sinal. Aí depois... aí acabou.

Sobre o texto 2 – Bom, aqui tá escrito / tá falando que ... que o tio Nilson ... ele levou os sobrinhos dele no z[o]lógico e ... Aí chegou lá o sobrinho dele ficou fazendo muitas perguntas, porque ele nunca tinha visto os bichos. Aí ele pergun/ aí ele fez um monte de perguntas sobre se o avestruz v[u]ava, se quem dava eh... comida pros bichos era o zoólogo (sic). E tamb/aí falou, aí também ele não/ sem querer, na hora que ele saiu correndo, ele bateu o j[u]elho na ... no banco. Aí começou a sangrar, aí levaram ele na enfermaria e colocaram um curativo de bichinho. Mas isso nem/ nem por causa do desenho assim ... parou de d[u]er. Mas mesmo assim, nada impediu dele apreciar, a admiração de cada cantinho do z[o]lógico e aproveitou o máximo da tarde, da tarde dele que deixou saudades, saudades que ele podia aproveitar com a família dele mais vezes.

Sobre o texto 3 – Bom, o texto tá falando que são três amigas, que é Lucinha, Juliana e Tatiana. Elas conversavam durante o intervalo quando elas devoravam uma br[ow]a com goiabada e refrigerante. Aí uma fala pra outra: “Vamos passear na lag[ow]a depois da aula?” Aí ela fala pra Ju que pode até pedir emprestada a can[ow]a do seu tio. Aí as três vão/ elas

confirmaram que vão. Aí quando vê, vem o Caio que é um menino nojento. Aí ele pergunta pras meninas o que que elas iam fazer hoje, né? Aí elas falavam que/ elas falavam que/ pra ele ficar lonnge delas porque causa muito enj[ow]o. Aí ele já começa a z[u]ar com a Tati, começa a falar do cabelo dela, que o cabelo dela parece uma le[ow]a. E começa a z[u]ar com ela. Aí ela, nervosa, replica falando por que ele não z[ow]a com o espelho por causa das orelhas dele ser/ ser muito grande e pode até levantar v[ow]o. Aí a Lucinha já intervém, falando que não suporta ele, que ele z[ow]a com as amigas dela e manda ele parar. Aí ele fala tá bom, que ele vai parar, mas diz que ela é muito esquisita porque, além da juba dela, ela tem a barriga que nem da leit[ow]a do avô dele. Aí ela pede pra ele não conversar mais com ela porque ele é muito grosso. Aí ... Juliana interrompe falando que .../então aí ele fala pra ela que vai dar uma cor[ow]a, cor[ow]a eh... rainha da mág[wa], porque as amiguinhas dela são muito ... / só vive mag[u]adinha. Aí Juliana diz pra ele também que vai dar uma cor[ow]a de rei do nojo. E todo mundo enj[ow]a de ficar perto dele. Aí as duas se afastam e desabafam que iriam inventar um apelido pra ele. Mas uma diz pra outra que ele só vai aprender a dar valor/ dar valor às pes[ow]as depois que ele perder a amizade de todo mundo.

Informante feminino, faixa 3 – RJ

Sobre o texto 1 – A história fala de um rapaz, trata-se de um rapaz totalmente apaixonado por uma garota do colégio. É um sonhador, mas totalmente inseguro. Mesmo os colegas dando dicas pra ele como c[ô]quistar a tal jovem ... no mesmo momento que ele se agrada, ele logo acha que não vai dar certo devido à insegurança dele que é tremenda. É um rapaz inseguro, sempre c[ô]w aquele pensamento (fazendo sinal de aspas): “Não vai dar certo”. Na minha opinião, ele c[ô]tinua gostando de sonhar, mesmo acordado, c[ô]w ela. Mesmo ela não sabendo que ele é apaixonado por ela. Mas ele se sente bem porque, como todo sonhador, ele acha que estando do lado dela, é o mesmo de estar sendo corresp[ô]dido.

Sobre o texto 2 – Na minha opinião, se trata de um rapaz com mais ou menos vinte e quatro anos, que recorda sua primeira ida ao z[o]lógico. Eh ...talvez num período de pásca[wa]. Ele relembra cada detalhe, cada animal. Por exemplo, as perguntas feitas por ele, ele relembra cada uma em relação aos animais. E quem lembra que levou foi o tio Nilson, acompanhado de seus dois primos. Lembra das respostas que os primos davam eh com ironia, porque ele era mais novo. Eh ... depois ele lembra que atualmente até creio, entristecido, que as pers[ow]as não fazem mais esse tipo de passeio em família. Atualmente pouco se vê famílias tendo esse tipo de passeio, indo a parques, indo a z[o]lógico. Então ele guardou isso ao mesmo tempo com carinho e penalizado porque hoje não se acontece mais isso. É muito escasso, vamos dizer assim.

Sobre o texto 3 – Se trata de três amigas que tão fa/ fazendo um lanche no intervalo de uma aula, quando chega um colega não muito desejado. Por que não muito desejado? Porque ele é aquele tipo que põe apelido, põe defeitos nas meninas e nenhum adolescente gosta desse tipo de colega, né? Ainda mais quando se trata de homem. E ele já chega colocando defeito em uma delas e ela não aceita, começa a discutir com ele e fica aquela discussão, um podo defeito no outro, né? Que é normal dos adolescentes eh... E ele fica um pouco ... Ela toma um pouco de antipatia em relação a ele, né? Todos se irritam e acabam as duas indo embora. Mas uma delas se sente mais ofendida, né? porque ele centralizou mais ela, né? Então ela fica muito irritada com o caso e, mas sendo que a outra que é mais passiva, fala/ diz que não é pra ela colocar apelido porque ele vai aprender quando ele ver que ele perdeu todas as amizades dele por ele ter esse jeito assim ... não muito desejado.

Informante masculino, faixa 3 – RJ

Sobre o texto 1 – O texto fala sobre um aluno que ao invés de prestar atenção na aula, ele fica pensando na namorada, com quem ele/ que ele quer c[õw̃]quistar e pensando no seu irmão que faz de tudo pra interr[õw̃]per, pra não deixar que os dois namorem. E ele fica pensando no sonho que teve, que ele foi à praia, encontrou a Lucinha, e também o seu irmão gorducho, né? Que seu irmão caiu. Eh... caiu de bicicleta, bateu c[õw̃] a cara no guid[õw̃]. Foi a parte que ele mais gostou porque aí ele pôde ficar c[ũ] a Lucinha. E pelo menos no sonho foi, foi o que ele mais gostou foi a parte que ele ficou c[õw̃] ela e os dois se beijaram, ele c[õ]ta que ele conhece a Lucinha desde a quinta série, mas que ele foi se apaixonando aos poucos, né? Pois achava ela muito magrela, muito feia e deseng[õ]cada. Por ela ser muito c[ũ]prida e magra. Mas que ao mesmo tempo ela tinha um charme, né? Por causa dos seus cabelos, do bat[õw̃], da sua pele, sempre c[õw̃]binando. E ele tá pensando em chamá-la pra festa que vai ter na escola. Que vai toda a turma do prédio. E ele tá pensando em c[õw̃]quistá-la nessa festa. Só que o presente que ele quer dar é uma c[õw̃]pota de doce, né? No que seu amigo diz pra ele que não é uma b[ow]a, um b[õw̃] presente pra se dar numa c[õw̃]quista. Aí ele se acha (risos) ele se acha incapaz até de/ de/ de c[õw̃]prar, de/ de/ de/ de c[õ]seguir escolher um presente que sirva pra ela.

Sobre o texto 2 – Nessa primeira parte, eu, eu, eu entendi que foi um passeio de família há alguns anos atrás com uma grande/ recordações b[ow]a que aconteceu naquela época.

Sobre o texto 3 – Nessa segunda parte, eu entendi que as peess[ow]as, elas devem ser amigas umas das outras e não tentar mag[u]ar ou de um certo, uma certa forma, eh debochar de cada peess[ow]a, cada peess[ow]a ... ela tem que ser do jeito que ela é porque ela é feia ou bonita, não importa. O que importa é o interior dela, e que cada um seja feliz e nós ... cada vez mais seja unido uns com os outros.

Informante feminino, faixa 2 – RJ

Sobre o texto 1 – Eh o texto fala sobre um menino que tava na sala de aula estudando c[ũ] a professora de química. E que ao invés de prestar atenção na matéria, prestava/ ficava sonhando e pensando na sua paixão, na Lucinha, uma menina bonita, de cabelos l[õw̃]gos, negros, que aparentemente também gostava dele, mas tinha... era tímida. E ele c[õw̃] seu jeito, seu jeitinho de rapaz foi tentando se aproximar dela, c[õw̃]quistando ela. C[õ]preensivo, sentiu que estava apaixonado por ela, por saber e perceber que ela também gostava de ler, de ir à praia, tinha os mesmos gostos que ele e por isso ele foi ... se c[õw̃]venceu a ir falar c[õw̃] ela. Ele c[õw̃]vidou para ir a uma festa que ia estar b[õw̃]bando: DJ, luz, s[õw̃] animação, c[õw̃]versas, bebidas, garç[õw̃]. Ele foi ...O Milt[õw̃] ... o Milt[õw̃] c[õw̃]vidou a Juliana pra ir c[õw̃] ele que era uma menina que ele, ele era apaixonado também e deu uma idéia pra seu amigo de ... levar um presente pra Lucinha. Falou pra ele levar uma caixa de b[õw̃]bons. Ele disse que não, que iria levar uma c[õw̃]pota de doces que ela gostava muito. Ele era muito

t[õw̃]to, meio c[õw̃]fuso, meio desastrado, sem saber como... c[õw̃]quistar ela direito, sem saber como dizer o que estava realmente sentindo. Queria impressionar, mas não sabia como. E não era muito b[õw̃] de c[õw̃]quista. E... dizia que nem mesmo um presentinho direito ele sabia dar por estar tão apaixonado ficou meio t[õw̃]to e c[õw̃]fuso. Ele dizia que por ser apaixonado, a pess[o]a quando está apaixonada fica meio t[õw̃]ta mesmo. E quando acaba, ele se viu sonhando acordado. E enfim o sinal tocou, o sinal de educação física, e ele viu que estava apenas sonhando acordado.

Sobre o texto 2 – É um rapaz que lembra seu primeiro passeio num z[o]lógico onde foi levado pelo tio, acompanhado dos primos, lembrando/ lembra que foi o melhor passeio ... que ele fez com a família. Mesmo ele tendo se machucado, ele aproveitou bastante.

Sobre o texto 3 – Aqui fala que ... eh ... Durante o intervalo... as alunas estavam marcando de sair ... aí um colega delas chegou e ficou implicando com uma delas. Com isso elas saíram... saíram chateadas porque ele ia acabar sozinho... porque ninguém gosta de gente assim.

Informante masculino, faixa 2 – RJ

Sobre o texto 1 – B[õw̃], o texto fala sobre um rapaz que é apaixonado por uma menina chamada Lucinha e vive sonhando c[ũ] ela e ele vive num c[õ]flito, que é c[õw̃]vidá-la pra um baile ou uma festa e esse c[õw̃]vite é pra ter a oportunidade de dizer que é apaixonado, por ela e no texto ele vive sonhando c[ũ] ela, c[ũ] essa menina. B[õw̃] um belo dia numa aula de química, um rapaz que é apaixonado por uma mulher chamada Lucinha eh esquece da aula e começa a pensar no sonho que teve c[ũ] a Lucinha na praia, né? Toda situação que ela ... viu que tava na praia catando c[õ]cha, né? E que eles se beijaram. Depois disso ele acordou, né? Acabou a aula e tem um amigo que se chama Milt[õw̃] que é primo da Lucinha e que insiste que ele ... que esse rapaz c[õ]te pra Lucinha que ele é apaixonado pela Lucinha. E, inclusive, ele diz que se o rapaz não c[õ]tar o próprio Milt[õw̃] vai c[õ]tar pra prima dele. Tem o Washint[õw̃] que é irmão da Lucinha, dessa menina que gosta dele, que é o irmão mais novo dela, que é um pentelho, que vive empatando ele. E o Milt[õw̃] lembra que tem uma festa. O Milt[õw̃] e esse rapaz lembram que tem uma festa e que é a grande oportunidade dele de c[õw̃]tar, né? pra Lucinha que ele é apaixonado por ela. Só que ele/ ele não quer c[õ]tar, ele prefere c[õ]quistá-la. Então ele decidiu c[õ]prar um presente pra ela. O presente podia ser um b[õw̃]b[õw̃] ou flores. E ele decidiu dar um ... um pote de c[õw̃]pota, (risos) uma c[õw̃]pota, e o amigo dele começou a rir. Ele é um rapaz meio atrapalhado, inclusive pra c[õw̃]quista. Então o grande drama dele , vamos dizer que poderia ser um drama, é realmente c[õ]quistá-la, né? É isso.

Sobre o texto 2 – Pelo que eu entendi, o narrador está sentindo muita falta dos velhos tempos que ele passava tardes e tardes felizes com a sua família.

Sobre o texto 3 – Bom, o que eu entendi nessa mens/ nessa narrativa é que o garoto só vai ter sensibilidade à amizade quando ele perder. E as garotas estão supercertas.

Informante feminino, faixa 1 – RJ

Sobre o texto 1 – Eu entendi que ele não quer que/ c[õw̃]quistar de outro jeito. Ele mesmo quer c[õw̃]quistar ela do próprio jeito dele.

Sobre o texto 2 – O texto fala de um ... de um cara ... ele fala de quando ele era pequeno... tinha... seis anos que ... Aí ele foi pro z[o]lógico c/ a família dele e ... aí/ Foi a primeira vez que ele foi ver os bichinhos. Aí ele viu, viu o avestruz ... o c[u]elho, o macaco, o leão ... Aí ele machucou o j[u]elho, foi pra enfermaria fazer curativo e ... E ele tem saudades desse dia.

Sobre o texto 3 – Esse texto tá falando que tinha umas meninas que tavam no intervalo, tavam lanchando. Aí chega um menino muito chato que fica implicando com elas, eles discutem e elas vão embora, porque ele não dá valor a elas.

Informante masculino, faixa 1 – RJ

Sobre o texto 1 – B[õw̃], pelo que eu entendi do texto, o garoto gosta de uma garota chamada Lucinha e quer tentar c[õ]quistá-la. Mas ele quer ir aos poucos, porque ela não é uma garota que sai c[ũ] alguém assim, logo/ logo na/ na primeira vez que c[õw̃]vidam. Aí ele também teve um sonho c[ũ] ela. Tavam na praia aí ac[õw̃]tece um acidente c[ũ] irmão dela. Todo mundo desaparece e eles se beijam. Ele compr/ também c[õ]prou c[õ]vite pr'uma festa que ia ter no próximo sábado. E pra... ele ia c[õ]vidar ela. O primo dela, que é o melhor amigo dele também, também ia. C[õ]prou mais dois c[õ]vites pra c[õ]vidar outra garota. Aí eles marcaram / aí eles, eles ia chamar ela pra ir e ia perguntar a ela se ela queria dormir na casa do primo dela se fosse c[õ]veniente. Sendo que ele estava em dúvida quanto ao presente que ia c[õ]prar pra ela. Que ele não sabia ... Ele não sabia se c[õ]prava bb ou um doce de frutas. Depois ficou em dúvida se dava b[õw̃]b[õw̃] ou rosa pra ela... Não/ não chegou a nenhuma c[õ]clusão. A única c[õw̃]clusão que ele chegou era que ele era muito ruim de c[õw̃]quista. (risos)

Sobre o texto 2 – No texto tava escrito que o garoto depois de uma tarde de pásc[wa], foi no z[o]lógico com a família, viu alguns bichos, fez algumas perguntas ingênuas, depois se machucou feio, fez um curativo de bichinho. E hoje, trinta anos depois, ele sente saudades daquele tempo em que ele podia curtir a família dele.

Sobre o texto 3 – Eh... resumindo o texto: três amigas estavam conversando na hora do recreio, quando chegou um garoto implicou com uma delas, ela ficou com raiva, foi embora, as outras duas ficaram defendendo a amiga, mas depois foram embora também e o garoto ficou sozinho.

ANEXO 5 – FIGURA 1

ANEXO 6 – FIGURA 2

ANEXO 7 – FIGURA 3

ANEXO 8 –NOMES PRÓPRIOS COM [ow]